





# Antropologia Filosófica

DO HOMEM PRIMITIVO PENSANTE AO  
HOMEM PÓS-MODERNO E-LABORANTE

---

VICTOR MOTA

**artelogy**

Título: ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

Do Homem primitivo pensante ao homem pós-moderno e-laborante

Autor: Victor Mota

Concepção: Ex-Ricardo dePinho Teixeira

Design: Bruno Gomes

Capa: Victor Mota

1ª Edição: Novembro de 2017

ISBN:

Depósito Legal:

[www.artelogy.com](http://www.artelogy.com)

„Nós, empregos que aqui estamos, pelos vossos esperamos“  
anónimo português do Séc. XX

Eu e os Outros

Senhor, meu Deus, não é possível desejar para os outros mais  
do que desejamos para nós mesmos.  
Por isso eu vos rogo: depois da morte não me separeis dos que  
amei nesta Terra.  
Fazei, Senhor, Vo-lo suplico, que lá onde estiver os outros se  
achem comigo.

*Ambrósio de Milão* (Séc. IV)

A única coisa que nunca mudará no Universo é o facto de ela  
estar sempre a Mudar

*Daniel Reis*, filósofo



## INTRODUÇÃO

Oiço o meu pensamento. Atribuo tal autoria a mim mesmo e ao sentimento que tenho de mim mesmo, isto é um sentimento de pertença. A mente, as palavras pensadas, prensadas formando conceitos, são minhas, de algum modo. Deveria ouvir mais vezes essa vozinha do meu pensamento (será que o pensamento é meu?) antes de ficar louco, como Marcuse, que matou a própria mulher, segundo alguém reputado me disse há dias. Depois, eu tenho de ouvir a voz do dever, a absorção pelo Ego de tudo o que pertence ao domínio do Mundo, do *Timeu* iluminado que entra pelo olhos cansados de tantos corpos misturados. De algum modo, o que os psis enfatizam mas não reconhecem e que os filósofos acentuam, é que o sujeito social sai ferido das relações quando elas são mais ou menos duradouras, sejam familiares sejam profissionais, só as informais e circunstanciais, por manterem uma determinada auréola de improviso, fantasia, surpresa e, conseqüentemente, verdade, se mantêm no tempo. Assim, o social, bem como as cidades, ou os campos, com a sua ênfase na intersticialidade e insidiosidade das relações, enlouquece muitos que vêm nelas o novo Graal na humanidade. As pessoas tornam-se mais exigentes e autoritárias nas relações afectivas, isso modifica o Mundo, mas daí não vem nenhum mal ao Mundo, talvez seja assim mesmo a vida, o Mundo da Vida e a evolução,

ao fim e ao cabo, e não seja assim tão fácil ou preciso determinar variantes científicas no comportamento social humanos...

Supomos que a especialização dos saberes e das profissionalizações terá, no início da modernidade, pacificado a ordem social, mas num segundo momento, criou conflitos, pois significou a única saída de felicidade para as angústias existenciais do Sujeito. Agora, todos competiam uns com os outros, mas em áreas diferentes, todos estavam fazendo coisas diferentes, embora fazendo, no fundo, todas a mesma coisa, procurando-se realizar, serem felizes... Assim, na vida social da cidade, como diria Simmel, perdem-se as referências, elas existem, mas estão tão rarefeitas que o sujeito, insistindo em encontrá-las, porque se sente bem com elas, tem de se esforçar muito mais do que em outros contextos em que elas estão bem amsi patentes e eis que por vezes há sujeitos que as perdem de todo e eis aqui como começa toda o trabalho de „reposição“ de valores das actividades judiciais (polícia, desde já, funcionários da justiça, depois dos psicólogos e médicos). Esta falta de referências pode vir a ser patológica e causar dano a Si próprio (suicídio), ao Outro (homicídio, psicopatia, sociopatia), à sociedade em geral, por uma acção sistemática em geral de sencantamento por meio de uma cultura do pessimismo desencarnada de valores ligados à vida herdados pela tradição judaico-cristã. Mas o secularismo também tem os seus valores. A mau modesto ver, a vida social tem ciclos e o fenómeno do *déjà-vu* é qualquer coisa que obedece a esses ciclos, qualquer coisa de social e de individual ao mesmo tempo, que age



e se verifica ao mesmo tempo nos dois registos, o pessoal e o inter-pessoal. Devemo-nos perguntar o que é, antes de mais a filosofia, eu diria que, para nós, é um lugar incómodo, porque desde há bastante tempo escolhi estar fora da zona de conforto no que se refere a registos de intelectualidade. O problema da sociedade, e parece de muitos indivíduos, ou sujeitos, como gosta de dizer a filosofia, é que têm pouca consciência de grupo, pmas por outro lado precisam de se refugiar no grupo para mascarar a sua falta de consciência individual e de grupo, pois parece-me que há uma tendência no grupo para julgar aparentemente o sujeito que surge individualmente como não tendo grupo, assim trata-se de uma deficiente visão do que é o grupo, como algo de aglomerado, desajeitado, amorfo, desregrado, animlesco. Por outro lado, a sociedade, essa entidade ainda pouco conhecida, esse Leviatã, tem tendência a forçar o sujeito a ter intercurso sexual com não importa com que outro sujeito seja, de modo a ampliar o seu número de exemplares e logo a sua força física e psíquica. Trata-se de uma estratégia rudimentar, a que resistem apenas os mais fortes, que nem sempre são os mais estudiosos ou iluminados mas por vezes são aqueles que mais intuição e instinto de sobrevivência individual -logo, de grupo- têm. A sociedade é essa coisa ainda pouco estudada, de que todos parecem perceber alguma coisa e todos não percebem coisa nenhuma. Muitos vêm das ciências exactas e logo pensam que é fácil, outros da literatura e não têm arcabouço, outros por serem da ciência social acham que é uma ciência ou uma arte e fazem disso uma profissão para proveito

próprio ou da humanidade, ou até do seu grupo de interesse, para se afirmarem socialmente ou por motivos obscuro que nunca explicam, pois raro é o cientista social que falam em si, que explica por termos objectivos o que pretende, por meio de um texto literário autobiográfico ou confessional; parecem ter ambição, mas não têm, têm estratégia política e róem as unhas às escondidas. Estes são os cientistas sociais de craveira que temos<sup>1</sup>. Depois, deveríamos falar dos perigos da livre expressão ou da ditadura da livre expressão e dos direitos humanos, de que muitos beneficiam oportunisticamen-

---

1. Também nós, enquanto antropólogos de formação, cientistas sociais, portanto, mas não somente enquanto tal, estamos em Lisboa desde 1994 batendo às mais diversas portas (quantas? 365? 366?), não „conseguimos“, melhor, nos negaram, qualquer trabalho na área, desde a academia, às empresas, às associações culturais, pelas mais diversas razões, mas talvez porque heróicamente agimos individualmente em nome „deles“, do grupo. Não há heróis em Lisboa. Há um „Rei“ sem trabalho... Talvez mesmo por ser reformado pensionista por invalidez de 30% desde os 35 anos, devido a ter OCD, doença que 5% da população mundial mundial tem, sendo alvo constante de gozo e chacota num meio pequeno como a aldeia de origem ou mesmo a cidade de Lisboa, junto de quem recebe o currículo para o emprego, via email ou presencialmente ou de quem entrevista e nega o emprego por essa ou outra razão, talvez mesmo pelo facto de ser antropólogo. Acresce a isso, a discriminação da própria academia, talvez pelo facto de ter estado na vida religiosa, a que os antropólogos portugueses, diletantes e habituados a serem mais „divertidos“, quer por uso de drogas, quer por pertencerem a estratos sociais mais elevados da elite lisboeta, cultiavando um visão muito pouco „técnica“ da antropologia, nomeadamente a social. São anos e anos de espera, de procura, de escrita, filosófica e antropológica, de procura (de trabalho e dia'logo) e de discriminação também.

te, em termos financeiros e outros, em termos de benefícios diretos (Bancos, ONG's, Partidos Políticos, Universidades). É tanto o perigo do excesso de democracia (libertinagem) como da ditadura (controlo social e imposição da nossa vontade política ao Outro). Em todas as minhas investigações lógicas, o únicos pontos de ancoragem que encontro é a finitude do Homem, o hábito de pensar em prolongar a sua estada neste sistema de vida e de pensamento que é a existência nesta vida que nos foi dada ou desenvolvida por nós mesmo através de uma mínima potenciação recebida de Alguém. Leio Emmanuel Mounier e nada faz sentido, os tempos mudam demasiado depressa e a tecnologia não muda independentemente do Homem, e não é o Homem que muda, nem sequer a realidade ou a relação entre ambos, o que Criador, o que origininou tudo Isto, há qualquer coisa que muda, que está em Devir, como dizia Parménides, o próprio Devir é Devir em Si Mesmo e cíclicamente, elipticamente influencia o Homem. O que parece é que em democracias, sendo a maior parte das vozes ouvidas e funcionando a imprensa (ou não) como reguladora das consciências, qualquer falta é sentida como um abalo no sistema, sendo tanto mais quanto mais visibilidade tiver o interveniente. Mas pode um só Homem abarcar o Todo (no sentido de Lévinas, de Spinoza, de Mauss)? O Todo que contém em Si enquanto ser individual que é? Ou não É? Aí voltamos à velha questão que está na origem do utilitarismo: toda a acção e pensamento humanos têm um sentido prático, isto é, visam o lucro monetário, a ultrapassagem do Outro, a sobrevivência física (evolucionista) de si mesmo?

O tempo pergunta ao tempo quanto tempo o tempo tem, o tempo diz que tem o tempo que o tempo tem. Carrega na tecla para uma explosão de gozo eflúvio, determinado pela fumarada da forma mais ou mesmo complacente com que pretende repetir o dia de ontem, quando jazias estendida na “marmorosa” placidez de uma inspiradora Calíope. No espaço da tua liberdade, livremente abraças o nunca partir, o nunca aqui e além, fora da mente, fora de ti Mesma, acrescentando a diversos rios o vagar de uma cerimónia de dor, onde a morte de constata várias vezes, entre Ti Mesma e a projecção de um momento especial, um fado arremessado além do vento, entre teu corpo, teus seios naturalmente perfeitos, tua declaração de apaixonada baliza e que me faz ganhar alento e sorte. O diabo em teu corpo tem comigo o anjo que sobe a respiração de rosas encarnadas e brancas, quando te vestes depois de uma cerimónia singular. O tempo pergunta ao tempo quanto tempo o tempo tem, o tempo diz que o tempo tem o tempo que o tempo tem ou não tem. Será um *flop* pensar assim, entre espaço e tempo, elidindo o tempo e perdendo-nos no espaço numa vertigem, numa friesta invisível, além da circunstância mais ou menos desnecessária ao alento com que a sebe se projeta em redor de uma mágoa esquecida, de uma lágrima vertida, de um calor espontâneo, sob o signo do banal psicanalítico; será a psicanálise a cura para males de compressões sentimentais, peripatéticas, trocando os passos a um pensador forçado, além das sirenes de uma ordem, de um atento resguardar de um património,

de uma herança genética, de um trovar esquecido nas vielas, encontrado nas hipóteses, quando um livre pensador não pode estar ao serviço de nenhuma instituição, ainda que fazendo dela parte defenda ou não os seus interesses. Verter para o crisol do pensamento as culturas, misturando sagrado e profano que fazem parte da natureza humana, bem e mal a fim de que esta se perpetue além do tempo, na Lua ou em Marte, num outro planeta, numa outra sexta dimensão, além do que vêm nossos olhos, na mira de uma eternidade musicada e aromática. O tempo pergunta ao tempo quanto tempo o tempo tem e o tempo responde ao tempo que o tempo tem ou não tem o que o tempo tem.

O tempo que se inicia e o que se completa, o indivíduo concatena com o grupo que inicia teologicamente o tempo, na apresentação do contraditório do tempo. O tempo e o espaço, as disciplinas, o saber disciplinados além das colinas, além de mim e de ti, de um desejo de ser melhor para que nada se repita e volte a acontecer. Fim do tempo não é fim. O tempo não tem tempo para saber do tempo, o tempo regressa ao tempo para saber o tempo que faz, e o que faz ao tempo o tempo enquanto o tempo se Vê fora do tempo, sendo o tempo se o tempo que leva daqui a nada é afinal de contas algum tempo para saber ao certo quanto tempo falta para que o tempo se cumpra e se estender, antes e depois de decorrido algum tempo, enquanto o tempo espera olhando e sentindo o tempo que decorre no final do tempo que passou.

O tempo responde ao tempo que o passar do tempo é somente

um quanto tempo antes de decorrido o tempo que o tempo leva daqui ao fim do tempo, sabendo o tempo que o tempo espera pelo tempo enquanto leva tempo para ouvir o que o tempo decorrido diz com tempo ao final de um certo que antes de tempo pode ser o tempo que permite ao tempo entender um ou outro tempo sem que leve tempo para chegar a lugar algum antes do tempo. João Sebastião Bach, Mozart, Albinoni, Haydn. A música do acaso leva um certo tempo a se ouvir com o devido tempo, antes que acabe o tempo de chegar a tempo para cheirar o tempo que faz antes de saber o tempo que faz, se chove, se faz sol, se a mãe está viva, se o pai envelhece, se a conversa é chata, se há tempo para dedicar ao tempo algum tempo antes de tempo para depois voltar com tempo para saber o determinado tempo, moral ou ético, que talvez um certo tempo se espera para saber com tempo que o tempo tem dom de confessar com tempo donde parte e para onde se dirige, antes ou depois do tempo, pois com tempo chegaremos a algum espaço de tempo. O ator é o que não cumpre o desejo antes do tempo. O pensador cumpre o desejo antes do tempo. Michel Onfray defende o contraditória contradição entre um garrafão de vinho e um bom argumento, Eu sou. Aqui jaz o tempo, mais além, mais aquém de uma forma mais ou menos regular de regulação, do direito e do avesso, como dizia Camus. A maior parte das pessoas refugiam-me na identidade para esconder as vergonhas e a “forção” irracional de se agarrarem à vida. Os deuses andam loucos, Deus não existe, os homens andam loucos para se tornarem deuses. A redenção passa

pelo inferno, pela regressão e purga das faltas para consigo, consigo e com os outros. O Eu e os Outros e a relação difícil que tem de se construir para quem o mundo ande para a frente e que o sonho de poucos seja a realidade de todos, porque são poucos os que sabem sonhar, são poucos os que desejam o mal de si mesmos e o bem dos outros. Nietzsche certamente não era um deles, pois não pode um indivíduo combater todo o sistema sem que seja eliminado fisicamente, ficando a sua memória para bem dos que fazem mal e dizem bem, para mal dos que fazem mal e dizem mal, com objetivos irracionais, esquizofrenias diversas, trejeitos mentais e vícios de pensamento obsessivos e maníacos, postergações mais ou menos espasmódicas de que não sabe corporizar o bem. Assim, andando de um lado para o outro, uns ensinam aos outros o vício de pensar, outros o vício de agir impulsivamente, delegando nos inferiores, crianças incluídas, o vício de matar o pensamento e físico, de poluir o ar de culpa e suspeita, de elidir a biografia, o reconhecimento, a morte e o renascimento, além de um irracional medo de estar vivo, de construir frases e conspirações, de pensar pelos outros e não por si mesmo, de atribuir aos outros pensamentos pecaminosos que têm em plena luz do dia, como vampiros que são. Assim, os dias sucedem-se aos dias, na crónica dos dias em que os pecados são entremeados com desejo, enquanto a efusão teórica das manifestações telúricas de um corpo que se desloca para cima, com os olhos em bico, desgraçadamente maquinado à custa de sexo, acaba por funcionar ao contrário nas reais fantasmagóricas suspeitas dos

mafiosos convictos que, de uma maneira mais ou menos silenciosa, acabam por se revelar fratricidas, suicidas, infanticidas, terroristas, psicóticos, sociopatas, e donos de muito mais manifestações que nem são telúricas nem aéreas e põem a sociedade em risco, contra a integridade física que não merecem ter. Mas, pensando melhor, enquanto descrevo o pensamento contemporâneo com toda a acuidade do contraditório, em sede de direito, reservo a mi mesmo o direito à felicidade e à justiça, a justiça de uma gaivota que levanta vôo sob a música de um indivíduo vulgar. Um dia mais tarde, os entrefolhos da mente hão-de revelar podridões diversas, no âmbito socio-económico, da clara manifestação de uma ordem quejanda de sentimentos desiguais e ôcos. Não estou a descrever o que sinto, mas o que me foi ensinado pelas ruas, onde levei porrada, onde, não me fazendo de advogado do diabo, comprimi a justiça com o colete de forças de Deus e dos demónios que habitam na cabeça dos jovens e das crianças que ensinam os pais o comportamento conveniente na loja conveniente. Voltarei, quando o tempo o permitir, a escrever à chuva sob o manto branco da vergonha dos fanatismos repetitivos e dos laxismos cosmopolitas. Sou eu contra eu mesmo.

O tempo diz que o tempo tem tempo de esperar que o tempo perca o tempo a fim de ganhar tempo. O tempo tem princípio e fim e o fim do tempo é não saber o fim. A terapia é um broche que se põe no tempo. E o tempo permite termos tempo para tudo o que o tempo tira e dá, sem nada pedir em troca. Assim, no exercício de reiteração do Eu através da linha do tempo, em termos elípticos,



espirais, temos, uma face que absorve os dados da realidade através da visão, e outra, através da linha imediata da percepção, que “limpa” esses dados de modo a que a mente possa ser uma “tabula rasa” todo o tempo, como se fosse um tabuleiro que leva o pão ao forno para o cozer, sucessivamente. É, portanto, nosso intento principal neste texto, buscar o ponto de contacto entre a civilização ocidental e a religião primitiva. Pode ser em termos contextuais um povo, uma cultura, uma nação, um grupo social, histórica e geograficamente demarcado; pode ser apenas uma teoria política. Entre adolescência e idade adulta, o Eu reiterado procura fazer opções que o comprometem mais ou menos com a ordem do social em que se encontra imerso, tentando com a desejada autonomia de pensamento sair do pântano de areias movediças de modo a destacar-se como líder do seu grupo social, da sua classe, do seu quadro profissional ou familiar.

O ponto de encontro entre ocidente e o primitivo encontra-se talvez entre dois corpos distintos, um branco e um negro, um índio e um europeu, na fusão de duas mentalidades, de duas escritas, dois alfabetos, duas formas de interpretar o mundo, de conceber realizações hipotéticas acerca das leis e concepções cósmicas, resulta então da união entre imanente e transcendente, entre antropologia e filosofia, entre palavra e conceito, entre pedra e água, entre elemento e sentimento, entre corpo e alma. Assim, toda a patologia é saudável, mais saudável do que a normalidade, pois esta é uma

forma de ditadura do desinteresse, de anormalidade, porque a patologia é obsessivo interesse, inflamação, exacerbamento, reiteração do sentimento de pertença em relação ao Outro, à pertença do Outro. Assim, o amor à Filosofia vai-se estriando no sentimento de pertença que se perde através dos muros grafitados, entre as memórias de infância e uma adolescência estiolada, quando a biografia se estilhaça na mente composta por diversos fragmentos de identidade colectiva incidindo no grupo social que não se esquece e ao qual se pretende de algum modo regressar para estar enquanto idoso (um teste à sabedoria, à teimosia e à doença da memória estilhaçada), num caminho de degradação que não é senão um momento longo de sucessivas etapas que conduzem à velhice, à idade onde a sabedoria é um dado adquirido mas a força física e psíquica se vê perdida entre os canaviais onde se brincava em menino. Então, porquê dar crédito a uma sociedade que nos nega um elo com ela própria, que nos discrimina e nos joga a um canto à medida que o tempo vai passando e nos rejeita? Porquê continuar a acreditar na sociedade e no seu poder regenerador? Porque, de certo modo, o humano, é incompatível com o social, na medida em que o humano diz respeito à preservação da espécie, ao húmus, ao lócus de existência e permanência de sentidos de existência, enquanto o social diz respeito aos laços que garantem a sobrevivência do Ser enquanto social. Ora, nem sempre o social significa existência, permanência no Tempo. A maior parte das vezes, o borbulhar da vida é mais longo no campo do Humano do que no do Social e o Sujeito não precisa

de laços para sobreviver, sendo que esses laços tanto pode funcionar em sentido destrutivo como construtivo. A questão moral é essencialmente estática, merleau-pontyana, tem a ver essencialmente que o que Nuno Nabais fala do olho enquanto cérebro e do cérebro enquanto olho, ou melhor, do olho enquanto Deus e do cérebro enquanto Deus e juiz, de mim mesmo, e dos outros, do Outro, do Grande Outro, do Big Brother, e do Outro, do semelhante que se erige enquanto superhomem antes que o Si Mesmo se erija enquanto tal por exacerbação humilhante de Si Mesmo pela sua constante reiteração ao longo do tempo em termos de identidade pessoal. Mas vamos a questões de antropologia filosófica.

Assim como o segredo da Vida está, na minha opinião, no devir, no movimento, o segredo das ciências humanas, está também no movimento, neste caso das pessoas, e isso quer dizer, relação, interação. Por outro lado, poder-se-á analisar a loucura sob um ponto de vista filosófico? Ou seja, sob um ponto de vista que não seja o meramente médico? Estará a questão reduzida ao tema socrático mente sã em corpo são? Não viverá o senso-comum e o cidadão do senso comum por chavões que orientam a sua vida e o inconsciente coletivo? E o desporto? Porque precisamos de fazer desporto sempre que nos sentimos próximos de chegar a um estado de loucura, de desorganização mental? Porque é que só a religião e o coletivo nos podem curar da loucura? A loucura está indelevelmente ligada à solidão e à falta de afeto? Um outro aspeto tem a ver com o predomínio da técnica sobre o conhecimento teórico, da antropologia sobre

a filosofia, sendo que se despreza a antropologia, que tem o poder, e se admira a filosofia, que também tem o poder, o poder simbólico, o poder do onírico.

Pretendemos não só com este postdoc desenvolver e ampliar, bem como encerrar as nossas investigações ao nível de uma antropologia filosófica, mas atambém apresentar o resultado de uma teoria própria, uma descoberta que reflecte o nosso contacto com as ciências sociais e do comportamento e com a filosofia, a saber a seguinte: o código da vida equivale à seguinte formulação: *halo* (espírito) mais (+) O (hidrogénio). Iremos demonstrar a nossa teoria filosoficamente, fundada na antropologia filosófica e noutros dados e teorias de que a seu tempo nos iremos socorrer, como como demonstrações retiradas da nossas observação e especulação.

Então, temos, espírito, **pneumatós**, mais hidrogénio, um componente espiritual e um componente material, supostamente na morte o material fica, permanece na terra e o espiritual evade-se do copro a que estava „agarrado“. Mas pode um morto gerar vida? Pode um Deus morto gerar vida? Pode alguém ressuscitar? Se retirarmos o pneuma a uma pessoa ela permanece via, decerto, mas sem inteligência para se guiar. Será preciso observar a morte, antropologicamente, para compreender a forma como se passa da vida à não-vida? Se explicar filosoficamente não basta, será preciso fazê-lo com observação etnográfica? E de que género? Em cemitérios? Em hospitais? Poderemos demonstrar filosoficamente este código da vida que propomos? Assim, o halo é o que exalado da pessoa na

hora da morte, o Eu cansado de viver que se projecta no infinito, talvez para outra vida, ou que escapa num gripo, do corpo, num acidente de automóvel ou numa facada violenta numa rixa de bairro. Estamos aqui diante da relação corpo-espírito, equacionando provavelmente a negação da alma e da mente e dos psiquiatras (medicina ocidental) e da religião. Pretende ver o homem como um Ser eminentemente espiritual, reflexo do mundo natural e nomeadamente das plantas, que crescem com os restos dos humanos. Ante a vida há uma descrição, ante a morte, há uma contemplação. Do ponto de vista humano. A vida esgueira-se, do lado de cá, foge quando apertada, agarrada, como uma cobra, tende a sobreviver, a persistir, em qualquer lugar, por mais inóspito que seja. A morte está patente, é o nada, ausência de tempo e de espaço e até de poder, de referências, autêntico cheque-mate à vida, consciência total de tudo e todos.

De modo que o verdadeiro enigma do futuro da humanidade para o homem talvez seja produzir sentido, continuar a produzir sentido, fazer com que a sua existência, individual ou colectiva, faça de algum modo sentido, para si como para o Outro e andamos sempre nisto, como se fosse cíclico, quase eliadiano, mas, de algum modo, mas sentido. Assim, mesmo em arte e mesmo num contexto citadino, onde facilmente se perde o sentido da existência, com dissonâncias psicanalíticas e psiquátricas várias, o homem procura, mesmo na sua rendição e em desistindo, procura ainda e desiste procurando e procura desistindo até ao fim da sua vida. A sua vida não é mais do que vislumbre, procura sem sentido, porque a partir

do momento em que faz sentido por um montão de pedras, uma casa, um livro, um amor, ele logo parte para outra, insatisfeito, querendo mais. É assim o espírito, **pneumatós**, que o anima, sempre insatisfeito. O corpo é apenas o invólucro e as sensões forma de o espírito se servir da matéria para chegar onde tem de chegar...Mas, não estrá perdido o Homem contemporâneo porque deliberadamente se jogou na dissonância de um mundo espartilhado de sentido, quer pela ausência de Deus, que uns reafirmam, outros negam positivamente, outras ainda vendam os olhos à sua realização, que pela proliferalização da morte e do ódio contra o Outro (Darfur, mais que Aushwitz), sendo que neste particular se ilustra que a filosofia se dedica ao saber ocidental, rico, capitalista, e a antropologia ao saber tradicional, pobre primitivo, e que para muitos autores não há neste particular sentido de união universal possível. Dissonância...consonância...são como a música *pop-rock*, música de fundo de uma unidade industrial onde se produz um produto, que produz afinal imensos desperdícios, mas não serão afinal duas faces de uma mesma moeda que o espírito (*génie*, em francês) humano introduziu no mundo, no seu mundo? Depois, o que define essencialmente o espírito é que, umas vezes está parado, outras corre desenfreadamente. Quando corre desenfreadamente sem parar, chama-se cupidez e pode ser de vária ordem, por comida, sexo, ódio, etc e isso tem essencialmente a ver com os contextos cutlurais que os antropólogos definem, estruturam e estudam, ou seja, a cultura. A antropologia tende frequentemente a se uma ciência que o estudiosos e o público

em geral usam com muita cupidez mas logo é jogada no lixo à primeira oportunidade, como algo usual, banal, como um desperdício até, para não dizer pior, ou seja, como uma prostituta a que se usa e de descarta. No contexto, então, não há o mínimo de decência e ética porque o sujeito não têm consciência da dimensão global, mas as coisas começam perigosamente a alterar-se, o local refere-se cada vez mais ao global e o que se faz localmente cada vez mais afecta o global, muito por noção dos novos media e, de certo modo, das televisões. O espírito, então, tende a progredir intensamente, como um corredor, cujo objectivo é chegar o mais rapidamente à meta, ou então simplesmente acabar a corrida, e no final a chama vai-se apagando; com a vida é assim, no final o corpo quase se extingue e quase nada sobre, está encarquilhado, enrugado, sem vigor, como se desaparece no vazio e na escuridão da eternidade para sempre. O grande problema do humano, porém, não é este. O grande problema do humano é o humano em si, o que é humano, ou seja, como pode o humano lidar consigo mesmo em primeiro lugar e depois com o que o cerca e supostamente não é humano. Assim, refugiado em si Mesmo, na sua intimidade cultural, o homem, em comunidade no da solidão imaginária do pensador, com o cotovelo no joelho, vale-se da sua melhor arma e esta é o pensamento, arma de dois gumes, que tanto pode ser a melhor arma para a solidão como o pior dos gumes e pesadelo para ela, que tanto pode ajudar a superar a tristeza e a depressão em grupo como pode derivar em loucura e dissonância colectiva que, contudo, se atentarmos nas

cerimónias cíclicas como as de *potlatch*, servem para reafirmar a ordem e o equilíbrio social e, porque não, individual. Assim, quando o espírito é treinado torna-se pensamento, torna-se bom espírito, *hau*, vai e regressa ao seu dono, àquele que o emite, tanto em termos económicos como em termos simbólicos. Assim, a lógica de todo o pensamento não é a sua lineariedade, mas o regresso a uma iluminação essencial, inicial, a um espasmo, a um espanto inicial. Por isso, outras artes têm mais sucesso que a literatura ou filosofia (será a filosofia uma arte?), como a fotografia, o cinema, a poesia, porque vivem e exploram (diria até, dilatam) esse espanto inicial, o que as torna de certo modo talvez mais cansativas do que a literatura. Em certo sentido, porque a literatura e a filosofia captam realidades -um todo- que elas não captam e têm de dar tempo ao tempo. O tempo que o tempo tem ou por vezes não tem e tem o autor de arranjar. Ora, por outro lado, a situação do autor na escala social ajuda à credibilidade da sua obra? Ou seja, pode o tempo premiar uma obra (literária, *tout-court*). Não se sabe ao certo. Enquanto antropólogo, habituado a viver na margem, creio que a margem ajuda à produção intelectual, mas o facto de pertencer à elite ajuda à sua divulgação. O tempo pode fazer tudo. A persistência do autor é tudo, mas a qualidade pode fazer persistir a intenção do autor no tempo, e isso é o mais importante numa obra literário-científica. Hoje em dia, em termos de sociologia do livro, quase toda a gente escreve, sobre tudo e todos, sobre si, sobre objectos, culinária, carros, mas pouca gente lê, porque não há tempo, então escreve-se, muito, com boa e



má qualidade, tudo muito *in* e „curtido“. Não há reflexão, mesmo na filosofia. A filosofia continua a não oferecer uma resposta cabal porque se concentra nas questões genéricas, fruto de espíritos errantes que observam de leve ocasionalmente pintura, fotográfica, arte em geral, raramente estão atentos às pessoas, seus hábitos, costumes, leis, regras sociais, e etc, à exaustão da exaração do conteúdo e do significado teórico, esquemático-simbólico<sup>2</sup>.

---

2. Mas há antropólogos e antropólogos, assim como há filósofos e filósofos. Há os que são ateus e os crentes. O que são ateus, normalmente são dissolutos, seja filósofos ou antropólogos. Os que são crentes não gostam de mulheres, são normalmente celibatários. Mas não creio que sejam pedantes, como alguns intelectuais que conheço ou observo. Somente não procuraram o suficiente. Agarraram-se aos autores clássicos como se fossem santos, ou deuses, sobstitutos do Seu Deus de juventude, porventura e erigiram a sua obra a partir desses monumentos. Poucos são aqueles que arriscaram grassar na selva sózinhos, com risco de serem intelectualmente (ou fisicamente) mortos ou de se suicidarem, para depois (ou não) rebaterem a sua obra com os mais diversos autores da filosofia, da sociologia e da antropologia ou etnologia. O desemprego (diria Yáñes-Casal) tem destas vantagens: ovseram-se as pessoas e tiram-se muitas conclusões sobre elas, elaborando as mais diversas teorias, mais ou menos notáveis. Enfim, dir-se-ia: aqui esteve um español.



## CAPÍTULO I

### **O HOMEM COMO ANIMAL SIMBÓLICO. ESBOÇO E FUNDAMENTAÇÃO DE UMA NOVA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA A PARTIR DE KANT, CASSIRER, PLESSNER E GEHELEN**

Um dia destes encontrei um jovem filósofo que me fez lembrar eu mesmo num desses dias de solidão extrema, em que as interrogações e conhecimentos, achados de circunstância, são inúmeros e o texto frutuoso e genial, pronto a ser enviado para importante revista, num desses dias de „orgia“ intelectual, efusiva dilaceração do Eu prenhe de idealizações desgarradas e por isso mais voluntariamente notáveis. Dizia-me esatr perto de descobrir um bolha conceptual onde habitaria um par de ano, um conceito novo, não muito ambicioso, fruto de algumas leitura de autores alemães e americanos, nunca franceses ou ingleses. O *Código da Vida*, portanto. Eu considerei a ideia atractiva e nunca em minha ideia coube desiludi-lo. Mas também não o incentivei. Coloquei-lhe a seguinte questão: „Jovem amigo, que sabes tu do magma?“

Ele disse, aturdido? Magma, significação geológica ou espiritual, Professor?“ Não, magma no sentido de Vida, o filósofo não é tudo nem é nada, não persengue nem admite, nem sequer fica para

trás, quanto ao Tudo, ao Todo, e ao Nada, entendes? O Magma é a substância que se detém ante a vida, que faz deter e analisar a Vida, é a Vida em SI mesmo quando encarada sob o ponto de vista da carga conceptual de que está armado o filósofo. Se o filósofo não está pronto, apto, a olhar e sentir o Magma, jamais poderá fazer filosofia, porque o filósofo estoicista alheia-se do magma, o epicurista também, o empiricista também, o sofista ainda mais, habitando em número abundante nas Terras de Espanha e Portugal, veja-se Unamuno, o hedonista é exterminado teoricamente pelo Magma, portanto só o idealista, no sentido trasncental, pode realizar o magma para além da sua pregação, na cruz, inclusivé e levar a Filosofia a bom termo em termos de Vida e argumentação. Faz o que tens a fazer, descreve o teu Código da Vida, mas lembra-te que a actividade filosófica é essencialmente um arte de caminhar ao lado dos pensamentos, das ideias, firmadas e novas, das coisas, leves ou pesadas, dos objectos e dos sentimentos, é um arte que se assemelha à do detective, como se houvesse em algum dia, em alguma vez, presumivelmente contra alguém, um crime. É, portanto, a arte de seguir, perseguir, reafirmar, argumentar a Vida. Entendes?“ E logo segui o meu caminho, como ele seguiu o seu, não sabendo eu que ele era uma duplicação de Mim Mesmo no passado que se projectava neste presente e que iria lançar-se num futuro que eu muito provavelmente não habitaria...

Assim, tanto antropólogo como filósofo e de resto também sociólogo (entre outros) encaram a realidade como desafio („la réalité

comme déficit“, diria um certo autor), ou seja, criam realidades a partir da realidade, como que multiplicando pães, fazendo milagres concretos que ninguém vê e ninguém testemunha mas que se operam em certo sentido numa realidade paralela à dos comuns-mortais e que os favorece por portas tranasviadas, por mor dos deuses, de um lado, nas suas mais diversas funções cósmicos-terrenas e, do grande Deus na Sua grande função essencialmente unificadora, demiúrgica. Se a realidade não existisse, o filósofo ficaria sem chão. Logo, a tarefa do filósofo é de certo modo, dependente de „concreções“ (como diria um Professor da Faculdade de Letras), estas multiplicam-se ante o olhar, que projecta força de visão para o magma existente Além-de-Si e recebe sinais de evidência em termos de conceitos, expressões e palavras, com os quais elabora a teoria com que pode organizar esse real. Então, porque não o faz? Porque é que o filósofo se abstrai de interferir na realidade? Porque ele É a realidade. Quando ao antropólogo, ele procede de Outro modo. Vai para o terreno, para os dois anos de trabalho de campo, como tabula rasa por um lado, em termos de convicções existenciais e culturais, mas de alguma modo se permitir deter na sua consciente referência os apotegmas e estruturas culturais do seu próprio meio cultural, pois o método etnográfico é comparativo por natureza. A constante comparação com os locais, normalmente com nativos de uma cultura „inferior“, ou seja, em termos económico-sociais (de **status**, de desenvolvimento, no sentido evolucionista), gera um efeito-síntese que se reproduz num texto que reflecte o seu ponto de vista pes-

soa sobre a experiência de vivência e captação do „modus vivendi“ de uma cultura Outra, que nunca é totalmente objectiva (ou seja, „as culturas são textos“ (como George Marcus dizia nos anos 80“), nem é mister que seja; é assim resultado da fusão entre a „crença“ do antropólogo teórico e a cultura local, de que resulta um texto, subjectivo, „filosófico“, pronto a ser circulado no meio académico, inclusive para reflexão filosófica, mas também para utilidade dos mais diversos serviços públicos e sociais: advogados, turistas, gestores, investidores, economistas, jornalistas, enfim, quase todo o tipo de profissões...

Disse um dia um sábio que há três tipos de pessoas: a) aquelas que se preocupam com as coisas; b) aquelas que se preocupam com as pessoas; c) aquelas que se preocupam com as ideias. Digamos que os filósofos se preocupam com o terceiro tipo de opções, de registos, exceptuando os chichis e outras necessidades que também os ocupam como os comuns dos mortais... Os sociólogos preocupam-se com as pessoas, as relações entre as pessoas, enquanto os antropólogos se preocupam com ideias, coisas e pessoas. São os intelectuais completos, verdadeiramente comprometidos com o Mundo, sua Transformação (de algum modo marxista) , seu desenvolvimento, sua extensividade na mente e seu reflexo na realidade assim desse modo tripartida. Podemos levar a questão para a filosofia moral e dizer que há materialistas, fofoqueiros e idealistas, e dizer que num contexto cultural como o de Lisboa, que se diz cosmopolita, há muito espaço para os dois primeiros grupos pulularem à-vontade,

enquanto o terceiro grupo viaja para apanhar os ares de Paris ou Heidelberg, representando neste local terreno um fantochismo circence que tem a ver com uma certa forma de Ser português, essencialmente ligada ao fado e à nostalgia, ao comércio no desalento, a uma certa forma de humor que diz muito sobre o Estar-Aqui e não tanto sobre o Estar o Ser-Aí a não ser que desegue no rio Tejo<sup>3</sup>. De um modo ou de outro, o filósofo é um apaixonado, apaixonado pela vida e pelos prazeres, apreciando a companhia de belas mulheres. Por isso, por pensar tanto no amplexo, passar a maior parte do Tempo evitando-o, fugindo dele, como se o desejasse, como quem fosse de um acidente de viação querendo ao mesmo tempo saber o que *ali* aconteceu. Este sentido do desejo encontra um sentido verdadeiramente íntimo e científico na libido do filósofo, distinta da do cientista social: enquanto o filósofo precisa que „subam“

---

<sup>3</sup> Motiva-me essencialmente neste texto uma amizade com um sociólogo, amigo de infância, com quem tenho uma finidade mais que electiva, intelectual, afectiva, resultante de partilhas de infância e adolescência. Enquanto ele escolheu um caminho de moderação na vida, i.e., permaneceu no liceu (escola secundária, mais propriamente) até ao 12º ano, eu escolhi o seminário, depois o convento; enquanto ele escolheu Coimbra, ali a poucos quilómetros de casa, eu escolhi a cosmopolita Lisboa, com todos os riscos para a (falta de) vida afectiva e profissional...até hoje; enquanto ele escolheu a Sociologia, a meu conselho, ao invés de Direito, ainda que em Coimbra, eu escolhi a radical Antropologia Social, em Lisboa, numa escola de vanguarda na capital. Sempre fui radical, tendo dificuldade em fazer opções moderadas, mas a idade, o gosto e o hábito de pensar, trouxeram-me sabiamente outra forma de ver a vida...

ao seu mundo transcendental ou precisa, de certo modo, de descer à terra onde habitam os simples terráqueos, exercendo, quando se tem lugar, o papel de revelação que dá fruto em inúmeras reflexões escritas, o sexo, para o cientista, nomeadamente o social, representa um mero prémio que auferê da sociedade pelo seu trabalho social, pela sua tarefa de *connaissanceur* dos meios e de descortinador dos papéis dos actores sociais na cela sociológica e antropológica ou da sociedade e das culturas em geral (do grupo, basicamente falando). Enquanto teoricamente o filósofo deseja e ao mesmo tempo rejeita o amplexo, sabendo que precisa dele desesperadamente, oferecendo o papel activo à fêmea, neste caso, o cientista social representa a posição de missionário e cumpre um „papel eficiente“, efetivo, não tanto como se desejasse, mas como se libertasse de um peso, ainda que o amor literário-romântico seja forma abundante de cultivo na sua obra e parte constante da sua bibliografia, acabando muitas vezes por desistir da ciência social e enveredando pela ficção<sup>4</sup>. As-

---

<sup>4</sup> No caso, etnoficção, géneros que não permitem vender best-seller, mas que admitem a atribuição de Prémios especiais de dedicação à ciência antropológica, como se se tratasse de um prémio de consolação para o antropólogo que escreves teses „pobres“, se é que tal coisa se reserva existir, em certo sentido. Quanto ao sociólogo, ele acaba certamente por conciliar a produção de sociologia com a de romances ou novelas, nunca sendo demasiado conhecido ou premiado, ficando na maior parte dos casos a sua obra literária na gaveta, talvez porque tivesse vivido demasiado tempo obcecado por item „poder“, coisa a que não é alheia a preocupação do antropólogo quando alheada à arte, ao simbolismo, às estruturas e organização social. Só que há um importante traço que une antropólogos (etnólogos) a romancistas: o ruralismo. Neste sentido, a teoria antropológica pode tanto ser



sim sendo, enquanto a prosa literária cobre os limites (e os força, quando a genialidade do autor-escritor se debate com o carácter sanguíneo da sua tensão criativa), a obra filosófica tem um carácter mais exigente do que, por exemplo, a obra musical: exige silêncio, sofrimento, abnegação, padecimentos por Deus, em nome de Deus ou nas vezes de Deus, que teriam, de certo modo, o efeito de premiar o filósofo com um romance, uma relação afectivo-amorosa que funcionasse como almofada conceptual para dias e dias de extensiva produção literário científica<sup>5</sup>. Assim, talvez por se fazer as vezes de Deus (como Nietzsche), o filósofo acaba, se for mesmo bom filósofo, ou mesmo filósofo bom, acaba só, pobre, sepultado pelo próprio pai antes do tempo necessário para viver a vida „como deve ser“, submetido à humilhação pública do choro da amada, que não o amou devidamente porque pensaria que ele seria inatingível, que „fugia demasiado para cima“, enterrado entre folhas de carvalho e bogalhos, no cemitério da aldeia, em cuja sepultura se inscreve apenas o seu primeiro e último nome, registre-se, não o verdadeiro, mas o pseudónimo, porque ele afinal era um ficcionista, um fingidor (como Bocage, de resto, pois sabia aliar a elevação do pensamento

---

entendida como produção de ficção quanto a literatura propriamente dita como „réel“ que faz pensar e sonhar, derivações que se enquadram mutuamente tanto num conceito de „cinéma réel“ como de „ficção científica“ ou documentário (incluindo o etnográfico propriamente dito).

<sup>5</sup>Veja-se o caso de Sören Kierkegaard que, hoje em dia, nestes anos, poderia ser considerado, fora da academia filosófica, não mais do que um mero prosador. Em nossa singela opinião de leitor atento e reiterado.

à brincadeira jocoso-erótica apre(e)ndida na infância e adolescência, tema de resto deveras interessante que podemos retomar mais adiante neste nosso texto<sup>6</sup>). Terá, então, sido feliz a existência do filósofo? Terá sido calculista demais? Terá amado (o Mundo, os Outros) em demasia? Terá sido, certamente, demasiado racionalista, à imagem dos sinais do seu Tempo...

---

<sup>6</sup> Estar-Aqui. Estar Aqui-Aui-Além no íntimo Superior. O binómio do Alto e do Baixo sempre interessou filósofos e antropólogos, preocupados com a forma como alguns seres humanos conseguem funcionar a duas mãos, a dois tons, emitindo duas vozes ao mesmo tempos, por exemplo, ou seja, falando de filosofia e ao mesmo tempo de brincadeiras sexuais. Sade foi um exemplo, mas não o mais perfeito, embora devidamente acessível para o nosso propósito: ele aliava o comentário obsceno à crítica política. Não conhecemos nenhuma autor que aliasse tal comentário à filosofia mais elevada que existe e tal coisa nos parece tão invulgar quanto devidamente notável e única que teremos em conta pesquisar algum autor que se encontre em condições de a contemplar, de preferência filósofo. Na verdade, a sexualidade parece incompatível com a filosofia ou o contrário. O filósofo tem as suas necessidades primárias. Mas será o sexo, o amplexo, uma necessidade primária? Não revela, por exemplo o hinduísmo, a faceta mais esclarecedoramente importante da sexualidade humana ao apresentar o amor carnal como a mais alta forma de revelação do amor divino ao casal hetero, ou seja, permitir-lhes tornarem-se divindades de diverso e múltiplo género não sómente através da reprodução que gera um novo ser mas também da relação ocasional que retempera energias psíquicas que o universo faz entrar (de novo) no sistema-corpo que anima o Ser-em-Sentido.

A filosofia será então uma técnica? O filósofo, distraído, esquecendo os compromissos sociais, esquece-se decerto do sentido do social, dos compromissos sociais, bem como da amizade e do amor, como Nietzsche, vive pensionista, com o apoio da irmã, dando aulas aqui e ali, nada de séria, sendo arbitrariamente rejeitando por todos, empurrado para a sua solidão, em vida sexual, revoltado consigo mesmo, tentando deitar abaixo por si mesmo todo o sistema social que o ignora, que ignora e avilta a sua genialidade e que não o coroa como Rei da cidade onde vive... A antropologia, por outro lado, pelo menos, a antropologia social, é uma técnica, que pretende compreender as nuances das relações entre as pessoas (interessam ou desiludem as relações ao filósofo?), explicar e demonstrar a teoria das culturas, de uma cultura que se estuda durante dois, três ou dez anos, se for caso de lá voltar mais vezes. Exige um desenraizamento que o filósofo não poderá compreender, porque ele é um desenraizado por natureza, ele vive ocupado do transcendental e da metafísica, mesmo que faça filosofia social e política, ele puxa sempre para cima. Mas a antropologia é, ela própria, mais do que uma ciência explicativa da diversidade dos grupos humanos e unicidade do género humano. A literatura, por outro lado, é também uma técnica, uma forma de ostentar a palavra num terreno, sagrado ou absolutamente profano do desejo, uma forma de levar a chama coloquial da paixão aos píncaros da sua realização pessoal e social. A filosofia é uma arte? Sim, decerto. Arte de seduzir pelo que está além da evidência (volumetria arbitrária da metafísica), uma actividade,

labor, num certo sentido é também um desporto, uma técnica da alma, pelo menos uma forma mais ou menos aceite de combinação e questionamento do real, ou do irreal que se proporciona antes da mente, do movimento da mente, do real ou do irreal que suspende e subtrai o pensamento daquele que pensa. Um desporto porque é altamente saudável e tem propriamente dado um estádio, um palco a que só pode aceder que tem alguma preparação, mas que pode ser visto e praticado por toda a gente, pelo que por isso também é um desporto democrático. A literatura e o cinema são também técnicas, ou pelo menos envolvem uma certa técnica (segundo escolas, estilos, correntes, autores, temas). Mas também são artes. Ora, temos então: a) arte; b) técnica; c) filosofia. Combinando os três terrenos temos uma certa forma de filosofia, a filosofia prática ou, do ponto de vista da saúde, filosofia clínica, ou aconselhamento filosófico, para razões mais fundas. São outras formas de entender ou fazer filosofia. Um antropólogo jamais fará aconselhamento, ele fará, no mínimo, tarot. O homem evolve, assim, no espaço social, no meio, como se levasse na barriga, uma enorme bala de canhão de uma catapulta, mas insiste em carregar o peso, pois será esse o peso da sua herança na história, um peso que interessa transmitir, de certo modo. A amizade leva-o a percorrer determinado caminho, a persistência a outro, a do eterno e sempre badalado „reconhecimento social“ a outro, talvez abandonando o exercício da filosofia. Assim, o filósofo não se apercebe do terreno que pisa. A um tempo ele está comprometido socialmente e tem muitos amigos, filósofos ou não,

a outro tempo ele está só. Talvez seja nessa altura que faz verdadeira e singular filosofia...O entretenimento mental (ou técnico) como forma de perpetuação na existência por meio de uma „bricolage intelectual“ lévi-straussiana responde à questão não só da técnica do Mundo (*Timeu*) mas também da actividade filosófica enquanto técnica dos conceito e das palavras, unindo o viscoso e tosco (cómico, até, veja-se Bergson, *Le Rire*) com o mais trascendental possível (Kant e Skinner, por exemplo). O que pretendemos dizer fundamenta-se na asserção estruturalista de que o espírito humano tem (em termos colectivos, o que se reflecte no individual) as suas próprias regras de funcionamento. É detectável e previsível, segundo Claude Lévi-Strauss, o que retira ao artista o seu carácter imprevisível de genial singularidade nos termos da sua imprevisível unicidade e importância, ou seja, há um génio do social, do colectivo, sempre a trabalhar, bem como há um génio particular, do sujeito-artista, sempre a trabalhar de *per ser*. De certo modo, sob a ótica estruturalista, ambos são compatíveis, só que o individual subsume-se ao social. Porém, o resto do mundo dos autores não defende esta ideia. Génio é génio, desde Artaud a Einstein. Mas, não será o génio (artístico, intelectual, de que faz parte a figura do filósofo, que tanto admiramos) também resultado da civilização ocidental, ou seja não será produto do protestantismo e da revolução industrial, do crescimento económico, do capitalismo, da vida moderna, enfim, de um movimento colectivo? Sim, voltamos á eterna questão da bitola de análise que representa o binómio individual-colectivo... podemos

fazer derivar a questão em termos de discurso e termos de efectividade, de Mundo, de realidade, de realidades, de parcelamento da experiência cognitiva a preceito da percepção com que o sujeito as relaciona com o quadro das suas estruturas e noções mentais, progredindo no quotidiano ora por assimilação-comparação, ora por erosã -construção de outras novas dependendo do seu objectivo no mundo social: se pretende dar mais assento às estruturas com que foi formado na juventude e que o trouxeram para a vida adulta, se é de algum modo flexível e capaz de as pôr em cause e admitir questionamento das suas face às de outros. Ora, na sociedade ocidental (Said, em *Orientalismo*, mostra como o orientalismo é uma construção do Ocidente), estamos habituado em duvidar de tudo, por tradição naão somente filosófica mas religiosa, a nossa mente é talvez demasiado porosa, o espírito de novas crenças e ideias veio com o tempo e à media que o homem ocidental foi ficando cada vez mais doente (isto é, cada vez menos crente em Si Mesmo), foi-se socorrendo mais e mais do produto das suas viagens, das suas descobertas, primeiro, das intuições e crenças dos emigrantes depois. Nestes entido, a antropologia desempenhou um papel decisivo, pois ela acompanhou o movimento das Descobertas dos portugueses e do colonialismo em geral, com que nasceu a globalização (Brian O'Neill, estudo recente sobre a influência dos portugueses em Malaca). Por ser um ciência, a antropologia assenta as suas reflexões em dados, em vidas, em factos e artefactos e ao contrário da filosofia, retira conclusões pretensamente exactas que visão compreender o ho-

mem (e a mulher, bem como os outros sexos) na sua glocalidade, bem entendido. Acredito que se um filósofo se torna-se antropólogo, se tivesse estômago para certos acontecimentos da vida social que acontecem anqueles seis meses (ou até dois anos) que se desenrolam no trabalho de campo, teria motivo de filosofia e reflexões para toda a vida. Porque nada há de mais entusiasmante. Sobretudo para quem se sente desiludido com a sua cultura de origem. Não que o trabalho de terreno a substitui, porque não é aconselhado ao antropólogo ser adoptado pelo grupo nativo, mas porque o complemento pela perspectiva comparativa. Por outro lado, todo o antropólogo deseja ser filósofo e o é, de certo modo, a partir de um magma concreto que é a vida social do povo estudado, que passa a ser os eu quinhão intelectual diante da academia. Neste sentido, o símbolo encara-se como representação do pensar, materialidade do sentir e do exercício mental, gerando-se diversos jogos de símbolos na economia das relações sociais em geral e em particular, ou seja, nas relações interindividuais e nas trocas simbólicas (Baudrillard, Bourdieu). Para nós, que compreendemos o alcance do social, encarar a filosofia que se faz em Portugal é como dar um passo atrás e voltar ao recorrendo e ensimesmado universo do EU num labirinto das eternas questões sentimentais, conceptuais, existenciais. Como dar dois passos em frente? A Antropologia simbólica pode ser vista não só como forma de compreensão do modo de agir do social e do individual mas também como estratégia de sobrevivência física do pesquisador/interrogador (da realidade), de algum modo cientista.

Se estamos em antropologia filosófica, respondemos a certas questões sobre o Homem, mais do que levantar interrogações sobre a sua condição: humana, subhumana, sobrehumana. Ora, o que me parece que distingue absolutamente o antropólogo do filósofo ou a antropologia da filosofia será a questão da sexualidade, desde já. Para o antropólogo, a questão da reprodução versus fruição da relação sexual é dos itens mais importantes da condição humana, pois o homem é, em certo sentido, um ser dotado de necessidades básicas, secundárias, superiores, é um animal, havendo assim, uma componente de fruição, de divertimento, na sexualidade, e uma componente de reprodução, social, biológica, com que se assegura a transmissão do saber do grupo no Tempo e no Espaço. Que diz sobre isto a filosofia? Disserta sobre o amor, evita a focagem no acto, dissimula, evita, como que projectando o desejo para o alto, falando de algo como se não considerasse esse algo, falando de algo que existe como se esse algo não existisse. Por outras palavras, não quer, querendo. Não se vê mal algum nessa atitude, antes pelo contrário. Enquanto o gozo estático assinala a fruição do sujeito receptor de energia cósmica face a um tempo anterior de acumulação de energia, o sentimento ingénuo de divertimento, por exemplo numa discoteca, tem a ver com o ambiente envolvente, com rituais de acasalamento que se fundam nos primórdios da humana natureza e condição. Podemos diferenciar o acto sexual daquilo que o precede ou daquilo que o segue (Bataille). O que o precede é a ansiedade, a tensão, o que envolve algum „quebra-gelo“, quebra de tensão que



envolve ansiedade para um acto, conjunto de actos, que é primordial, visando a procriação ou a reprodução. O que implica o acto é uma libertação, onde normalmente à libertação (animalidade) corporal antagoniza-se o silêncio verbal (quando as palavras são o que mais erótico existe no reino humano) e segue a devide resolução que afasta os corpos e os devolve à vida social. Assim, a relação social, o amplexo, é como uma cortina que se abre e fecha no quotidiano das relações sociais (quase um ritual „sagrado“ dos mundos de hoje, com paramentos e parafernálias diversas) e constitui uma quebra na tensão das relações familiares e profissionais. Há outras cortinas, como o treino matinal, a missa de Domingo, o jogo de futebol com os amigos, mas tais não implicam troca de fluídos (pelo menos propositadamente) nem preocupações assinaláveis para agradecer ao Outro. A sua frequência depende da aprendizagem adolescente (o à vontade com as raparigas, o à vontade no balneário, com os outros rapazes, que se estende à vida adulta). Se não se aprende, dificilmente se obtém mais tarde e o perigo de viver celibatário, ainda que haja bastante desejo de encontro (ou mesmo de constituir família) é uma condição (humana, pois então) das sociedades modernas, urbanas, ou não. Há quem fosse „apertado“ em jovem por uma educação rígida e em adulto se vê expandido sua libido, exprimindo-se tardiamente; há quem tenha tido uma juventude aberta, liberal e continue tendo, ou não, que se discipline bastante ao ponto de criar uma neurose, ou psicose, só para cumprir objectivos sociais ou profissionais: há quem valice entre as duas atitudes (não obrigatoriamente

sexuais), oscilando, não conseguindo encontrar ou encontrar-se afectivamente devido à invulgaridade das experiências afectivas e sexuais das mais diversas pessoas... E que Há (se plantea), então senão um oferecimento do Real ao Sujeito, numa sociedade, mediada ou não, onde citar paga imposto, falar paga imposto, tudo implica, tudo se implica (e esse Tudo é quê senão o Todo desmembrado, lembrando Foucault, mil vezes analisado à bússola e ao microscópio, nos media e nos jornais, mesmo também nos fóruns académicos). Detemos os meios para mudar o mundo e ainda continuamos perguntando porquê...será tempo de avançar ou recuar face à extinção do Ser heideggeriano (seja também em Darfur, diria), num regime de ereignis, transformação do próprio Devir que se e(n)volve? Porquê, neste Reino dos Porquês? Porquê continuar a interrogar, duplicar, triplicar a realidade, para queus empre alguém (em quem não confiamos) a analisar por sua vez? Onde fica o sentido da humanidade que nos atinge a todos neste *despotismo democrático*, de que falava já Tocqueville?

## CAPÍTULO II

### O DOM DA DÁDIVA

#### UM PARAÍSO E PARADIGMA TEÓRICO PERDIDO REFLEXÕES A PARTIR DO LEGADO DE MARCEL MAÛSS. O AMOR HUMANO.

O amor divino existe em si, como um Bem absoluto. Pode-se duvidar inúmeras vezes dele, vezes sem conta, mas ele volta sempre, é como a voz da consciência, existe, pressente-se enquanto existimos, sugara-se a nós mesmos e à respiração da nossa fé e volta sempre com mais força à medida que acreditamos em nós mesmos, porventura, e volta sempre com mais força quando reservado à consciência quando deixado anos e anos ao abandono, como um cãozinho que volta para o seu dono depois de perdido, sentindo o seu faro a longa distância, deitando-se na cama do defunto depois de morto. Mas o amor humanos é distinto. Apenas se preserva na memória enquanto amargura (amargor, diria) de uma certa felicidade que proporcionou ao habitáculo da consciência, do coração, do sentimento. Existirá ainda o amor, o amor humano? Sociologicamente, do ponto de vista lévi-straussiano, não. O matrimónio é uma aliança entre grupos, uma troca comercial. Hoje em dia, essa troca persiste, e mesmo entre dois seres, é cinética, cinegética, resulta da vontade de „caça“, de encontrar uma parilha, estritamente do ponto de vista sexual, que se possa „usar“ durante determinado

período de tempo, sondar (um humano para sondar) e deitar fora de novo para o mercado. Sim, uma forma de vampirismo, de canibalismo. Nem Sloterdjick diria melhor. O romantismo desapareceu. Dois seres igualmente bonitos atraem-se pelos corpos, frequentam o mesmo ginásio, o amor é físico. Dois adolescentes amam-se. São ingénuos: não têm trabalho, não têm casa, têm de esperar anos e anos a fio até ser „felizes“. Portanto, a felicidade envolve „materialidade“, associada à paixão dos corpos. Amor e uma cabana só nos filmes. Enquanto isso, muitas mulheres divorciadas procuram o verdadeiro amor quando tiveram já a sua oportunidade, enquanto que muitos solteiros ainda porcuram e cansam-se a procurar, seus critérios de busca são estreitos, cansam-se e enervam-se porque não chega aquela pessoa que já deveria ter chagdo antes, dez ou vinte anos antes. De facto, o amor é ideal, postergado em alguém que não existe, neste particular, Platão teria, nos seus Diálogo, bastante para dizer a este respeito, ainda hoje...

## CAPÍTULO III

### A LÓGICA DAS COMPENSAÇÕES FORTUITAS ANÁLISE DA VIDA SOCIAL A PARTIR DE UMA CIÊNCIA SOCIAL DE MODO A ERIGIR E EXPLICAR UMA RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA ESPECULATIVA E ANTROPOLOGIA DO SIMBÓLICO, COM A AJUDA DA SOCIOLOGIA

Na natureza, nada se cria, tudo se transforma. Assim reza o adágio do Renascimento. Iremos provar que, nos termos da vida social, das trocas económico-simbólicas, esta lei, esta verificação perceptiva, ainda prevalece, sobretudo porque tratamos de uma sociedade megalopolítica. Já Ortega y Gasset, em *A Rebelião das Massas*, havia explicado este fenómeno. A sedução é, assim, direccionada sempre para algo que está distante e se vai aproximando, permanecendo ao redor, deixando-se tocar o meramente **pre-sentir**, tornar-se **presente**. Quando a sedução é demasiado próxima, perde o seu encanto romântico e de enamoramento, tornando-se obscenidade... Daí que será preciso, em certo sentido, medir a razão do coração, numa teoria da relatividade aplicada às emoções eróticas...e outras emoções também, como o medo, a agressividade, a culpa, o ressentimento, a perda... Neste sentido, o filósofo é meramente um desencantado

com o mundo mas apaixonado pelas mulher, ainda que tenha poucas, enquanto o antropólogo é um distanciado do mundo, enquanto o psicólogo (nomedamente o psicólogo social) é um otimista em relação ao mundo e às pessoas que o implicam. Será a preocupação com os outros, agradar a eles, uma forma de medo, como se estivéssemos presos no metropolitano ou num elevador, será a outra face da moeda **nesta transação-ralação** (não é errata) de nós com os outros, uma forma de esconder o ódio que lhes temos? Será possível, fora de um contexto religioso, ou minimamente espiritual, a amar a nossa família e a humanidade por inteiro? Não temos, uns e outros, sempre que nos persiga na vida uns tantos ódios de estimação, que ajudam a amparar a vida nos eixos de um contestação (Carrilho), no seio de uma discursividade que nos prolonga o Ser, pelo menos no plano do social? Nos termos de Arendt e Heidegger em relação ao conflito nazi, Darfur<sup>7</sup> representa para o antropólogo filosófico o Aushwitz que deve ser pensado, re-comentado, divulgado como nunca algum fenómeno o fora, sem esquecer os Balcás certamente. Assim, o filósofo percorre a sua mente como se esta fosse um mapa mundial, eivado de guerras, acidentes desilusões e proventos. Na determinação constante de Si Mesmo encontra uma forma de fingir não só a biografia mas também o desejo que lhe o-corre entre os dedos, depois de apaziguar o estômago com algas de um mar mais próximo que distante. O Estar-no Mundo é tão somente o resultado

---

<sup>7</sup> Veja-se a obra de CHEADLE, Don (actor) & PRENDERGAST, John, BASTA! Acabar com o Genocídio no Darfur e noutros Locais, Lisboa, Bizâncio.2007.

de uma certa forma de consciência, há muitas mais, acreditam físico e filósofo, bem como astrónomos e estudante de UFO'sm portanto Não-Estar é também uma forma igual de, no mínimo Ver -o-Mundo, o que nos remete tanto para a cosmologia do Timeu e da Idade Média em geral, bem como a tradicional alegoria da Caverna, embora Estar Dentro/Fora seja uma variante do Estar-em-Baixo e no Alto, em termos de *status* relativamente re-gioso.

**CAPÍTULO IV**

**O CÓDIGO DA VIDA: ENSAIO SOBRE A FUNDAMENTAÇÃO E  
ANÁLISE DO CURSO DA VIDA (HUMANA, VEGETAL, ANIMAL  
E EXTRA-HUMANA) ENQUANTO MANIFESTAÇÃO DE UMA  
ANTROPOLOGIA EM CERTO SENTIDO FILOSÓFICA**



## CAPÍTULO V

### **A DESCOBERTA DA FINITUDE DAS COISAS E DAS IDEIAS COMO TOMADA DE ATENÇÃO PARA O VALOR DA VIDA (HUMANA): CAMUS, SARTRE, KIERKEGAARD**

Em certo sentido, vivemos no tempo do preenchimento, preenchimento do Ser, do desejo, manifestado ou não, da saciedade e satisfação da librido, um tempo de completudo organizacional e metafísica que aumenta como consequência o espaço da metafísica e o projecta além do próprio Ser-aí enquanto merda disposição do espírito. É o que Manuel Maria Carrilho denomina de abundância dos critérios, ou seja, a opinião ou é laica ou especializada, manifestada, enquanto por outro lado a mais científica e esclarecimento é devidamente remetida para um lócus de discussões infindas sobre o sentido e as variações do Ser (qualquer coisa. Assim, se se perde, num desvio, a noção de Ser (qualquer coisa), instala-se a depressão e aí o vão da consciência não é valorizado enquanto depósito que acumula energias, como numa poça de rãs, daí que os escapes normais deverão ser tidos em conta em termos profilácticos, álcool, tabaco, drogas, vícios variados ligados ao desejo, volição e seu con-

trole social e individual. Portanto, esta relação indivíduo (sujeito, em certa medidade) e sociedade (grupo, está sempre presente na retórica público-política sendo pretexto para a articulação dos átomos de Vida entre si, para Si, a partir de Si Mesmo enquanto reflexo e iluminação do grupo de pertença em geral. Enquanto se pertence a um grupo, está-se resguardado pelos seus direitos e deveres (Marc Augé), quando se oscila entre o individual e o social, peretencendo a nenhum ou a todos, como é o caso do grupo dos artistas, a imaginação (sociológica, meramente criativa) deriva e se encadeia e manifesta para o sonho, o desvario mediático, o torpor dos dias em que faz o que se vai fazendo, sendo que de certo modo o homem tropical se encontra de certo modo atraído em seu destino de herói civilizador pela marca distinta e única da figura do trabalho, que conduz de modo hábil através das horas, dos minutos, do Tempo ensimesmado e arbitrarizado sob a forma mais inventiva que se pode atentar conhecer ou descobrir. Há também a noção de um desejo anterior ao desejo, um desejo pré-religioso, primitivo, que se procura satisfazer enquanto necessidade básica, sob diversos meios, o desejo de corpo, de comida, de poder...multiplicando as gradações e gradações dele mesmo no sentido do desvirtuamento político, reduzindo o discurso mediático a conversa de senso-comum, quando resta para os especialistas os muros fechados (ou abertos, para seus membros), da academia, das escolas, dos clubes de criadores. Potenciado pela proliferação dos aspectos manifestativos da realidade social, o sujeito encontra-se ora derrapando no desejo, ora se infla-

mando de consciência moral, projectado para a vida social e ao mesmo tempo para a vida privada, com certo teor de secretismo, sendo tido como „burro“ e ingênuo todo aquele que não retira lucro (monetário) da vida em sociedade, pelo menos numa sociedade liberal e pró-capitalista e pós-capitalista, diria até) como a nossa. Mas será mente um mero vasilhame da realidade, virtual, real, haverá limites entre o Nós e o Eu e, por outro lado, a Realidade (Paul Watslavick, *A Realidade é Real?*: Não estaremos demasiado presos a uma lógica do preenchimento, ou seja, do vazio que o cessa de Ser quando É? Na será a realidade anterior a Nós Mesmos (sendo o que queremos que seja), aquilatada pela exterioridade do que somos ou pretendemos ser, numa deriva pulsional ora assente no regresso a velhas formas de convivência (simples, como designa a antropologia social), obrigado a complexificar abstratamente o que é, na verdade simples enquanto meramente **Vital**? Não terá a ver a própria existência e o devir quotidiano, mesmo ao nível da náusea, a ver com algo tubular<sup>8</sup>, orquestral, mesmo que dissonante? Não procuramos todos a ordem para além da desordem para além da ordem em si Mesma, em Si Mesmo? Por outro lado, o fim do mundo, a acontecer, será o fim do homem? E será possivelmente o fim da filosofia, pois ela será reduzida a uma ciência menos, mera demonstração turística do que foi um dia a humanidade, para os Extraterrestres. Será essa a prova

---

<sup>8</sup> Faz lembra a canção de Mike Oldfield, „Tubular Bells“, banda sonora do filme mais visto de sempre na história do cinema, *The Exorcist*, numa época em que os Pastorinhos de Fátima foram canonizados.

da contingência de filosofia e do próprio pensar? A quem transmitir, como transmitir um saber e em que condições o fazer? As palavras, os nomes, os adjetivos e qualificativos, despojaram a filosofia da sua pulsão para a concreção e, porventura, ela será o que sempre foi, no Mundo, sopra (da Divindade, por vezes, substituindo-se em certos casos à religião), será não apenas uma forma e estratégia mais ou menos acordada (desperta, também) no sentido de preencher o vazio. Ela será, nos termos que Heidegger projectou, o próprio vazio...talvez com necessidade de ser preenchido com outra civilização, outra humanidade, de certa maneira, outra forma de Vida.

Por outro lado, a solidão do filósofo, que é expectativa da chegada do Outro, presença do outro que não está-aqui, mas ali, desprendido em sua desenvoltura metafísica, metaordem, na metástese de Si Mesmo embebido no Mundo, ou não, separado como corpo isolado que não tem, não é, que será no encontro exacto do seu corresponde, na afirmação do corpo enquanto veículo da mente em trânsito, em transe, em desambulação e conversa com o Outro. Entrado no mundo escuro da solidão que é pensamento, o eu do filósofo ramifica-se na sede de saber e na projecção de um Ser que não é ele em si mesmo, sob meros mecanismos banais do desejo, da espontaneidade, da filosofia da alegria no rosto dos jovens, candidatos a filósofos ou meros significantes de algo de consciente que anda por aí, entre as casas, entre as câmaras, entre a luz iluminada do sol, através da sombra entrecortada da reiteração de Si Mesmo enquanto

estratégia da perpetuação de uma própria forma e força de transcendentalidade. De certo modo, a filosofia não é somente *A Espera de Deus* (Simone Weil), mas sobretudo a espera do Outro que está para- Existir, para se manifestar em advento de nevoeiro, para salvar a pátria do corpo reiterado em si em descanso abandonado. Tudo se resume ao coito, tudo se resume à digestão, além disso nota-se no céu a trsancendência, além do barulho dos automóveis, além de um acidente de viação, além de uma morte desnecessária, como no Congo, em Darfur. Assim, complexificando, a filosofia torna interessante o que é riscado e feito, arriscado e perigoso, dá-lhe a roupa-gem da Vida após a Vida, da vida sobre a morte e a vida em sinal mais e mais. De certo modo, por isso, é uma arte inútil, uma arte do desnecessário e acessório, porque em certo sentido a vida (mesmo a mais quotidiana que provém e alimenta o aborrecimento e a melancolia), ao emsmo tempo que não se tradzu, dis-Se a Si Mesma, quer seja enclausura quer seja manietada pela técnica da libido, ela é ao mesmo tempo uma arte do impossível, que puxa o possível para cima, acima do impossível. Assim, enquanto o homem do senso-comum se agarra à concreção como o cuidador de vinhas à sua cepa, pois sabe e desconfia que é esse cuidado que lhe irá dar seguimento à sobrevivência, depois proveitos, seja pelo fruto da uva seja pela uva em cima mesma, o filósofo como que dedilha os conceitos como se fossem cordas de uma viola, de um lado, segundo o contexto, do outro de um violino, também segundo o contexto e o tom da sua música (por vezes do acaso, altímetra em relação às preocupações

quotidianas ou extra-ordinárias, como poderia dizer Le Breton), há zonas epocais que nos inflamam e excitam o cérebro, curando-o talvez melhor e mais do que a própria religião que não será mais (talvez até muito mais) do que um técnica longa do perene, de um vida longa de respiração metafísica dos lugares segredos, como encontramos em diversos pontos da Europa (e porque não no EUA?), de que é exemplo nacional Fátima. Assim, o filósofo detém-se ante o movimento do seres e mistura-se, dilui-se na aventura existencial de estar-junto, ao lado-de, do lado mais quente umas vezes, do lado mais sombrio outras, mas sempre so o sinal do impulso do batimento do coração, do fluxo sanguíneo, sob o signo do Código da Vida. A verdadeira aventura do género humano será, assim, a de misturar-se entre si, miscigenar-se, sob o signo dos trópicos (Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos* e Gylberto Freire, *Casa Grande e Sanzala*), seja de outro modo regressar às origins, ao núcleo, ao magma inicial, onde duas coisas podem verdadeiramente acontecer: ou explode em Si Mesmo, centrifugamente (a famosa entropia), ou explode para fora, expandido-se mais e mais até se dissolver no espaço sideral. O espiritismo em particular e a religião em geral é uma forma, de certo modo primitiva de unir o quee stá ligado, no Ser e na visão homem enquanto todo. Transdisciplinar, o espiritismo combina diversos elementos sincréticos, normalmente alheios às religiões tradicional mas, por exemplo, a Fé Bahá'í tende a unificar todas essas visões e a trazer para si o que é de todos, um pouco de tudo no aspecto espiritual, sob o signo da unicidade do género humano. Conhece ou é de

reconhecer no discurso filosófico da modernidade um certa forma de entusiasmo ou a banalidade reduz e nivela o discurso de uma sociedade, por um lado, saturada de imagens e por outro, explodida em Si de transe, potenciação e sentido? O drama essencial do filósofo, bem como do escritor é fundamentalmente aquele que se planteou a Kierkegaard: a filosofia ou o amor mundano. Além disso, o melhor escrito não é aquele que revela tudo através dos mais variados artificios, seja álcool, ópio ou outros meios, mas aquele que se revela à contemplação e vivência de uma vida simples, nos termos da fruição de uma vida equilibrada e frugal. Então, será a filosofia uma actividade eminentemente pacífica, nomeadamente face aos problemas do mundo e dos homens, das relações sociais e dos problemas familiares? Que sabe a filosofia acerca do mundo senão inferir, especular? Assim, ao filósofo interessa o Mundo, mas num certo modo de alheamento dele, interessando o que está para além dele na medida em que ele pode esperar, bem como o amor. Também o amor cristão, embora reserve uma determinada ordem social (que pode evoluir no tempo), está, de certa maneira, pregado à cruz, disposto ao sofrimento que acaba por trazer a felicidade, assim como o trabalho liberta o homem. Cristo foi, assim, o primeiro grande antropólogo, herói civilizador, filósofo em seu pensamento fino e delicado, denunciador de injustiças e de uma determinada ordem social, ordem mundial, diria até. Assim, como no mundo do trabalho, em questão de status, quando se vai muito longe, quer-se de alguma maneira voltar atrás, de volta às origens. O que a religião

significou para nós foi um trampolim para analisar a realidade, segundo os mais diversos filósofos, quando tivemos, de ceder, voltar atrás, lá estava a fé religiosa tomando conta de nós<sup>9</sup>. Percorrendo os séculos, um mito tão poderoso como o de Jesus de Nazaré continua ecoando através do tempo e de sociedades ainda não inventadas, substitui em certo sentido a terapia psiquiátrica, alterna com ela as necessidades da atormentada e esquizofrênica alma pós-realista, hipermoderna, actual. Terá sido Cristo um dos grandes revolucionários de sempre, ao lado de mais alguns. Para quem acredita nele a força é imensa e alegria sem igual, o sentimento de pertença é qualquer coisa que ultrapassa o domínio do visível, instaurando para além de nós uma morada onde ousamos desde já pertencer. A fé, gera assim em nos um sentido de missão, a vontade de não fazer o que queremos, o desapossamento da possessão face ao corpo, o nosso e o dos outros (Y. Congar, *Jesus Cristo*). Jesus é, por isso, sobretudo porque desafiou uma ordem social bem precisa, o maior filósofo de todos, pois inspira os outros a estar bem quando estão mal, a estar em paz quando há guerra, esse devir em flip que a nossa mente (qual a sua forma?) tem sempre de fazer, para fugir ao ressentimento, à dor, ao desassossego. Outro sentimento particular daquele que tem espírito trocista é usufruir de um sentimento relativamente intimista num plano comunitista, quando perdeu todas as referências e solta uma risada ôca e sem sentido, tal qual no contexto de uma peça de Molière (*O Avaro*, só para citar uma). Outro sentimento é o de supe-

---

<sup>9</sup> Veja-se o mais recente filme de João Canijo, Fátima.



rioridade que certos sujeitos sentem em relação a outros, por se sentirem pertencidos a um determinado povo, a uma determinada nação. Tal acontece entre nós com os ucranianos: eles sentem necessidade de trabalhar, mas a maior parte deles sentem-se superiores aos portugueses, coisa de que fazem usufruto no seu dia-a-dia nas tarefas mais ou menos diversas que empreendem. Por outro lado, o direito à casa acaba para muitos de ser um direito não adquirindo, pois enquanto uns têm casa (que podiam alugar, pondo-se a render), outros levam uma vida inteira a conseguir tal desiderato, que confere grande segurança ao sujeito na vida social. Há duas, entre as mais variadas modalidades esquemáticas neste sentido: apostar na casa, no imobiliário e de certo modo prescindir de uma vida social e cultural, habitando num espaço mais ou menos determinado, arriscando-se a ter e obter no quotidiano um certo e determinado isolamento, psíquico, físico, emocional, em troca da sua segurança física, corporal; e há a outra modalidade, mais transumante, alugar casa e participar da vida na cidade e apostar numa vida social que traz prestígio, poder e reconhecimento. Neste sentido, qual das duas modalidades permite produzir melhor filosofia? E, dentro da filosofia, há um filosofia melhor que a outra? Qual é a marca, o sentido do reconhecimento, da melhor filosofia? Longe vão, portanto, os tempos, mais ou menos medievais ou campestres, da propriedade (Engels, Marx), da segurança num determinado lugar fisicamente definido: hoje em dia, a permanência num determinado lugar fisicamente definido pode ser impossível de suster, por se criarem ou

não hábitos e amizades, de modo que ao sujeito se reserva o direito e dever de ser nómada, transumante, no meio de uma e mesma cidade. Porque a cidade ela mesma se altera de perfil, só que o sujeito tem pressa de se afirmar, de ter e obter sucesso e reconhecimento social e aposta noutra cidade ou na calma do esquecimento ao redor do campo... Outra coisa que nos podemos interrogar, vendo o mundo de hoje, no seu pan-orama social, é a seguinte: porque é que as mulheres dos filósofos não são atraentes, eroticamente falando? Porque é que a maioria das filósofas (e dos filósofos também) são tão pouco atreitos aos prazeres e fenómenos da carne? Estarão disposto a suportar as risadas datadas, contemporâneas da abstracta e demente voz do povo para sempre, até ao final da sua existência? Não está o discurso filosófico num plano totalmente fora do mundo em que vive, alimentando uma forma de retórica mais o menos bacoca sob os mais diversos temas? Não é a filosofia senão uma forma de fazer, um grupo de pressão, um *lobby*?

Em certo sentido (leibniziano) as relações são „relações“, ou seja, dão trabalho (há quem se especialize nisso), dão que fazer à mente que não pretende entrar nesse domínio sinuoso e esburacado do **senti-mental** (por vezes as relações são tudo menos sentimentais), daí que o filósofo prefira aquilo que é misterioso, nublado, porque isento de realções de poder, daí a sua preferência por uma linha ricoeuriana da vida, au-delá do derridanianismo que arranca do pó as raízes da planta do pensar, pelo que o filósofo (**pre-ocupado**) anda a maior parte do tempo não somente de cócoras, como um bebé,

tentando sobreviver para filosofar mais e mais, mas com o corpo invertido, no inverso do tradicional sentido filosófico das coisas, seu pensamento não está somente vertido no mundo, mas invertido, porque lhe saturam as coisas do mundo de que faz matéria do pensamento, no ardor do quotidiano, seu pensamento está até subvertido pela concivência dos seus semelhantes, pelo que precisa frequentemente de sair de Si Mesmo e dos Outros que o enredam, para trilhar um caminho não-insutentável de floresta (*Os Caminhos da Floresta*, Martin Heidegger), levar a fundo na sua mente as rememorações de um quotidiano traumático causado em grande parte pela vista de um sexualidade disruptiva e desorganizada, envolto e discriminado nas poucas imagens de relativa inocência de que ainda dispõe no seu arsenal mnemónico. Daí que o sentir se resuma a maior parte das vezes à visão e o outro sentir, pleno, esclarecedor, se restrinja a poucos momento de acesso a esse magma das relações que é o Todo, o Fenómeno Social Total (no sentido de Marcel Mauss). Interessa então aferir da in-suportabilidade do real, se ele é uma criação da mente humana, o Mundo (das representações, dos sentidos), dos limites com que o sujeito joga ou não vai a jogo em determinadas situações (limite) nos termos sociais, ou seja, se privilegia a saúde psíquica, conservando certos e determinados ideais e ideias (durante quanto tempo), porque, se quisermos ver as coisas de modo enviesado, a vida (humana) se resume a (poucas) coisas simples: orar, comer, amar. Neste particular, o rezar está devidamente espacio-temporalmente disseminado (pelo mundo) (Derrida, *La*

*Dissémination*), o comer também, com o advento da *nouvelle-cuisine* e quanto ao amar estamos lá perto, chega até ser tão fácil amar que não dá trabalho algum e tudo parece tão fácil que até desafia o perigo e tal acontece particularmente nos usos da tecnologia (aumenta o saber, sem Deus o homem vê-se a si mesmo face ao perigo de ser conhecer o desconhecer em toda a sua ambição interplanetária), nos quais o homem dispõe da opção de abdicar ou escolher a felicidade, com ou sem compromisso. Muitos preferem uma vida solitária, resignada ao trabalho e à carreira ante um mundo cada vez mais estranho e perigoso, até ao ponto de não ser possível entranhar mais tal estranhamento...daí chega a tristeza, a melancolia, a depressão, um rol de doenças que não se manifestavam antes mas que sob certas condições „ambientais“ aparecem a todo o vapor, eivadas por vezes de violência, verbal e física, de um carinho inaudito e absoluto por outras, dando azo a conhecer e porvir a natureza humana nos eu regime de *natura naturans*. Assim, o filósofo luta contra o texto, contra o papel em branco, como nunca lutou contra ninguém; é essa a sua luta, o ser desejo de *catharsis* é maior do que ele e do que a sua ambição académica ou mesmo face ao mundo, ele tenta essencialmente compreendê-lo, entrosar-se nele, através da palavras, quer transformando o Mal em Bem, quer tornando o Bem em Mal, certas vezes, julgando estar possuído por um qualquer espírito pagão<sup>10</sup>... Ninguém quer saber do sonho do filósofo, enquanto ele

---

<sup>10</sup>. AUGÈ, Marc. Le Génie du Paganisme revela a técnica menos almofadada do paganismo, por relação às estreituras da mente religiosa e devota.

continua sonhando, entrando e saindo do nada como um Camaleão pensativo, ardorado em Si Mesmo, recebendo críticas como flexas ou espadas, como chicotes (à semelhança de Cristo), só que a sua herança não será uma Igreja milenar nem seguidores, nem sequer um emprego na academia, mas a oportunidade de se preservar a si mesmo por mais e mais tempo, reajustando o tempo periodicamente, como o amigo de Lock em *Perdidos*, como se o tempo limitando fosse infinito, enfim provocando um elemento ficcional no seu próprio sistema filosófico.



## CAPÍTULO VI

### DO HOMEM COMPETENTE AO HOMEM FELIZ: DESTINO, PROBABILIDADE, CERTEZA E PROVA ANTE O TRILHO POR CAMINHOS QUE LEVAM A LUGAR ALGUM

O que levaria Wittgenstein a debruçar-se sobre a vida moderna? Certamente a questão da mobilidade do pensamento (móvel) na ideia (**objectum**) do filósofo observador-participante no termos de uma simples questão: é-se melhor (filósofo) quando se tem automóvel, ou seja, a mobilidade do corpo contribui para a mobilidade do espírito (seja ele inquisitivo, mais ou menos datado, ou democrático)? Ou seja, pensando por outra via, havendo alguma relação entre o Pensar e o Fazer nos termos da efectividade (que em certo sentido também é uma afectividade para com o Mundo dos Outros)? Enquanto o filósofo escolhe o caminho da especulação, a sua vida de acesso à verdade pode ser a admiração dos seus pupilos ou o caminho mais difícil da pesquisa social, muitas vezes sem palmas e em nome talvez de uma visão menemono-de-mónica da escrita e das coisas literárias e filosóficas, pode ser a vi(d)a académica, a vida do ensino, através da qual escolhe um trabalho, o trabalho

filosófica, eivado de solidão e imaginação, mas fértil para os Outros, no sentido de uma herança civilizacional que se planteia em termos de civilidade nas relações. Mas, como ordenar os impulsos do organismo social e dos seus elementos? Isso constitui, a nosso ver, tarefa da Psicologia e sobretudo do Direito, mas também da Filosofia, da Sociologia e da Antropologia, num enquadramento do espaço escolar nos seus mais diversos níveis. Mas constitui também, tarefa da Arte, nomeadamente da arte da palavra, seja pelo romance seja pela poesia, nos termos de uma tarefa educativa (edu-care, no sentido latino e naquele que lhe dá a língua inglesa)<sup>11</sup>. Ainda assim, à medida que o filósofo avança na descoberta da verdade nas suas *Investigações Filosóficas, Fenomenológicas e Hermenêuticas* (Husserl, Wittgenstein e Ricoeur), parece aumentar o medo e a filosofia gera, em certo sentido, medo. O filósofo sabe que o conhecimento gera medo e perigo, pois está a „cavar“ qualquer coisa de novo, de original, prepara-se de certo modo para ser algo mais do que um mero artista, criador, ou seja, ele está próximo do âmago não só do seu pensamento (em certo sentido geneticamente transmitido, vide-se Manuel Damásio), mas perto também do convívio com o Criador... De certo mod, então, em termos de uma teoria da arte(s), criar é dar de Si ao mundo, mesmo com um determinada patologia mental (o último dos medos sociais, dos tabus morais, sob o medo de se lido em termos do pensamento, ou seja, o que os especialistas de-

---

<sup>11</sup>. Schelling, *Philosophie de l'Art* e Bourdieu, Pierre, Manet, *La Révolution Symbolique*.



nominam de roubo do pensamento), ou seja, num grande sentido, re-presentar é criar, seja, dar de Si também Para Si, ou seja, como que duplicar-se a partir de Si Mesmo para fora de Si, no sentido de criar uma realidade semelhante mas num tempo posterior, seguinte, futuro, além de Si, como que antecipando o que se é (para o autor) e projectando o que esse personagem criado pelo autor seria no Tempo da Representação, da Enunciação de um discurso teatral, cinematográfico que é, em última instância, filosófico, ou seja, planeia situações com personagens em cenário mais ou menos elementares, mais ou menos amplamente complexos ou bucólicos (não nos estamos senão referindo a uma ideia relativamente romântica que temos dos movimentos cénicos, do bailado, da cinematografia mais ou menos mundial *à mão*). Nestes termos, re-presentar é não só criar como também tornar o coito real sem que ele sequer ocorra, a imagem tradicional do orgasmo intelectual, mas muito mais do que isso, re-presentar (e também num certo sentido escrever ficção ou poesia ou mesmo pintar e esculpir) é, num certo sentido também religioso, dar à luz<sup>12</sup>. Neste sentido, também talvez a maior invenção do homem, a televisão, introduz no registo da percepção humana uma democracia disposicional ao alcance do „povo“, ou seja,

---

<sup>12</sup>. Na expressão de Isabel Matos-Dias, nossa professora em Filosofia, dar à luz natural, dar à luz (n)uma luz natural, referindo-se a Descartes e às suas noites de escrita sob um candeeiro na sala. Faz-nos lembrar a prosa histórico-filosófica de Miguel real em „A Vida de Sócrates“ e a colecção de livros Os Grandes Julgamentos, onde consta, evidentemente a auto- apagada luz de Sócrates.

como que uma biblioteca de imagens, sons e letras em movimento e rotação constante à disposição do espectador, tão democrático acto este, o de ver tv, porque não obriga o seu „leitor“ (como de resto num livro, em *pdf* ou papel acontece), a ser passivo ou activo, ou seja, a ter uma postura disposicional de absorção-entretenimento ou de absorção-crítica face ao que é o desenrolamento do mundo (interior/exterior, galáxico) face aos seus olhos, a qualquer hora, em qualquer lugar<sup>13</sup>. Assim também, dois autores que nos preocupam de seguida são, neste sentido, Christian Fuchs (a deriva filosófico-tecnológica em *Perigo Eminente*) e Ernst Bloch, pensadores a des-humanização face à tecnologia.

---

<sup>13</sup>. A televisão parece ser, apesar da constante mudança de itens e programas, o elemento mais constante, quer na arquitectura das casas privadas, como nos cafés e locais públicos. Num momento particularmente difícil da minha vida, o do meu internamento no Hospital do Lorrvão, por 21 dias, reparei, como me lembrei mais tarde, numa certa amnésia de tudo em relação ao mundo e também às pessoas. Mas a televisão estava lá, esteve sempre comigo, nesse caminho, ao lado de mim, como que lembrando-me de duas coisas distintas: o mundo continuava a mover-se (et puor si muove...diria Galileu) ou, o que é melhor ainda, estariam todos a marimbar-se com o que se passava comigo...

## CAPÍTULO VII

### **DA ANTROPOLOGIA SOCIAL À ETNOFILOSOFIA LEGITIMAÇÃO DE UM DISCURSO SOBRE A ALMA AFRICANA EXPRESSA ATRAVÉS DA ARTE. UMA INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FIGURA D' O PENSADOR ENQUANTO REPRESENTANTE DA NEGRITUDE**

A filosofia oscilou, ao longo do tempo do homem, do discurso sobre este e a humanidade, como se Homem e Humanidade fossem uma e a mesma coisa; a antropologia, por sua vez, academicamente constituída no século passado, se afirmou como discurso científico assente na metodologia do trabalho de campo (Bronislaw Malinowski) e na observação-participante (própria da Sociologia). À primeira vista, através da sua afirmação e constituição enquanto discurso sobre o Homem, o antropologia (social e cultural), deteve o seu olhar sobre as sociedades primitivas, mormente aquelas que foram colonizadas pelos brancos europeus. Enquanto isso, a filosofia detinha-se sobre questões como a guerra, o consumismo, os efeitos da comunicação de massas, a ecologia, a paz mundial, o ocaso da religião. Assim, mais e maior atenção se veio a dar à diferença cultural (e, logo, identitária), à medida que os missionários e antropólogos vindos da Àsia, da América Latina e de Àfrica, traziam registos re-

colhidos junto de locais nativos cujos costumes os faziam mergulhar no auge e na aurora da humanidade e da condição humana, muitos deles envolvidos nos dilemas que o confronto entre os seus costumes e a civilização (do branco, mormente) lhes colocava. Assim, enquanto a antropologia veio a considerar que o modo mais amplo e genuíno (mais cientificamente audaz e credível) de compreender o Homem e os efeitos da sua alma seria observá-lo em grupo na condição mais „humana“ da sua simplicidade, no seu gérmen, ou seja, pelas formas mais elementares da sua organização social (assim nasceu o conceito de „cena antropológica“ e de „natureza humana“). Assim aconteceu, mormente, em África, onde até o conflito bélico entre grupos tribais distintos era analisado de um forma perfeita e aterradoramente simples, daí o seu grau de globalidade como vista, através do método comparativo, se poderem „cruzar“ elementos de grupos culturais distintos tendo em vista forma uma teoria geral do/sobre o Homem. O Homem e no palco do social, nas suas mais diferentes manifestações, desde a guerra, a arte, a festa, o funeral...

Assim, muitos autores se debruçaram sobre a arte africana acreditando que ela representaria (como muitos „connaisseurs“ europeus acreditam ser a arte a mais bela e genuína manifestação do que é ser-se humano) a alma africana e, logo, grande componente da natureza humana em questão, podendo falar-se então de uma etnofilosofia, ou seja, de uma filosofia da etnologia, do popular, do tradicional, do primitivo. Veja a arte *tchokwe* em Angola. Aí, a arte tem não só uma função estética (algo muito „filosofável“), mas so-

bretudo uma função social (algo que diz propriamente respeito ao campo da antropologia social, da antropologia cultural ou mesmo da sociologia). O artesão vende as suas peças e é reconhecido pelo seu papel social de criador de peças de arte que entram no circuito do social (do „mercado“) e se reveste, à imagem do *kula* melanésio, de um carácter económico. A peça é como que tomada, „enfeitada“, levada, de um efeito mágico que a torna uma mais valia, digna de ser admirada e transmitida a diversos membros do grupo social. Entramos, por outro lado, na discussão a propósito do valor da arte: a arte tem um valor meramente estético, „autoral“, ou pode também desempenhar um papel social? Mas não ficamos apenas pela análise da arte africana de *per se*, comparemos com as sociedades ocidentais, pois isso fazem frequentemente os antropólogos por todo o mundo, em suas viagens, trazendo assim muitos elementos de reflexão a especialistas onde se contam os filósofos de acordo com as mais diversas questões encimadas pela multiculturalidade e diversidade cultural, bem como o racismo, diga-se de resto. Mas, diga-se também, uma galeria não representa, não exerce, um papel social? O fato de se convocarem artistas e apreciadores, bem como vendedores para uma inauguração é já uma ocasião social, de certo modo, antropológica, diria mesmo que é em si uma cena antropológica: trocam-se mensagens (Baudrillard), usa-se um meio, um canal (McLuhan); estamos diante de uma plena situação comunicacional altamente moderna e ao mesmo tempo primitiva, nesta caso a distinção ou classificação não importa. Uma exibição, exposição, ver-

nissage, é uma ocasião não somente artística, subjectiva, mas também uma ocasião social. Eis, portanto, a nossa oportunidade para juntar antropologia e filosofia, a propósito da arte. A arte, mesmo a arte europeia, de qualquer género, não é, defendemos, genericamente, um „produto“, um **facto factotum**, um „artefacto“ meramente artístico, mas também eminentemente social, eminentemente simbólico, como o Homem o é, eminentemente simbólico, como diria o neokantiano Ernst Cassirer e nós mesmos depois dele. Um quadro, uma escultura, uma peça de cerâmica, uma peça literária ou musical, são assim, „arte-factos“, factos de arte, cravações, inscrições do tempo e do talento do autor num espaço determinado, conclusivamente determinado pela força da sua inspiração e determinado, muitas vezes, por razões que têm a ver não só com a coesão e organização social, mas também com a coerção social, ou seja, o autor, artista, escritor, nem sempre produz aqui que mais deseja, mas a maior parte do tempo, produz aquilo para o qual é arrastado a produzir, coagido a realizar. Temos, então, três níveis distintos de produção: a) a obra inspirada na subjectividade livre do autor; b) a obra coagida, representado produto da coacção social do seu ou outro grupo; c) a obra coagida através do tempo, que acompanha o dia-a-dia do artista e que acaba por influenciá-lo a produzir determinado trabalho (digamos que este último nível resulta de uma fusão dos dois primeiros). Digamos que o analista, o escritor e crítico de arte sempre tentou definir arte e nunca conseguiu; porém, a resposta esteve sempre debaixo do seu nariz: a arte é artefacto. Sim, uma

pintura, um quadro, é um conceito que combina algo de material, substancial, com algo de meramente anódino, inacessível e até sobrenatural, ou seja, a moldura, as tintas, com as cores e o conteúdo-significado da obra (aquilo que o autor quis dizer). Contudo, há sempre um sentido que se cumpre através do tempo, a obra, mormente a escrita, conhece sempre novos sentidos e desenvolvimento de sentidos através do Tempo, com a multiplicação das leituras dos mais diversos públicos que a ela acedem, de uma maneira ou de outra, pelos mais diversos canais, a propósito do Mundo e da proliferação de meios de interpretação e compreensão dos mais diversos sentidos e ideias a propósito do que é escrito, pintado, esculpido, encenado, representado. Assim, enquanto o cinema cultiva, mais ou menos, o enquadramento, a cena, a pintura também o faz, pois o artista-pintor deparara-se sempre necessariamente com uma moldura; mas o escritor tem um espaço em branco sem sentido (ou onde está já patente como o sentido, como o flash de uma máquina fotográfica), o seu caminho de produção é de certo modo linear, no sentido gráfico (todo o autor-escritor se ilude necessariamente com o tamanho da letra, o tipo, o número de páginas que é preciso escrever até terminar). Assim, há sempre uma tela, um „frame“, como na vida social, a tela da vida, da biografia, do Tempo (esse que gera aperto na barriga, como diz a canção), há sempre uma trama, um tecido, um esqueleto, um organismo (social), que se desenvolve através da Vida (de todos os atores (sociais), autores, artistas, críticos, compradores). Qual é o fundo da inspiração, daquilo que se

projecta (ante a arte o Homem, o autor), qual é o fundo da vida social, da sociedade? O Tempo? Deus? A eternidade? O espaço (cós-mico, sideral, infinito)? O Nada, como defende a maior parte dos filósofos? Sim, a nosso ver, talvez seja mesmo a finitude o pano de fundo. A obra de arte também, depois de se constituir como „peça“, livro, objecto, também se desfaz (por acção do Tempo, pelo menos, ou do Homem, o que pode também acontecer, com certas artes performativas atuais). Sim, a obra de arte, faz-se e desfaz-se. Como um planta que nasce, cresce, e morre. Tudo se cria, tudo se transforma. Leonardo tinha razão, a nosso ver. As obras de arte são como raios cósmicos, estrelas cadentes que passam e iluminam à sua passagem. Têm o seu tempo de duração, bem como os criadores de obras de arte. Entre o absolutismo da razão humana iludida consigo mesmo e o fatalismo suicidário do „nada vale a pena“, estende-se um campo de reflexão e Vida que tem a ver com aquilo que é próprio à Filosofia e a nossa entender a justifica. A Filosofia só se justifica, enquanto actividade do pensar, tendo em conta a finitude humana, bem como a obra de arte e a criação artística só se justifica tendo em conta a finitude do seu autor-escritor. Uma questão importante esta („intelecto apertado discorre“, diz o adágio popular). De certo modo, o homem é instado a ser filósofo ou artista não só porque se encontra só e a arte medeia o seu sentimento entre „consigo“, Si Mesmo, e o infinito („religioso, utópico“, idealizado, sobrenaturalizado), mas sobretudo porque se força a si mesmo e é forçado pelo grupo social e pela cosmicidade da sua situação (social, individual)



a criar (de „cria“, reino animal, o que pode indicar amamentação) Assim, de certo modo, ele se substitui ao próprio Deus em que acredita, torna-se Deus na sua terrível e angustiada existência, vivida sem o afago de um Outro corpo. Ele torna-se Outro, outro grupo (se for um grupo, ou representante de um), outro Ser, aí, acolá, disseminado, pulverizado por potência. Assim, defendo que a arte em tempo de paz não é verdadeiramente arte. E que Deus teria sido artista, como foi, de veras. A carpintaria, no caso do cristianismo, como arte. Deste modo, não será complicado compreender, que por conjugação da força de Si Mesmo e da força exterior (que tipo de força ainda poderemos determinar mais adiante), o Homem torna a fatal contingência da sua situação de finitude num universo amplo e glorioso de eternidade, apesar de vir seu corpo-espírito a definhar a pouco e pouco (como uma planta, como um tigre cansado). A partir de uma situação desfavorável, de necessidade, através de combinação dos mais diversos elementos, ele cria uma obra de arte para a eternidade que pode ser preservada pelos mais diversos meios para a eternidade do ponto de vista material para contemplação e explicação dos mais diversos públicos. Assim, é pela transmissão do seu conteúdo e da sua aparência, de algo que não é e ao mesmo tempo É o sujeito (o autor) que se assegura a transmissão de ideias que de certo modo animal a perpetuação do sujeito e logo do grupo enquanto apotegmas da errante existência humana.

Na literatura antropológica e filosófica que nos passou pelas mãos e diante dos olhos, nota-se, enquanto mito, uma remissão

constante da ideia de racismo à relação entre negro e branco, havendo sem dúvida uma constante insistência de vitimização do papel do negro na história, o que nos parece particularmente justificado, justificável, quanto mais não seja para, do ponto de vista geracional, readquirir direitos civis perdidos, em países como os Estados Unidos, Grã-Bretanha ou mesmo Portugal e França, só para citar alguns. Ora, a questão radica essencialmente numa visão militar da sociedade: o grupo deve defender-se do Outro, tentando fazer aliança com o outro grupo que se lhe convém mais em termos económicos e matrimoniais, o que vem a ser uma e a mesma coisa. Digamos que, mesmo hoje em dia, ser militar é devidamente „fácil“, sobretudo pela ênfase no aspecto física, que comanda o aspecto mental, lleno de regras e comandos peremptórios: nada tem de sobrenatural, Deus não lhe pesa, há espírito de grupo a propósito de um grupo cujos elemento têm em comum regras e propósitos de se defenderem uns aos outros contra outros grupos inimigos e a favor da identidade-nação. O que o antropólogo português Paulo Valverde disse a propósito da missionação em África também é válido a este propósito quanto à acção dos militares portugueses na Guerra de África: o objectivo seria essencialmente a dominação física (e psíquica, juntamos nós) do Outro. Claro que havia evidentes propósitos económicos e de dominância mundial assentes em crenças e ideais nazis de uma raça superior alimentados po Salazar e seus apaniguados, o que resultava numa depreciação da raça negra. A juntar a este *cocktail*, o elemento da fé, o elemento religioso, podemos dizer. Mas

podemos ver a questão por outro lado: a questão mais cabal, prática, efectiva, real, ao racismo, foi dada pelos portugueses<sup>14</sup>: a miscigenação, primeiro, o lusotropicalismo, depois. Nada de mais original existe no mundo que vivemos, no mundo que vivemos hoje. Uma construção social que trouxe ao mundo uma nova „raça“: o mulato<sup>15</sup>. Note-se a este propósito o exemplo de Bernard Henry-Lévi ao abordar a guerra

---

<sup>14</sup>. Não podemos concordar com aqueles filósofos que querem, a todo o custo apagar a história da colonização portuguesa, fazendo tabula rasa de tudo e todos, como se nada tivesse acontecido, como se pudesse ter sido de outro modo. É calro que poderia ter sido diferente, e para melhor. Mas a história ensina a não cometer os mesmo erros que antes e é errando que se aprende, também. Eis, aqui também, de certo modo, a diferença entre agir comunicacional me agir efectivo, que pode ter implicações na relação com Outro e consigo Mesmo na esfera das relações intercoloniais.

15. É normal o filósofo considerar, por desconhecimento antropológico, que todo o antropólogo é racista, por analogia com certos autores ditos evolucionistas ou proque pense que a antropologia simbólica se move numa esfera „suja“ onde a transparência não exerce luminosidade suficiente para forjar conceitos à roda dentada. Por outro lado, existe também um racismo baseado não sómente na pigmentação da pela, como também no satus social, na escolarização, no psiquismo, na cultura e nação como um todo (nacionalidade), na idade (quando dantes os mais velhos era objecto de admiração e conselho, antênticas bibliotecas ambulantes). De facto, o racismo contextual com base na pigmentação da pele esconde sob diversos estratos de certa profundidade a construção socialdo inventário e herança cultural, coisa mais funda e trabalhosa de se pesquisar, a que poucos se dedicar afanosamente. A identidade e a diferença podem ser vistas como reguladores do circuito do sujeito-actor social na esfera pública (do costume, diria Immanuel Kant) e da vida privada (da intimidade, da sexualidade, diria Sigismundo Freud). Por outro lado, a retirada da sexualidade da esfera privada e do religioso

da Bósnia e o forte racismo aí inerente, no filme-documentário que produziu. É deveras um exemplo de uma forte coragem -filosófica, sem dúvida- no sentido de questionar todo um acontecimento (melhor, conjunto de inúmeros acontecimentos) antropológico e filosófico altamente dramático do ponto de vista da sua acuidade dramática e até na ítica dos direitos humanos universais, bastante cruel e violento. Note-se como é abordado o racismo neste conflito e como ele é evidenciado como algo que é não somente cultural, mas

---

para o domínio público sob o desígnio da divisão-fruição/reprodução representaria uma conquista ou uma perda? Interessante questão de que não temos capacidade, por ora para responder em profundidade, sobretudo porque não temos bibliografia filosófica para tal ao nosso alcance. A ambos, todavia, está reservada uma quantidade de investimento moral, afectivo, estético, por parte dos sujeitos (do sujeito, possa dizer-se filosoficamente), por razões de status, competição, num quadro onde se desenham cenicamente machos e fêmeas. Assim, concordamos com aquilo que vemos diariamente na actual EXPO, i.e. Parque das Nações, em Lisboa, Portugal, onde fizémos trabalho de campo durante um ano, juntamente com alguns colegas antropólogos e que vai de encontro à ideia de Parque Humano de Peter Sloterdjyck. Na verdade, esta aldeia citadina assemelha-se a um zoo temático onde se passeiam avatares de diversas formas, de diversas espécies, de diversas nacionalidades, convivendo em harmonias, como tudo programado, equilibrado financeiramente, seguro, com pouco ou nenhuma criminalidade, à semelhança da cidade-ideal do futuro descrita por Philip K. Dick e levada à tela por Ridley Scott em *Blade Runner* („Perigo Eminente“), por exemplo. O assunto faz-nos lembrar, para além de O Parque Humano, de Sloterdjick, a música dos Kraftwerk, composta para o efeito da exposição mundial seguinte à nossa (Hannöver 2002), virada essencialmente para a tecnologia, na continuação do espírito ecológico-humanístico da nossa, cujo tema foram Os Oceanos.

sobretudo étnico, ou seja, o racismo não existe<sup>16</sup> - diríamos seguindo a interpretação filosófica geral de Anna Harendt a respeito do nazismo, patente na recente película (e também obra de teatro numa plateia de Lisboa, protagonizada pelo actor Rui Mendes no papel do Mestre alemão) „Heidegger e Arendt“- nada tem a ver com a cor da pele, mas sim com o grupo, as pretensões do grupo a que pertencem indivíduos determinados sujeitos que com ele se identificam e que através dele e da união com os seus membros estabelecem relações de pressão e violência física e psicológica para com outros sujeitos (isolados ou não) ou mesmo outros grupos, sejam eles armados ou não, através do uso de armas ou outros meios de coerção, reforçando a sua coesão enquanto grupo pelo uso da violência verbal e física, reforçando assim o seu sentido de identidade e, logo o seu poder. Neste sentido, a religião terá exercido um papel importante na formação do homem negro, notavelmente a Igreja Católica. E ainda hoje desempenha esse papel, entre outras, por muito que se queira

---

<sup>16</sup>. Sim, arriscamo-nos a dizer, o racismo é uma ficção da história humana, uma convenção trágico-simbólica. Ele existe enquanto ficção verdadeiramente a pesada e aterradora que mergulha no inconsciente colectivo, (Jung). Não é mais do que disso. Se formos tentar desconstruir o fenómeno, vemos, sim, que existem, podemos dizer de outro modo, muitos racismo, muitas formas de discriminação e diferenciação social. Depende do modo como encaramos os fenómenos sociais: sob um ponto de vista paternalista, próprio dos antropólogos, que tendem a conhecer todo o globo e estão mais sossegados ou sob o ponto de vista negativista daqueles agentes que tendem a punir todo e qualquer comportamento não se ocupando de prevenir investindo, por exemplo, no associativismo e na educação ou numa cultura da paz.

iludir esse forte papel. Tende-se a exarar a acção desta instituição e de outra porque se ocupam de uma esfera que não é directamente económica, que favorece se pedir e ainda por cima ainda oferece bênção. Em África, como na Àsia ou na América Latina, os padres sempre tiveram a companhia dos antropólogos. Ambos eram, à sua maneira, também filósofos, para além dos filósofos racionalista que ficava, na Europa a receber dados etnográficos e antropológicos para estabelecer as suas teorias do Hoem, como Rousseau, Montesquieu e outros. Assim, nesse tempo de Descobertas, como hoje, a filosofia era essencialmente pragmática, servia para demonstrar quem merecia o título de humano (os escritos de Padre António Vieira e Bartolomeu de Las Casas são exemplo disso mesmo). O que define então o Humano? A Alma. E tem alma quem tem religião e partilha os costumes ocidentais, do „grupo“ invasor...

De algum modo, o grupo move-se e conspira para que o sujeito, neste caso indivíduo (nos termos sociológicos), actor social (nos termos antropológicos), sucumba e perca a sua vida biológica em favor dele, perpetuando-se, autoperpetuando-se, como se fora um bode-expiatório das suas vontades e precisasse do sacrifício de um elemnto para se fortalecer. Além do mais, privando-o do trabalho e do contacto com as mulheres, ele acaba por arrastar o seu corpo e o seu *esprit* para a margem do pensar societal e, deste modo, jamais será reconsiderado como membro do grupo, da sociedade alargada, da família humana. De antropólogo rejeitado, passa a filósofo rejeitado, o pior destino que se pode ter em vida e, em morte, pois

a morte não lhe trará de todo fama e sucesso editorial, já que neste mundo hipermoderno o que mais interesse seja o efusivo intstante de Estar-Aqui e ao mesmo tempo Estar-Aí, na efusiva eternidade que se marca e ao mesmo tempo desaparece no Além. Poucos autores escreveram sobre este condicionamento que é vertido na figura social, no papel social do filósofo feito antropólogo, do *antrófilo*, uma espécie em vias de extinção, ou que pelo contrário, cresce a olhos vistos, pois com o advento de novas esferas de comunicação e partilha de informação, pessoas sentiem-se cada vez mais sós tendo o Mundo na mãos, jogando o papel de deuses a propósito do seu destino, do dos outros, que lhes estão próximos ou distantes, como as *socialites*, nunca chegando porém a perceber o que é Ser Deus, o que o papel encenado e encenador de Deus compreende...

O antrófilo, ao mesmo tempo sabe tudo, mas não sente a felicidade especial que é nada saber, própria de certa tradição filosófica (José Mattoso, *A Nuvem do Não-Saber*), porque a sociedade lhe exige tudo mas nada lhe dá em troca no redemoínho existencial do dia-a-dia e ele continua fazendo rotinas (o trabalho, os encontros, o *jogging*) na expectativa de encontrar alguma coisa. Ou não, continua porque, de certo modo é obrigado a continuar, porque tem obrigações familiares, profissionais, sociais, num só sentido. A vida, em vez de exercício de liberdade, condicionada ou não pelo policiamento, torna-se um sacrifício e o prazer retirado dela é fugaz e resulta do desalento, da falta de sentido e do estertor do cansado mental em compreender. Sim, reside nito toda a questão: o Homem

tenta sempre compreender, o que lhe acontece e o que acontece aos outros, para de uma maneira ou de outra, tirar alguma lição, alguma ilacção. Mas agora não não lições a tomar, não há explicações a dar, o Homem sentem-se cansado e agoniado, as coisas mais simples da vida não se cumpriram: o amor, o trabalho, os items mais dignificantes sob o ponto de vista social. Chega desmontar toda a sociedade para pôr a nú todas as suas incoerências, apontando este ou aquele inimigo? Porque é que a filosofia é tão especial se não dá emprego a ninguém? Se não dá senão falatório? E a antropologia? Se entende o conjunto da sociedade e das questões gerais do Homem e da diversidade cultural, porque há que não trata da dignidade do trabalho de que o antropólogo precisa? Será problema da sociedade onde estas disciplinas se exercem? Talvez<sup>17</sup>. No Antigo Regime, as

---

<sup>17</sup>. Estão mais preocupadas com turismo, desporto, imagem exterior e infraestruturas, para estas pessoas é toca-e-foge, não há muito que explicar na vida, aliás, nada há para explicar nem registar, nem compara, é uma questão de fruição cínica do momento, como se não houvesse finitude ou contingência. Na verdade, como se fossem imortais, esses Seres vindos do reino de Eros... Algum dia conhecerão uma depressão? Um entusiasmo fugas por um canto sujo na porta de abrir do Metropolitano? Terão alguma fraqueza sexual antes de dormir? Sim, porque masturbação é tido por fraqueza, porque o intento íntimo do Ser Humano, pelo menos do Português, é galgar, sair para fora de Si Mesmo e juntar-se, misturar-se ao Outro, como o ideal do Grupo, é fazer alianças com outros grupos, juntar-se a outros grupos. No Magma, aumentando o Magma.... Na sua sabedoria, o filósofo, ou antrófilo, entende o Mundo, está em sintonia com ele mesmo e entende que mais vale dar um passo a trás, sabendo que poderá mais tarde dar dois à frente. Além do mais, por consideração ao Mundo e ao Mundo do Outro,



peças estavam geralmente formatadas da mesma maneira...encontravam-se umas com as outras e havia bastantes violência nas relações. Hoje em dia, as pessoas têm diversa formatação, encontra-me, trocam fluido amiúde, impressões, estabelecem diálogos sem fim, mas parecem que nem por isso a violência diminuiu...

Será, por outro lado, o *Pensador*, alguém que pensa, a partir da sua individualidade, o universal que a Filosofia permite num contexto „etnográfico“, antropológico, denso de referências culturais, abandonando o sentido da sua individualidade e entregando-se ao sistema de referências e fontes numa situação de relativa paragem existencial, não fazendo uso da viagem, quando a geografia

a intimidade do filósofo encontra-se destruída, desorganizada, desmembrada da sua inteireza original. Ele como que a ofereceu em sacrifício na troca da compreensão de qualquer coisa que vai para além do Mundo, à semelhança do Fausto de Goethe. O normal antropólogo não conhece tal angústia, o facto social de não saber por que passeio ir, de não saber onde ir tomar o café, de não saber a quem ligar, de não ter em conta o que fazer efectivamente, porque ele é essencialmente o que o filósofo também é, um manobrador. Só que a ambição do filósofo é ainda maior, ele pretende compreender e dominar o mundo sob o ponto de vista metafísico, do Além, marcando nele a sua presença transcendental, como se quisesse a todo o tempo dizer em alta-voz: „estarei por aqui famoso mesmo depois da minha morte“. Ao antropólogo basta uma vida simples, boa comida, lindas mulheres, de preferência simples, uma vida longa e sem chatices de maior, com algumas supresas estudadas à mistura.

atrai à sua mente qualquer coisa de perfeitamente humanizado e essencializado como uma paisagem cultural como a indiana? No meio da multiplicidade religiosa africana, entre orixás, protestantismo, catolicismo, hinduísmo e islamismo, haverá espaço, lugar, para uma reflexão filosófica que não assente somente na reivindicação dos direitos de igualdade do povo africano em geral como oposição ao branco europeu, ou seja, não representa a figura do *Pensador* senão a primeira assunção do Homem negro filósofo e antropólogo enquanto homem que reflete sobre a sua condição sem sair do seu contexto cultural e que de certo modo aguarda desde há séculos a vinda do herói civilizador (branco, cabelos loiros) inscrito na sua mitologia? Por outro lado, poder-se-á dizer por inscrição na mente dos povos, que o branco europeu é mais racionalista (alemão idealista, por comparação ao português sentimental, nostálgico e apaixonado) que o africano, geralmente mais emotivo? Poderá fazer-se, geralmente, uma caracterização dos povos, tal qual a pensa a Geografia Humana, a Antropologia, a Filosofia, neste mundo de hoje lleno de entrecruzamentos virtuais e reais interculturais? Nota-se assim, uma mistura, certos movimentos, sobretudo no outro lado do atlântico, com vista ao inverso do apuramento da „raça“, mas também se notam movimento precisamente em sentido contrário, sobretudo na esfera política, em França e noutros países, como a Coreia do Norte, de afirmação xenófona e exclusivista de grupos étnicos que se afirmam territorialmente na cena pública-política tendo por eixo a identidade cultural... Na América, o afroamericano é

o que sonha, o que quer fazer parte do sonho americano porque foi aquele que desempenhou um papel decisivo, inigualável, na construção daquele país e o dia-a-dia da América é feito disso mesmo, como se tivéssemos apenas uma moeda para gastar em comida, por dia, como se tivéssemos apenas uma moeda para apostar, uma moeda branca na coroa e preta na cara...

Podemos também equacionar, desde já, a seguinte questão: tem a arte, moralidade? Iríamos socorrer de Merleau-Ponty (*Visível e Invisível*), referindo também a questão do labor conceptual do espectador de arte de que Agamben fala, a questão de que o olho pode ser o cérebro ou vice-versa, em certo sentido. Há, primeiramente, em consideração, uma questão estética, depois uma questão funcional, logística. Ora, na arte pictórica, uma representação não é passável de ter moralidade, pelo quando é vista enquanto tal, i.e. É uma representação mental, logo, ao ser apercebido pelo voyeur da arte pode levar a interpretações diversas, dependendo do material mental do expectador/leitor, podendo inclusivé vir a geral conteúdo com algum grau moral, mas Em Sim, dado ser um objecto, não parece de ter ou ser algo mora, ou „moralmente aceitável“. Por outro lado, se o olho é o cérebro, o espírito, não há moralidade nenhuma na questão, esteja eu julgando sózinho ou acompanhado, mas pode haver se eu tenho um quadro moral na minha conduta e faço uma devida apreciação moral usando esse quadro (moral, mental, estruturado de certa e determinada maneira) face àquilo que vejo. Pode ser uma pintura, um livro, um vídeo, uma escultura. Se tiver conteú-

do saturadamente com ausência de moral, não passará disso. Mas se tiver conteúdo moral, poderá ser usado pela minha mente para proliferações mentais de origem e resultado amoral. Representação e fonte do conhecimento, o seu, o produtor e o produto da cultura, por assim dizer, convivem num mundo multiseular, multifacetado, cuja histórica e acúmulo de peças de arte, sejam obras escritas sejam peças de vestuário, marionetas ou esculturas, bem como pinturas, ajudam as constituir aquilo a que chamamos de património cultural e que, no caso europeu, é a sua herança e que, crítica ou acriticamente, representa um valor que constitui um ganho civilizacional inigualável. Ora, analisamos a este respeito a parte final de *Ser e Tempo* (1927), de Heidegger, bem como *O que é Uma Coisa* (1962) e *Caminhos que levam a Lugar Algum* (1949), por modo a unificar ou religar os conceitos de coisa em si quando aplicados ao momento da criação quando se deslindam da mente e se projectam num espaço exterior a Si Mesmo, o Mesmo de Si do criador, ela também num certo sentido um criador, pois desde já na era tecnológica vai produzindo, com o correr da pena e do tempo, autómatos que mais tarde, tudo leva a crer segundo os leitores e escritores de ficção científica, substituição os humanos enquanto espécie humana. Sim, porque o Homem, imponente e dominador neste planeta, vê-se a Si Mesmo como inigualável, destituído do Deus que o criou e julga que não pode ser julgado, julga que não pode jamais nunca em lugar algum ser desalojado do seu lugar de poder absoluto e despotismo, mesmo ante espécie que em certo sentido se manifesta pela investi-

gação serem superiores, os animais, os insectos, as plantas, as plantas que pensam e que estão já floreando e decorando o Éden, bem antes do homem o conhecer, entretido que está em sua imaginação em decorá-lo com elas mesmas e ainda em suas faustosas casas e causas.

Sugerimos, então, uma reflexão filosófica em torno da difundida escultura africana do *Pensador*, que poderá, sob o nosso ponto de vista, entrecruzar-se com a de antropólogo ou a de filósofo ou mesmo a de floantropólogo. O pensador é como que uma figura mais „leve“ que, de algum modo na tradição francesa do *pen-seur*, encara todo o mundo exterior e interior ao pensamento de um modo *light*, cartesiano, passível de ser sentido e pensado, equacionado, considerado, avaliado e traduzido em algoritmos, sons e palavras. O pensador seria de algum modo também um pensarilho (se lhe retirarmos a possível armadilha linguística do português, por analogia a „sarilho“...); ou seja, por analogia a andarilho, um pensador ambulante, uma mente que viaja, que recebe influências dos mais variados quadrantes geográficos, das mais diversas proveniências culturais, dos mais diversos matizes estético-literários... A sua mente seria, então, como que uma antiga árvore que assente num solo secular e cujas raízes vão bem fundo no subsolo, bebendo os mais ricos nutrientes da terra, recebendo no alto os mais diversos elementos trazidos pelo vento, comungando tal riqueza com outras árvores lá do burgo, formando uma floresta onde habita um homem livre, livre, o livre pensador, herdeiro das coisas e loisas de Rousseau... Assim também o corpo do artista não é mais do que cor-

po de delito, ou seja, instrumento da obra de arte que ele projecta na tela, no ecrã, no cimo do palco, representado ideias, plasmando representações em segunda mão no contexto de um mundo que vive e perfaz seu quotidiano da saturação da imagem e cujo maior desafio, na esteira de Slavoj Žižek (*Bem Vindo ao Deserto do Real*), seria encontrar pontos de fuga para a saturação de sentido, para o excesso dele mesmo, gerando um duplo efeito social e estrutural: a atracção de novos elementos para o seio do grupo, da sociedade, da cidade, e a expulsão de tantos outros para diversos destinos além de si (geograficamente), o campo, a periferia, o obstuso especial de certas áreas suburbanas que mais parecem zonas desertas de um planeta distante, gerando ao fim e ao cabo uma forma mais ou menos eficaz de equilíbrio societal, demográfico, populacional....Assim também, a compreensão dos fenómenos contemporâneos que envolvem a cidade, o ver e viver da e na cidade, gera no filósofo, no pensador, um sentimento de potência, *verstehen* (no sentido weberiano da coisa), mas por outro lado também de abandono e enlouquecimento, um misto de rejeição-abandono por parte dos contemporâneo, como se o filósofo tivesse a ingrata tarefa de prescrutar as zonas escuras e sujas da alma moderna humana e nada recebesse em troca, nem cargo, nem mulher, nem dinheiro, apenas a satisfação social, académica e senti-mental, de algum modo...O trabalho filosófico implica e reveste-te assim de uma exigência cada vez maior pois maiores e mais vastas são as variáveis, desde a ética à política, desde os direitos humanos à violência doméstica e familiar, envolvendo não poucas

vezes um trabalho interdisciplinar em que se convocam psicólogos e muitas vezes criminologistas, enquanto os engenheiros estão entretidos em construir, não importa como. Este século que passou, este século em que estamos são os séculos do social, tudo concorre para esse item como se fosse o homem atraído para um Triângulo das Bermudas das situações sociais da habitabilidade neste mundo em sociedade. Ou fora dela. Assim, o filósofo, por razão do esquecimento do amor mundano, torna-se um crítico suave e desalentado da sociedade onde vive, na margem, no êmbolo, no refúgio campestre da melancolia que lhe faz ser um sábio reconhecido, precisamente porque não comunga dos prazeres obscenos desse mesmo mundo, chegando perto da figura do Santo-no-Mundo. Mas sobre este assunto falaremos mais adiante.

Gosto de ver o filósofo como um desconstrutivista, mas também como um construtor de mundos, como aquele que paga nos mecanismos da sociedade e os faz doer ao ponto de os curar como se fosse um verdadeiro patologista social. Há poucas pessoas assim, entre elas contam-se alguns antropólogos, envolvidos em mundos que não conhecemos, não conhecidos do grande público, cujas implicações para a natureza das coisas e das pessoas são tão delicadas que importa muitas vezes fiquem encerradas na academia e reservadas a determinados especialistas porque, na maior parte dos casos, o público em geral não entende, ou porque leva a sua vida, ou porque é o objecto de estudo de tais coisas, ou simplesmente porque ser antropólogo ou filósofo é uma questão não apenas de dom, mas algo

que se desenvolve, além de muitos insultos e frustrações, havendo, como em todas as profissões, bons e maus filósofos, bons e maus antropólogos. A figura do *Pensador* lá está, com o cotovelo no queixo, exibindo sua negritude, pondo em causa o mundo em que crê, ou não, duvidando de Si e da sua existência, além da certeza da fé, da fidelidade à ciência, fazendo da interrogação sua fé e sua ciência. Não podia estar ou ter nascido em melhor continente, onde a natureza humana se exhibe em todo o seu esplendor e brutal espontaneidade, como se acreditasse ser possível conciliar dois oposto, como se fosse possível à natureza (das coisas) pensar, e se pensar fosse alguma vez parar e se o devir não fosse senão pensamento e em que sentido, não que não fosse apenas senão sentido algum, com ou sem conteúdo mais ou menos explícito que desagua numa mar de abertas e infinitas possibilidades. Assim, também o Pensador se revolta um dia e se torna taumaturgo, resolve ser generoso, a academia devolve a sua boa vontade à rua, à sociedade, ao papel em branco. Ele nota que não vale a pena insistir, sob pena de não concluir sua obra, pois a construir de certo modo por ele mestra, no estertor dela mesma e à revelia dos grandes autores, do status quo e da corrente; porquê agora citar os grandes autores e não continuar insistindo na sua obra? De tanto gritar poderá alguém ouvir a sua voz do outro lado da colina? Ou fugiram todo para onde há comida, festa, mantimentos, como é próprio do humanos?... Ainda assim, talvez tenha sorte e esteja apenas vendo mal, o Pensador, talvez esteja exagerando da sua sorte e esteja apenas indignado com a indignidade do Mundo e, em



certo sentido, com a sua falta de sorte: não poucas vezes, reflecte na sua biografia e pouco ou nada concluir a não ser que, a Não-Ser que, que tem de continuar, em certo sentido atreito ao Outro, porque a insistência e reiteração de Si-Mesmo o cansa e estonteia, deixa-o por terra exangue de forças vertanto para a terra sua energia psíquica, alheando do que É Ele Mesmo, ao contrário do que dizia o Filósofo-Profeta...

Em certo sentido, cabe ao filósofo ser também um técnico do Mundo fenomenológico, uma consciência que constrói senão o Mundo todo de novo, pelo menos mundos individuais que transformem pessoas infelizes em pessoas felizes, porque de alguma menira ele também foi uma pessoa in-feliz e de certo modo não precisou do „uso“ das paixões para Ser feliz ,não que não tenha provado, gostado e adorado ser amado e amar. Enquanto o antropólogo estuda a máscara como efeito que desvia do sujeito o peso social da personalidade crua e originária do sujeito em seu papel social, o que se pode ver num livrinho de Claude Lévi-Strauss de 1945 (*A Via das Máscaras*), o filósofo-profeta desvela o sentido do real-personagem às claras, por camadas, como se a máscara habitasse a seguir ao rosto verdadeiro ,como se incauto, desconheçesse as armadilhas da humana natureza que o cientista social conhece e que devido a tal se esquivava ao convívio de certos homens, como se lesse o pensamento deles, como se fosse dotado para prever certas formas de violência física para consigo e os seus. A este ponto, não conseguimos estabelecer relação consistente entre a figura do antropólogo e a do filósofo-

fo, pelo menos no que se refere ao contexto português e às leituras de que temos usufruído. O antropólogo parece-nos inteiramente irmão do sociólogo, do historiador, do geógrafo em geografia humana. Talvez também do advogado e do engenheiro...mais do que propriamente do filósofo. Porque por mais pontes que tentamos estabelecer, a figura do filósofo esquiva-se sempre, digamos, „para cima“, habitando perto de Deus, de certo modo. Só que Deus não existe e de certo modo o que lé existi existindo lá o filósofo é uma certa ideia de loucura e desgovernança do mundo, poruqe afinal de contas, as pessoas do bem comum, sobretudo aquelas que exercem poder na Terra, acabam por confiar ao filósofo as suas loucuras sobretudo porque entregam, de certo modo, o ouro ao bandido, ou seja, entregam-lhe as suas loucuras julgando que ele é louco, também louco, pior, entregam-lhe as suas loucuras, mais do que aos psis (porque afinal fica mais barato e „a la mano“), julgando que ele tem alguma forma de poder ou taumaturgia, o que não é de todo verdade. O filósofo é, neste sentido e contexto, apenas e tão só uma testemunha do que se está a passar, tal como o antropólogo no seu trabalho de campo. Nem mais. O seu trabalho é justamente „não interferir“. Outros são pagos para isso, desde que entendam o seu papel e compreenda a sua mensagem nos termos de uma certa **glocalidade** que é inevitável no mundo de hoje, sobretudo com a interpenetração das economias à escala global. E o Pensador é, assim, portanto, de certo modo, um *Pensarilho*, envolvida que está a sua mente, num sarilho enorme, ou seja, assume o seu pensamento

a forma de um andarilho do pensar mas também pode ter um cariz de certo modo judicioso ou policial (Bataille, *The Perfect Crime*), de que se tenta livrar estando, tal qual animal da selva, atento aos estímulos do exterior. Assim, o cérebro é não só o olhos, mas um conjunto de sentido, todo o corpo é um conjunto de sentido, que amam, pensam, sensorializam o meio ambiente, ao mesmo tempo repetindo-o e aceitando-o, tam como sorvemo o ar que respiramos e o expelimos para podermos continuar vivendo e progredindo nos espaços e nos tempo de habitabilidade no ecossistema relativo não só à nossa espécie como à nossa forma de inventar a forma com quem nele nos inscrevemos.

Crítico, então, do sistema social que ajudou a construir, do qual fazia parte, o santo-filósofo, ainda não impotente sexualmente, mas recusando ser vão, chão, manietado pelos sentidos mais baixos daquilo que é a operação da consciência psicanalítica do povo, do inconsciente colectivo, o filósofo escolhe, cansado também dos autores que nada trazem ao mundo que ainda quer transformar, com ajuda do entusiasmo dos jovens, das crianças e, pasme-se dos animais (há quem diga também que das planats e das perdas, bem como do cursar das águas nos regatos) como cães e gatos domésticos, escolhe uma solução intermédia, *light*, de senso-comum, e resolve ser pensador, assumindo a pose da estatueta africana, e o seu pensamento como que se dilui através do ecoar sibilino dos carros e das motos nas ruas noturnamente e no movimento característico dos dias de bulfício, de dia, em vez de ficar como que entupido nas

prateleiras da biblioteca de uma universidade, deambulando entre as discussões internas dos colóquios, de um lado para o outro, ora saindo ora ficando, de um lado para o outro, como ele Mesmo na sala de sua casa, peripateteando, também uma vez ou outra na rua, aproveitando esse esquecimento para produzir uma obra verdadeiramente digna, notável e transformadora (no sentido marxista e ao mesmo tempo cristão). Assim, enquanto anda ocupado de Si para Si Mesmo mais ocupado anda com o Outro procurando transformar os outros, num mundo e num tempo em que todos fazem o mesmo e esse eco de simultaneidade é sinal que une os humanos, por isso mesmo, sinal de que há esperança, *liason*, no mundo fragmentado de hoje, e a crítica só vem reforçar essa mesma ligação, essa forma forte de des alento que permite erguer pontes entre aspectos aparentemente dissonantes das idiossincrasias e dessintonias tanto do Ser como do Parecer, tanto do Sujeito como dos Grupos. É claro que o filósofo é um devasso em potência, que num estalar de dedos se torna um Sade, moralizador do corpo e de suas tendências. Mas eis sua virtude maior. De um caco ele constrói -ou reconstrói- uma casa, ao passo que o homem do senso comum está habituado tanto a desconfiar do poder do Outro como das suas capacidades, potenciando as suas como eternamente superiores às de qualquer outro semelhante. A ironia de todo este hoje, que consideramos particularmente fascinante do ponto de vista intelectual, quando equacionamos uma relação, existente ou não, entre filosofia e antropologia, é que enquanto a antropologia reconhece abertamente que

o mundo e a sociedade, embora tendo regras, é uma selva, ou seja, um domínio (espacio-temporal) onde impera a lei do mais forte, do mais inteligente, do mais rápido, do mais capacitado (hoje em dia do mais rico), do mais, em todo o sentido, a filosofia acentua o aspecto civilizado da coisa, ou seja, é preciso conviver em sociedade e reconhecer pontos de vista comuns e aspectos de civilidade, direitos comumente adquiridos que nos permitem ter, à uma, igualdade de tratamento, quer seja nos projectos de vida quer seja no „acesso distributivo“ à felicidade, por exemplo. Pergunta-se então o pensador: como se poderão conciliar os dois pontos de vista? Decerto que, em determinados espaços, poder-se-á aferir quem é melhor numa tarefa, quem é melhor noutra...a sociedade decerto que precisa de heróis, pelo menos para que os mais novos cresçam com referências...poderá ser o pensador, enquanto filósofo, ou o filósofo enquanto pensador, também uma espécie de herói? Não é o homem primitivo que reflecte na caverna também um herói, pelo menos um herói do seu tempo, preso que está para sempre no seu tempo, obrigado pelas circunstâncias da sua temporalidade, a descobrir soluções „mágicas“ (por isso, logo, técnicas)? Eu julgo que o pensador só se permite estar naquela pose depois de um bela caçada e que em bom sentido nem sequer é caçador toda a vida nem pensador toda a vida, o que seria bastante maçador, por um lado e tumultuosos por outro, daí que possamos inferir que teoria e prática, na esteira de Kant (nas suas *Críticas*, de resto) estão instrínsecamente ligadas, seja: só existe teoria, porque existe também prática. Uma teoria bem fundamen-

tada requer muita prática e uma boa aplicação prática das coisas e dos instrumentos de realização e experimentação científica, por exemplo, requerem uma forte e extensiva fundamentação teórica. Daqui, podemos concluir que, nos termos das relações sociais, a relação entre filosofia e antropologia é existente, mais foi notada bem antes de Kant, com os gregos, mas foi Kant que notou, com um pequeno texto, a ligação entre antropologia social e filosofia, dado justificação à necessidade do trabalho de campo entre os humanos para melhor compreender a natureza do seu comportamento e perceber a fundo o último dos grandes enigmas da razão de ser do que no fundo se passa entre nós e que nada tem a ver com astronomia ou planetas ou com ET's ou parapsicologia: o último e grande enigma do Homem é só Ele Mesmo, o conhecimento dele mesmo para consigo mesmo e com o seu semelhante. Assim, pois, deveria também a filosofia perceber como a antropologia lhe pode facilitar um manancial monstruoso de dados etnográficos (e sair um pouco do pedestal, da cátedra), no sentido de perceber não apenas a grande questão da diversidade cultural mas outras tantas como a vida social, os papéis dos actores sociais, a morte, os rituais, a relação entre individual e social, o matrimónio, a economia da troca, a moda e o vestuário, a política, a religião, todos os traços de um grupo ou sociedade que nos permitem não só compreender o papel do sujeito enquanto percente a esse grupo (e logo definidor da sua identidade, embora voluvelmente, no tempo biográfico, identitário), como a sua relação com ele, com outros membros, como também a relação do grupo

com outros grupos. O objectivo seria compreender o conjunto dos grupos à escala global e fazer como que uma antropologia política global, de modo retirar ilacções filosóficas, que não são obviamente inocentes: elas servem cientistas, especialistas, que trabalham para entidades governamentais, organismos, etc, tirar ilacções de modo a servir um propósito benéfico para a humanidade, um propósito filantrópico, esses eriam os fiantropos, os antrófilos, antropófilos<sup>18</sup>, que instaurariam um governo de bem em toda a humanidade. É essa, de resto, a intenção da ONU, por exemplo. Portanto, acreditamos que, filósofo e antropólogos trabalham em função de uma ideia de Bem mas parece-me que enquanto a maior parte dos filósofos não toleram a ideia de Mal (exceptuando Nietzsche e Sloterdjick, obviamente), os antropólogos parecem viver placida e pacificamente com a ideia...

O que pretendemos dizer com a expressão ***o racismo não existe***, é que não existe na nossa mente, num determinado contexto (cultural, ético) como dizemos, em certo sentido porque há uma só raça e a vida social opera uma diferenciação que tem essencialmente a ver com a regra durkheiminana, a nosso ver, da divisão do trabalho social.<sup>19</sup> Ou seja, qualquer tensão, social ou individual, é remetida

<sup>18</sup>. Poderíamos, também, neste sentido, equacionar um questionamento (estioliamento) da relação entre o filósofo (que pensa, quebra-gelo mental de mentalidades por expressões escritas) e o filantropo (Filos+Anthropos), que usa sem poder benfeitor para o fazer destinar a populações carenciadas sob pretexto de ajudas bem específicas, por meio de ONG's, nomeadamente.

<sup>19</sup>. Durkheim, Èmile. A Divisão do Trabalho Social.

sempre para um certo hermetismo mental, uma certa concepção de dómus, seja o afecto seja a compressão espiritual do Outro. Poderíamos pensar que o africano, num sentido, ou o ameríndio, se deixaram dominar pelo afecto, transmitido e dado, embora tenha havido muita violência e morte no contato cultural dos descobrimentos. Mas, em minha opinião, não se pode re-escrever a história, mas si a memória, essa pode ser reescrita no divã social da arte, nomeadamente da arte pública. Porque solicita em certo sentido certa filosofia a re-escritura da história se ela é, em certo sentido, um facto, e porquê determinar arbitrariamente os factos, negando-os? Eles servem para pensar, para o efeito solidário e reprodutivo do perdão em forma de compromisso para um mundo melhor. Ernest Gellner fala, na sua obra *Condições da Liberdade*, disso mesmo, ou seja, a forma como a liberdade do sujeito depende da liberdade social em contexto democrático do estado-nação, ou seja, num plano planteado num espaço determinado em que à partida há diferenças identitárias que, como se sabe, antes promovem do que declinam o progresso e bem-estar social. O que é certo é que aqui se joga a questão do planeamento social dos governos e o papel dos assistentes sociais enquanto sociólogos promotores de bem estar nos eu duplo papel profilático e reparador de cada vez mais delicadas situações familiares, num temro e social, noutro, no limite. Ou seja, os Seres são cada vez mais itinerância, é o denominaria de ***Transumância do Ser*** (ou, numa atribuição ao Ser, uma *Transumância do Saber*), em todos os sentido no globo, de um lado para o outro, mantendo, aperfeiçoando, al-



terando e modificando a sua identidade (nacional), sendo que, num determinado nível, estância de pensamento, a nacionalidade parece não importar, além de ser referente para colóquios e conversas de circunstâncias. De algum modo, também, a patologia psiquiátrica é, em certo sentido, um *locus philosophicum*, um *lugar filosófico*, diria mesmo íntima e dramaticamente teatral<sup>20</sup>, ímpar, único, espectral, universal, no qual se joga a relação do sujeito consigo mesmo e com o universo, àquem e além Sol (Vide Tomaso de Campanella). Assim, antropólogo e filósofo, bem como sociólogo, sentem-se, de certo modo, consertados em sua libido pelos social, pois a realidade social é o real, em certo sentido, aquilo que faz mexer (Parménides, *O Ser*, mas também, o *Devir*), de modo que as constantes remissões e reevios a Si Mesmo são como que flashes que projectam o e-leitor numa cruz com que de certo modo salva o mundo (o seu mundo, no mínimo) e a Si Mesmo, resgatando-se a uma vida desencantada,

---

20. Veja-se a noção de psicodrama na psicanálise e psiquiatria, ou seja, a teatralização no palco da vida do conglito mental, ou seja ainda, a duplicação no espaço exterior a Si (se os limites do Interior corresponderem, de certa maneira, ao cérebro ou à noção do Eu, sendo ela coincidente com a noção de Corpo) de um modo gradativo, por níveis, permitindo como que duplicar a imagem mental do que acontece em situação mental de conflito e, exteriorizando-a, expulsando-a (de algum modo expulsando o Demónio, como se o demónio fosse do desejo, o futuro, a escolha eterna entre prazer e reprodução, no sentido batailliano) resolvendo-a no espaço-tempo-aí, esvaziando o sujeito de Si Mesmo, para o voltar a encher em constantes vazas num tempo-aí, indeterminado, por vezes repetitivo, invulgar, como se a mente fosse, em sentido da cultura pop americana, efectivamente, o Corpo.

desordenada, de alguma maneira, i-legível.

Acontece, então, não raras vezes com indivíduos e sobretudo com muitos autores, filósofos nomeadamente, confundirem o pensamento, a realidade, com aquilo que pensam emuito contribuem para o denegrimto e pobreza do pensamento filosófico clássico, em particular. O filósofo tradicional habituou-se a pensar que o pensamento é o que el pensa, enquanto sujeito, ora ele é somente sujeito enquanto está relacionado, em termos de relatividade emocional ou existencial, com o Outro, os outros, o item social. Muitos filósofos tendem a ter uma espécie de ressentimento para com o mundo e fazem desse ressentimento cavalo de batalha em que a sua menta (particular), é um laboratório: ora isso é, no sentido camusiano, um banal suicídio (mental, físico, intelectual) ou será também o princípio de uma doença mental, quando o filósofo faz do ressentimento, que advém na maior parte dos casos da não-aceitação da crítica, seja ela pessoa ou social. Ora, a crítica, mesmo a crítica do senso-comum, é um dados da consciência dos outros, não se pode iludir, de certo modo, é um facto. Podemos replicar, se nos atinge em nossa integridade ou do próximo de quem gostamos (diz o adágio popular português, *Quem não se Sente não é Filho de Boa Gente*), podemos também, ignorar e seguir adiante, para outras tarefas. Aí, também no trabalho social, encaramos a crítica como um mero comentário, seja ao discurso, seja à acção e apercebemo-no que o Eu só é íntegro na diversidade dos elementos que o compõem e essas são sem dúvida da ordem do social (factual, diria Pierre

Bourdieu, em *Razões Práticas*). Acontece que o filósofo está no palco do mundo, que é disposicional, o circo da selva, onde tudo acontece, onde o mundo tem tempo de ser aborrecido e feliz, eufórico, isso é a natureza humana em funcionamento diante dos seus olhos (Donald Davidson), muitas vezes ele quer-se esconder dessas vozes que lhe atravessa a mente pra desenhar as máquinas do pensamento, ou seja, desenhar graficamente o que desenha o seu pensamento, por que caminhos segue a sua intuição (filosófica, económica, lúdica). Mas não é já o mundo uma representação a priori do que pensamos, não está-aí, disponível a ser pensado, em certo sentido a ser jogado em Si Mesmo, perse, além de Si? Muitas vezes o filósofo não se adapta, a questão é muito simples, ou por neurastenia, ou por ter uma personalidade fleumática, ou por ser tímido, aí não há que forçar, tem de se retirar para especular mais e mais, a partir das imagens de Si Mesmo nos reflexos do Mundo e dos Outros. É a realidade (social, em certo sentido). Chegamos a um ponto em que podemos concluir, seguindo „La Ilusión Vital“, que o homem moderno, não somente o homem e a mulher da filmografia, está cansado de tudo, do mundo, do seu mundo, do universo social como sistema fechado, de uma visão integradora (muitas vezes veiculada pela psiquiatria e psicologia ocidentais, ou mesmo orientais), que como que obrigado o sujeito, acto social ou meramente actor artístico, a integrar-se em qualquer coisa para se sentir feliz, quando talvez seja mais feliz na autonomia, não somente económica, mas em sentido badrillardiano, espiritual, explicitamente vital, para

onde e através da qual se possa projectar enquanto homem do futuro. Sim, cansaço do mundo e das suas exigências, cansaço da tarefa, transversalmente rural e urbana, num certo sentido turística, de agradar a uns e a outros, a nacionais e inter-nacionais... Neste sentido, se a realidade das coisas, é meramente disposicional (reserva-se então também à tarefa do livre-arbítrio), as opções (sociais, de papéis sexuais, inclusivé), podem ser resultado da denominada autonomia kantiana da razão, nem mais. Por outro lado, tanto nos termos individual como societal, o jogo planteia-se também em termos maniqueístas e esse dispositivo mental funciona como uma bitola que nos permite ora ler, onde jogar o jogo do esconde-esconde conosco mesmo e com o Outro e esse jogo é, de certo modo, algo mais que legítimo, é um elemento tácito da vida social, da vida em geral, digamos assim<sup>21</sup>. Também é destino do homem **Ficar** ou **Ir (Partir)**,

---

21. Em certo sentido, há um maior sentido de solidariedade, por um lado e, pelo outro, de competição, entre os antropólogos, sejam eles da academia ou autodidactas, seja pesquisadores independentes. Idêntica competição (que se pode ler iniciaticamente na obra de Pierre Bourdieu, Homo Academicus) se regista entre os filósofos, muitas vezes mais agressiva e irracional, porque entre os antropólogos o que mais interessa é, de algum modo, um território (académico, territorial, de progressão), embora a maior parte viva numa certa placidez espiritual que muitas vezes impede aqueles jovens, bem formador, críticos e independentes de se afirmarem no panorama intelectual português. Esta afirmação faz-se, muitas vezes, por tomadas de posição políticas, dentro do espectro próprio da aparelhagem partidária, ou no domínio das artes. Muitos outros refugiam-se, como é o meu caso, na arte, ou nas artes, como fuga, salvação enviesada para uma promissora carreira como escritores, artistas, actores ou web designers, onde o planteamento

sempre com o sentido de algum dia regressar, para de algum modo, olhar à biografia, enquanto se esquece dela pela viagens, enquanto aqueles que vão ficando se habituem à ideia de que o sacrifício de seus pais e avós no sentido de ir longe de algum modo é por eles representado numa esfera de certo modo onírica, mas também fil-mica (o que vem, de certa maneira a ser uma e a mesma coisa, em termos teoricamente conclusivos), num espaço que se desenha ante os olhos e nos desenha a nós mesmo enquanto projecção do Grande Olho, do Grande Outro que minimamente, em termos de concentrado, representamos, respeitamos, cumprimos. Não há, defendo, nada de especial na atitude do autor, misto de heroísmo e egoísmo, em repretar este ou aquele papel. Enquanto o *entrepreneur* procura o sucesso profissional e familiar, da sua prole e dos seus, guiado pela voz do sangue, de certa maneira, o actor vê na situação meramente satreana o ensejo para descobrir algo além do papel, seja a sua inscrição numa tela do passado, na mente e na memória do criador de determinada obra de ficção. Ele ao mesmo tempo parte de um tempo futuro para se inscrever no passado e de certo modo através da sua entrega, fazê-lo presente<sup>22</sup>. Neste sentido, enquanto o

---

de Si Mesmo enquanto tal é a rua, o espaço público, com toda a dureza, risco e generosidade que tal implica, prestando, muitas vezes sem o saberem, verdadeiros serviços públicos à causa de uma cidade ou de uma identidade, neste caso, nacional.

22. Veja-se a este propósito a mais recente série da RTP, O Ministério do Tempo, onde se jogam e conjugam planos espécio-temporais diversamente mesclados e tarzidos à realidade de um agência que pretende „modificar“ a hitória, tema que

filósofo se detém como que numa febre do possum, o homem do senso-comum conhece, como certo actor-autor, no não-dizer, o segredo do sucesso, do muito português desenrascanço, saber que numa dialéctica do oral e do escrito, nunca se perde, sempre, em termos davincianos, sempre se transforma, isto mesmo nos termos de uma *Lógicas das Compensações Fortuitas*. O mundo equivale-se, pouca gente o sabe, muita gente o diz, a um jogo de futebol, em que a superfície terrestre é o conceptual terreno de campo, ou seja, eis o homem simbólico de Ernst Cassirer no seu pleno esplendor, como homem-árvores, entre os mitos e tentações mais ou menos militaristas do superhomem nietzscheano e as outras que o reduzem a um Ser sem alma e sentido de engrandecimento de Si Mesmo (Jean Poirier, *O Homem ao Encontro de Si Mesmo*). É evidentemente que a nossa afirmação o racismo não existe é altamente provocatória: destina-se a fazer pensar, a pôr toda a gente a discutir o tema, e talvez assim se consigam exaurir as diferenças e pensar, ou plantear, na esfera pública, nas escolas, uma maior importância daquilo que nos une, que é sem dúvida a raça, em detrimento daquilo que nos separa, que são diferenças culturais arremetidas ao nosso psiquismo mais fundo por meio da passagem do estado de natureza ao estado de cultura, sob a forma de séculos de sedimentação de uma diferenciação com a qual as sociedades modernas se têm de degladiar quotidianamente<sup>23</sup>. Neste sentido, crescem, nos termos de uma filosofia

---

acima já nos referimos.

23. A este propósito, também o terrorismo e a maneira a atitude do Daesh, que

e antropologia políticas, as obras de Jean-François Bayard, *La Politique du Ventre* e a já clássica *Drums of Affliction*, de Victor Turner, que nos remete para cenários, sociais, em que, à semelhança do funcionamento do ventre, ou seja item e reprodução, gozo e necessidade de alimentação, o organismo social cria desordem para sobreviver e evoluir-se a Si Mesmo no tempo, muitas das vezes cíclico, veja a este propósito a noção bantu do Tempo, associada aos fenómenos da natureza, dos animais e da agricultura, um tempo não linear, mas cíclico, de certo modo repetitivo e nesse sentido gerador de um sistema de felicidade que funciona efectivamente para os intervenientes. Nesta ordem de ideias, poderíamos equacionar de novo a relação entre individual e colectivo: será a particularidade, sobretudo em termos da filosofia moral, qualquer coisa que releva apenas do sujeito, da crítica e do comentário, da observação do traço estilístico do vestir, da ordem de uma psicologia do vestir e será que o colectivo é somente abstracto, supraindividualizado, vago, não contundente quanto á crítica das acções individuais? Não será esta relação entre individual e colectivo, entre sujeito e grupo, apenas uma bitola para um certo tipo de visão integradora ou não da sociedade, do grupo, em que se parece remeter para o individuo os termos de um filosofia com que tem de certo modo de se defender, invocando

---

nem sequer é filosófica, acabam por ser ilustrativa daquilo que é a relação entre uma certa maneira de interpretar o Coração e a sociedade democrática moderna, em países como a Inglaterra, a França e mesmo a Espanha, onde se colocam distintas lógicas de abertura/fechamento do entendimento de maneiras de viver, diria até, de ver a morte e a vida.

todos os argumentos possíveis e imaginários, como se o filósofo, ao mesmo tempo idolatrado e odiado somente por pensar (sobretudo nos tempos de hoje, em geral, digamos) se teria de defender de algum modo contra alguém, (o grupo), como se a sua filosofia fosse uma auto-defesa de certo modo legal, na ausência de um bom advogado, como que se não salvando os seus bens e sua vida, ao menos pudesse ou lhe fosse dada uma chance de salvar a alma, compreendendo tudo, o Todo, a totalidade (Lévinas), os fenómenos sociais totais (Marcel Mauss)? É como se o filósofo antropólogo tivesse a mente embrenhada no ventre, fosse de certo modo aceite por todos, mas gasto nos seus pensamentos de entendimento, não podendo ir além de um de-certo pensamento brilhante, genial, mas de certo modo genial, porque antropológico, à semelhança de Edgar Morin, vendo as coisas em termos de uma moeda que tem sempre duas faces, ou seja, como se o sujeito estivesse na necessidade premente de franquiar barreira, em zona franca, passando por abas laterais de plástico, evocando mesmo o mito africano da vagina dentada, de que falava nas suas aulas Paulo Valverde? E o que tem a ver com esta temática a noção de exutório adiantada por João de Pina-Cabral? Neste sentido, o de uma antropologia das emoções e da performance, o que seria da vida sem a sedução, sem o jogo e sem a história romântica, sem os bailes de aldeia em Agosto, sem os programas da Cristina Ferreira e do Luís Goucha, o que seria de nós sem sol e mar, sem areia e circunstância de ver corpos, mesmo que na cidade, mesmo que na impessoalidade do Metropolitano, que gera um de-



scompassado sentimento de perda e de abandono e ao mesmo tempo de pertença que em certas alturas, quando o coração se encontra esburacado pela dúvida, preenche as lacunas da família? Assim, uma e outra vez ora contemplamos os corpos em ardor, ora contemplamos deserto marroquino ou o deserto preenchido da nossa própria mentindo a Si Mesma, entre o Eu que se enche aqui de colectivo e se esbate ali no colectivo<sup>24</sup>. Uma outra questão, que nos preocupa imensamente, é a de saber „para onde vai o antropólogo?“, sim, ele, que parece não pertencer a terra nenhuma, ao mesmo tempo que usa a grelha mental da sua cultura (normalmente europeia, colonialista) para ler outras culturas, para onde vai a seguir, quando acabar o seu trabalho de campo? Dedicar-se à agricultura, à família constituída (ou não, pode até nem ter namorada), deixa de ser antropólogo e instala-se num lugar, seja uma cidade, um montado, uma

---

24. Neste sentido, parece-nos que muita da nossa literatura actual, certos best-sellers, como que porfiar financeiramente no que poderíamos chamar de „arte do grassar“, ou seja, dizer coisas ou ideias, ou personagens, de um modo mais irreal, mais fantasmagórico, mais tonto possível, com intuitos diversos, digamos, seja por conquistar fama, poder, ou outra coisa qualquer que nunca conseguimos descortinar. Neste sentido, a etnografia, nomeadamente a etnoficção, tem bastante a demonstrar, pois em certo sentido lida com o peso de certo modo validadamente real da vida das pessoas. Mas, ambos os estilos não serão conciliáveis para além do „grassar“, ou seja, não há um pensamento do meio termo, que não incuta confusão e anarquia, e muitas vezes subrepticamente intenções político-pessoais? Por outro lado, qual das duas é mais universal, a etnografia enquanto ciência (nos termos de uma antropologia teórica), ou a literatura? Será que uma é ciência apenas e a outra criatividade apenas?

aldeia, tornando-se de certa maneira, o filósofo do lugar, um sábio ancião? E, nesta ordem de ideias, será que o sedentarismo se encontra intrinsecamente ligado à arte e à filosofia, ou seja, também no sentido levi-strausiano, nos termos de tentar ficar-se enquanto macho dominante, exercendo um certo poder político? Assim, haverá um equivalente filosófico ao mal de montano de Montaigne (subentenda-se) de que fala Enrique Vila-Matas? A ser formulador, quais seriam os seus termos? Uma certa forma de desejar enquanto ausente, citando Onfray, de ser vulcão enquanto desejan<sup>25</sup>? E, se tamos fazendo uma psicologia do filósofo, dizendo que tem a maior parte do tempo pensaemt<sup>25</sup>nos perversos e pecaminosos e que recusa a reconhecê-lo porque pretende, de alguma maneira, formular e salvar o mundo, que filósofo seria? Kierkegaard? Kant? Bourdieu? Nós mesmos? E porque falamos de nós, tentando evitar o Eu de certo modo recriminatório, como se não pudéssemos mais regressar a nós mesmos, como se a mente fosse um *set* metálico com duas gavetas em que a de baixo limpa a porcaria ao ser fechada e aberta, enquanto a outra, em comunicação com ela, mostra o que de mais magnânimo, misterioso e brilhante há com a alma humana, neste caso do filósofo? Poderíamos estar, assim, de certo modo eternamente, fazendo máquinas sobre a nossa forma de pensar, sobre a forma de pensar de um Bergson, de um Sartre maldito, de um Artaud... A expressão do poeta „nem que durasse eternamente eu estaria aqui“ é, nesse sentido, uma certa forma de fixar-afirmar a imortalidade da

---

25. ONFRAY, Michel. Le Désir d'Être un Volcan.

alma, pelo pelos do poeta, que em certo sentido a terá *merecido*? A mente funciona, assim como uma tábula rasa e não é ao acaso o dito filosófico ser sintoma de uma particular forma de pensar, progressiva, que vai anulando o passado recente, como se o rememorando exaustiva e repetidamente como se algo na zona límbica quisesse marcar posição face à parte intelectual e racional do cérebro. Assim, nestes termos, por mais inconciliáveis que pareçam, antropologia (social, nomeadamente) e filosofia têm mais pontos em comum do que discordantes, na medida em que o filósofo-profeta anseia pelo diálogo e pela diatribe e sobretudo por aqui que ele pode desencadear, ou seja, um rasgo de aliança com o Outro, a união do Eu com o Outro que, nos tempos que correm tanto se faz à pressa e talvez de certo modo, não apenas do ponto de vista afectivo e religioso (em certo sentido o religioso é sobremaneira afectivo, parte da alma). Podemos então levantar um questão sobremaneira pedagógica em que se coloca aos nossos educadores: o que é educar? Será conduzir de acordo com uma determinada bitola ou deixar que aluno se deixe conduzir por si próprio (Lévinas, *De Outro Modo que Ser*), ou seja ainda, haverá necessidade de formação no âmbito de uma qualquer Arte? Estará esta atreita às relações, mais do que qualquer outra actividade disciplinar, científica? Não é a ciência apenas uma forma disciplinada de ver/ler o Real? Há, assim, do ponto de vista estritamente filosófico, um conflito ou ausência dele entre a personalidade do filósofo e os universais temas que produz, nomeadamente à sua expectativa face às relações, um certo prurido em se confundir, a

que é alheia figura de grande parte dos antropólogos ou sociólogos. Hoje em dia, aqueles especialistas os pesquisadores que vive e trabalha na cidade, procura intercurso com mais pessoas (de certo modo, o „mercado“ é mais vasto, muitas vezes induzido pela densidade das relações laborais e presença dos media) ao lado de um maior apego a edifícios disciplinares (Erwing Goffman, Michel Foucault). Por outro lado, à filosofia está reservado um certo secretismo corporativista ou perfil do filósofo enquanto ser ingénuo que tudo destrinça pelas palavras. Mas, que pode fazer o filósofo quando é falado por muita gente e, sobretudo, vigiado por câmaras? Fará o vizinho parte do Clube do Terceiro Olho ou do Grande Irmão? Assim também, certa filosofia da pós-verdade pretende entrar de vez na questão da obscenidade da riqueza monetária e das tentações de status, quando, por certo em todas as sociedades, é isso que tende a acontecer, ou seja, o que está em cima procura, com sede infame de se afirmar, a subir mais, enquanto que o que está por baixo, na escala social, tende a pretender-se afirmar ora pelo aspecto económico ora pelo aspecto intelectual do seu perfil e, num capacitado último, tende a subir gradualmente, enquanto alguns mantêm o mesmo nível de riqueza, em termos de qualidade de vida „remediados“, sendo que se contentam com uma vida comunitária, onde muitas vezes há mais amigos nas escalas inferiores da sociedade do que nas altas, onde aumentam as taxas de suicídio, as baixas psiquiátricas, o crime, o desvario. Muitos deixam de estar agarrados a antigos, não necessariamente ultrapassados, modelos morais ou mesmo a elidir uma certa

moralidade nas coisas cotidianas que vão fazendo, sendo certo que a moralidade está sempre intrínseca a qualquer juízo ou opinião que tecemos sobre nós mesmos e os outros e não que seja dispensável, por vezes é um mero esforço da mental, disfarçada de patologia, de uma mente que tenta entender-se e ao Mundo., além da Caverna... Outras vezes, grande parte das pessoas vira-se para o desporto e em certo sentido os jovens não estão deixando escapar o futuro, têm outra forma de conceber-Se e ao Mundo, de certo modo para eles, a relação física, sexual até, é tão intensa e simples, que tudo fuir como se um pintor estivesse inspiradamente *fazendo* a sua obra-prima. Assim, neste mundo disposicional, nada é garantido a não ser nos limites de um certo secretismo, mas aí a felicidade é abafada e afastada do coração, sendo que ela é e sempre será comunicação, pois mesmo em casos extremamente patológico, falar ajuda, embora não seja o fundamentalmente necessário, em certo sentido, o Reino dos Porquês é um **Reino do Devir** onde o *Vão* de que faíamos acima cria depósito e conteúdo para se lançar na mais diversa e excitante das aventuar, fazer qualquer coisa, em vez de estar parado pensando, enquanto o pensamento não pára, ser de certo modo andarilho e pensarilho ao mesmo tempo e tal significa, tanto para o jovem como para o mais velho, capitalizar, em todos os sentidos e isso será coisa a não deitar ao lixo. Em certo sentido, quando comparamos a América com a Rússia (Ex-União Soviética e sua grande influência mundial), olhamos necessariamente para o meio termo, que seria necessariamente a Europa, Portugal, talvez. O país

terá mudado muito e em certo sentido vive numa certa oligarquia sócio-económica que o é de Poder efectivo, mas o país mudou no sentido em que a classe média está mais forte e, para aquele que o vê de certa maneira de fora, como nós durante muito tempo, começa a entrar na realidade social e perceber que por dentro as coisas estão mudando, a educação, o poder económico dos consumidores, a segurança, por aí e diante. Muitas vezes perdemos a paciência porque as coisas não mudam, estamos mal em termos pessoais, mas em certo sentido a felicidade é tudo isso, uma *felicidade filosófica* no ocorre e percorre o corpo no resultado de um labor filosófico, no sentido metodológico, do trabalho filosófico. Terá assim a felicidade a ver com necessidades naturais? Concerteza, mas também necessidades do intelecto e as duas funcionando em conjunto são mais poderosas que qualquer arma, se me permite. Em certo sentido, a felicidade económica corresponde excata e directamente a uma felicidade filosófica, pois garante, para além daquela que advém do trabalho quotidiano e do cansaço que tal traz, a um certa forma de pre-enchimento do Ser. Assim, o esforço, o seu prémio, é assim, uma felicidade em termos de corolário, que se acaba por transformar numa vida serena em família onde os esquematismos dos tempos de fome acabam por ser realizados plenamente. Assim, além de Deleuz, ou mesmo como ele e outros americanos, a descrição da vida é o que inspirar o escritor, o filósofo, pois que o sociólogo a faz frequentemente como metodologia do seu trabalho, sendo que a partir daí vemos o mundo como Dante poderia ter visto. Assim, seguimento Goff-

man em *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias* e acabamos por chegar além mais do esquetismo filosófico no termos de uma filosofia da mente, partindo da antropologia como fornecedora de dados, nos termos de uma antropologia do simbólico, ficando por aí ou fazendo transviar esse determinado simbolismo para um campo filosófico que se detém na antropologia filosófica, ou seja uma reflexão acerca do que o Home é, ou não ser, que foi (historicamente ou não), que poderá essencialmente vir a ser e o que podemos esperar atentamente desse vislumbre. Assim, o que há para além de um sonho americano? Um mundo americano, antes e depois do sonho, eu seja, em certo sentido, é preciso acreditar no quotidiano, no porvir, por vezes no banal (dá o sentido profiláctico da arte, que opera sem chicotear a consciência, tal como a consciência faz a si mesma, em algum sentido). E o o sonho português? Bem, em certo sentido já se cumpriu, o seja, o Brasil existe<sup>26</sup>, ou seja, o que o sonho português tem de extraordinário é que, para além de se ter já cumprido, de ter chegado à meta, de ser já Verdade e até pós Verdade, ele pode continuar-se sobre outros meios, em certo sentido não se dando por acabado, mas enquadrando qualquer coisa de novo e inóspito, mas ir além de si mesmo, portanto o sonho de qualquer pessoa não é tanto a folia, que não é senão um meio, mas será a de se um certo *working class hero*<sup>27</sup>, ou seja, subir a pulso no status, com confiança

---

26. Veja-se a obra de Agostinho da Silva e seus continuadores, entre os quais Renato Epinânio e Paulo Borges e a actual Nova Águia.

27. Como diz a canção do Nobel Bob Dylan, „a working class hero is something

e segurança, por que aí ninguém pode de certa maneira retirar o mérito, mesmo que chovam críticas a casa não enferruja. Aqui pegamos em certos aspectos da obra de David Le Breton, ou mesmo de um Alain Botton, no senso-comum que implica e também dodá a conjectura transcendental quando ocorrer desenha a mente a conforma, ou seja, o corpo é também em num certo sentido expressão da mente, ora quando é disciplinado, duro, ou indisciplinado, mola, e neste aspecto de implica relação entre natureza e cultura na humana natureza, como aliás fortemente explanou um Zubiri (*La Estructura Dinámica de la Realidad*) e certa literatura espanhola como a de Julián Marías, so para indicar um nome, mas também de certas passagens de Merleau-Ponty (*Signes, Phénomologie de la Perception* e *Le Visible e l'Invisible*, como também um Girard (*Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde*), onde a máscara acaba por, nos tempos não apenas do simbólico mas de uma certa efectividade, funcionar como artifício usado na vida social, em certo sentido o inverso de um fetiche (privado), lembrando Luc De Heush (*Le Bouc Émissaire*) e Robertz Hertz (*Gauche et Droite*). Assim sendo, não só apenas das sociedades africanas, mas também por exemplo nos nossos Trás-os-Montes (Joaquim Paes de Brito), a máscara acaba por funcionar de modo igual é moeda nas sociedades industriais, no

---

to be“, que interpretamos no sentido da valorização do trabalho enquanto tarefa essencialmente humana, pois é revertida para si mesma pela atribuição de uma moeda, um valor, um salário, o que reitera essa condição essencialmente dispositiva e cultural do homem, moderno poderíamos dizer.



sentido em que tanto mostra quanto oculta, ou seja, é uma passagem para a personalidade (a vida) do seu usuário (na web, por exemplo), do seu „portador“, do seu dono, ou seja, é enfim realizado o sonho lévi-straussiano de conhecer a mente humana pelas suas manifestações culturais e identitárias (*A Via das Máscaras*), seja enquanto *sonho humanum* seja enquanto vigília que dá e absorve de si mesma no quotidiano (Maffesolli, *Eloge de la Raison Sensible*), que se pode ver como segurança além nas análises ditribicas de um Umberto Eco (*Apocalícticos e Integrados*), onde esse uso da máscara por vezes manifesta a intenção tanto do seu autor como do seu dono no sentido de uma percurso em termos da escala social, onde seja, enquanto o burocrata depende do dinheiro e da força físico-psíquica, o artista depende da sua máscara, que na verdade não é mais do que o seu dom para a arte, erigida como linguagem universal ao entendimento de algo que nos permite continuar a realizar e a conceber novos mundos neste mundo, dentro o fora da caverna (Boécio de Dácia, *A Eternidade do Mundo*) daí a legitimidade de uma nova leitura sobre grande parte da Idade-Média, sobretudo aquela que se encontrava agregada aos mosteiros e suas hortas, onde se trabalhava em favor de um sistema de certa maneira a-político, pois havia, em termos classistas, três classes, restando as restantes subclasses para as fugas ao sistema. Veremos então a vida social como um sistema? De certo modo, é isso que qualquer sociólogo faz, ou antropólogo, usando o método comparativo, mas também o filósofo o faz, formal

ou informalmente, de modo a poder reinar nesse reino<sup>28</sup>. O reino perfeito não incluiria polícias ou todos seriam polícias de si mesmo e dos outros, por uma concepção errada de verdade muitos países do norte já se „queimaram“ ou seja, exportam felicidade feita em laboratório enquanto a felicidade do sul é verdadeiramente autêntica (também a infelicidade o é), ou seja onde se estuda mais o sujeito e suas interações, a felicidade tende a ser um desígnio sério e a ter em conta, tentando extirpar da vida íntima a infelicidade, a fim de criar não só um conceito mas também uma potência de Vida mais genuína. Mas, se a imagem do antropólogo está vinculada aos mais fracos e mais pobres, o que não é de todo o caso da figura do filósofo, amuito antes pelo contrário, como poderá o moderno antropólogo da hiperrealizada (Lipovetski) transformada em circo de acontecimento (Badiou) fazer, compreender, por exemplo, a um polícia, a um advogado, que a etnia ou grupo determinados (Wierkiorka, *A Diferença, O Racismo*), não é vinculativa à infracção da lei, das regras sociais. Em certo sentido, tanto um como outro têm bastante pouca formação nesse campo, o da antropologia (da diferença). Eis um campo temático (e laboral) onde o filósofo e o antropólogo podem entrar, talvez apenas depois de fazer trabalho e campo, o que me parece indispensável no quadro de um antropologia filosófica. Não se pede ao polícia (e ao segurança privado) e ao advogado que abdicuem do seu senso-comum, mas pede-se que tenham alguma for-

---

<sup>28</sup>. Semelhante a este sonho, de governar a cidade enquanto Rei-Filósofo está aqueloutro de ter todas as mulheres de uma cidade...se nos é permitido dizer.

mação nessas áreas a fim de desenvolver um raciocínio minimamente abstracto quando for caso disso e minimamente global quando for também caso disso. Alias, a antropologia está já presente, desde o seu alvor académico, na criminologia, son o anto da antropologia física<sup>29</sup>. E a filosofia, onde pára? Num lugar escuro e sujo? Na mente de um filósofo esquecido que tentor resgatar a sua razão da loucura e acabou num manicómio, como muitos? Ao filósofo assiste o direito de lutar pela universalidade em Si, no redor do seu ardoroso sentimento pelas letras, imagens, números, cores e cheiros.<sup>30</sup> É que dizer das críticas que conhevem sobre o filósofo durante o dia, que

---

<sup>29</sup>. Nota-se que a antropologia moderna tentou a sua afirmação académica pela via do empiricismo, tendo-se registado mais tarde um movimento de afastamento desse lócus científico e de certo modo miscigenado com outras disciplinas, desde já com a filosofia (imensamente de resto) mas também com a geografia humana, a já mencionada sociologia, pisanálise, linguística, economia, semiologia, enfim, ciências exactas como a Medicina, a Agronomia, a Psiquiatria (sob a forma de Etnopsiquiatria), a Química e Física, enfim, tantas e tantas outras que fazem a antropologia o que se pode chamar de um Leviatã do conhecimento, adormecido e a precisar de ser beliscada constantemente, como se precisássemos nós próprios de um beliscão para acordarmos para a diversidade, por um lado, mas também para a unidade do género humano.

<sup>30</sup>. A antropóloga Rosa Perez, a maior especialista portuguesa de estudos indianos, referiu numa das suas aulas que o maior desafio da antropologia seria o próximo, entre os quais seria analisar os cheiros, fosse de perfume philosophique fosse de animais esventrados, estando-se referindo tanto a Erasmo de Roterdão como a Leonardo da Vinci. É claro que o segredo está aí, mas poucos ousam enveredar por essa via, por ser demasiado humana para humano analisar, em certo sentido, como diz o povo, „quanto mais se mexe mais mal cheira“.

a vigília é sua boa-conselheira? Alguns comentários são agradáveis, outros nem tanto, mas ele se vai aguentando, progredindo, como o herói de Voltaire, Cândido, e creio que a salvação do filósofo enquanto máquina pensante está um pouco aí, nos termos do seu agajamento social, a té porque para a maioria dos seus contemporâneos, ele só pensa, não faz nada, então terá de se engajar, ensinar os outros a pensar, a não fazer nada...

## CAPÍTULO IX

### REMEMORANDO DUNE, BLADE RUNNER, ALIEN E SILÊNCIO UM OLHAR SOBRE ALGUMAS OBRAS DE RIDLEY SCOTT, WIM WENDERS, DAVID LYNCH E MARTIN SCORCESE O PAPEL DA RELIGIÃO ENQUANTO VISÃO UNIFICADORA DO REAL

A religião perdeu o seu peso na sociedade moderna, mas funciona ainda com um papel essencialmente assistencialista e teoricamente unificador de grande parte dos espíritos que se jogam ao jogo (em grande parte psicológico) da sociedade moderna e capitalista, onde impera o reinado do lucro fácil e do **eros**. Ali, onde falha o afecto, o amor, a sexualidade, a religião está sempre pronta a socorrer os espíritos fragilizados, cujas estruturas mentais foram arrastadas para a lama e o desmembramento pela erosão das relações laborais (Baumman). Por isso mesmo, grande parte do cidadão procura destinos de vida no campo, onde a vida é previsível, e alheia-se a uma vertigem con-fusional que caracteriza a vida na cidade, mesmo abdicando de uma carreira, como se fugisse de uma bomba não querendo saber onde estourou e se aleijou alguém. A religião, seja ela qual fora, retoma a sua missão inicial de demiurgo, inteligência ordenadora do real, ligando pedacinhos de almas partidas num sentido horizontal, concorrendo para uma certa e nova visão do Mun-

do, mesmo num sentido platónico. O homem e sobretudo a mulher moderna, vivem assentes num vulcão prestes a explodir. Aparentemente, têm tudo: bens materiais, felicidade, bens espirituais. Mas nem todos procuram a felicidade, ou talvez a procurem inconscientemente na pressa e acabam por a largar num instante, porque a escolha de parceiros (de felicidades parcelares) é tão grande, que se vêm imensamente confusos e poderosos e acabam por cair de rastos ante a forma acriançada como usam do seu poder (de escolha, de decisão). Parece que nada chega, nada basta: trabalham como *work-holics*, fazem sexo mais de uma vez por dia, divertem-se ao fim de semana até farte, tal é o excesso de oferta, cultural, turística, tudo assente num poder de compra que jamais haviam conhecido. A mulher, então, vingá-se, e deixa o homem entregue a si mesmo, aos prazeres deprazerosos da masturbação e evidentemente vai ter com outra e o casamento vai por água abaixo num instante. O homem moderno está na eminência de realizar o que o homem primitivo realizava em sua vida primitiva: várias parceiras ao longo da sua existência, umas por parzer, outras para acasalar. Para quê então tantos casamentos, tantos regulamentos, tanta lei e burocracia? O homem gosta de andar entretido e andar entretido talvez seja a forma suprema de felicidade, de evitar a depressão e os problkemas com os outros, até com Deus, ausente para quem não ama, ausenta para quem passa privação em nome de uma causa que bem pode ser a Sua... Assim, a experiência religiosa, tal como a experiência erótica, são essencialmente biográficas, são relativas ao Eu, num certo senti-

do sartreanas, camusianas, de modo a evitar o suicídio, que se posterga constantemente para diante, para a hora da morte natural, ao lado do prazer erótico que se adia e que acaba por não se efectivar no contacto com o outro. Tanto a frequência da religião, a assunção de apotgmas e sinais religiosos na vida do jovem, bem como a aprendizagem da sexualidade tendem a funcionar como forma de integração, como mais tarde, o militarismo ou, de outro modo, a contestação ecológica dos objectores de consciência, em que se coloca a delicada questão da defesa das fronteiras físicas do espaço-nação nos termos de uma raça-nacionalidade, ou seja, neste particular, o antropólogo, bem como o filósofo (questionando os limites) pode desempenhar um papel importante por aqui dentro, no espaço do espaço-nação, ou seja, definir e aclarar os limites e condições do exercício da nacionalidade, do que é ser-se português, por que afinal é com esses dados (étnicos, culturais) que o sujeito de hoje se confronta e joga no palco social da esfera pública. Ou seja, enquanto certos antropólogos defendem um mundo aberto, uma nação aberta, o multiculturalismo além das fronteiras políticas, outros defendem (como o estudioso do racismo Wierviorka) que na contingência do espaço do estado-nação devem conviver múltiplas raças sob o desígnio de se ser, espanhol, português, bósnio, francês. Formas diferentes de encarar e ser-se influenciado pelo anarquismo, socialismo e pensamento de direita ao longo da histórica, sabendo nós que a antropologia, nomeadamente a social, é tendencialmente de esquerda, a saber, marxista, havendo também uma forte corrente

cristã, devida em grande parte à convivência dos antropólogos com os missionários em países ultramarinos e coloniais, em situações de terreno altamente gritantes, onde a condição humana se plantea de uma forma assinalável, despoletando questões teóricas que geram abundantes questões teóricas que tanto filósofos, quando sócio-antropólogos podeream discutir durante longos antos, chegando inclusivamente a trasnmitir a candidatos de ambas as profissões em diversas escolas concebidas para o efeito. Com *Silêncio*, de Martin Scorsese, estamos diante talvez diante do melhor filme deste século, segundo opinião do crítico João Lisboa, em comentário em espaço culturais na televisão nacional. A demanda por Ferreira é talvez uma das mais arrebatadoras e comoventes histórias dos Descobrimientos portugueses. Mas há outras igualmente pungentes, pouco conhecidas da universal audiência cultural, diria mesmo do meio cultural francês, aquele mais poderoso e acessível a nós, portugueses. Em certo sentido, o filme demonstra que é quando estamos „em sentido religioso“ que somos mais fortes e os laços „horizontais“ dos homens entre si mais se fortalecem, ou seja, a teoria de Max Weber tomba por terra, bem como as teorias de Lutero e o forte sentido de identidade dos católicos aproxima-se de um dimensão mística tão assinalável quanto também presente no misticismo russo, judeu e até muçulmano, em certo sentido. A falta de alguém de um grupo religioso particular, o missionário Ferreira, que ficou retido entre os Japoneses, leva dois colegas seus a ir de barco até Oriente e enveredar numa missão quase deveras tão diplomática como moder-



namente „policial“ e que acaba com uma sentença de certo modo ironicamente religiosa e antropológica: enquanto Ferreira se converte à religião local, o que nenhum antropólogo faria por código de conduta, do ponto de vista religioso e até político, do ponto de vista da aliança político-económica, é compreensível que o faça, para bem do desenvolvimento das relações entre Portugal e o Japão, para desenvolvimento das relações entre ambos os países. Não faríamos uma crítica neste texto, mas em certos aspectos, o filme faz levantar partículas orílicas da tela que fazem lembrar certos excertos de um Heidegger (certas passagens de *Ser e Tempo*, sobretudo as dedicadas à Temporalidade e Historicidade), em que se inscreve na visão cerebral do leitor um jogo de reenvios entre natural e sobrenatural, entre materialidade da palavra de Deus e sobrenaturalidade do desvio da palavra do crente, ensaiando-se uma profiláctica da conversão dos locais japoneses a uma nova linguagem e formato de encarar a vida, igualmente mística mais talvez mais atraente por ser mais recente que o xintoísmo herdado dos pais e mesmo sobretudo por ser traduzido por desconhecidos longínquos que de certo modo aceitaram uma Mensagem que não se detém geograficamente tão longínqua deles quanto possa parecer. É, numa palavra, o encontro de culturas, de povos, que os portugueses emprenderam e que faz deles o povo do diálogo por natureza<sup>31</sup>. Assim, enquanto a religião se estingue no

---

<sup>31</sup>. As plantas podem pensar? Desencantado com a vida social dos humanos, Antrófilo retirou-se para junto da praia. Ele representava a saturação das relações sociais, havia analisado à exaustão todas as suas formas, reservava para si mesmo

reino de Portugal, por mor razão da expansão do secularismo, expande-se noutros continentes, inflamados pelo antigo testemunho de nossos pais, que alguns consideram padraos. Em nome da ciência, num furor canino sem precedentes, põe-se em causa a componente espiritual do homem, duvida-se não já se os nativos têm alma, mas se os homens têm alma, como se fossem os académicos intelectuais meros ET's que aquilatassem sobre a qualidade, humana ou não, dos seus semelhantes... Na maior parte das vezes, o mal-estar individual resulta não de factores psíquicos, psicológicos (e o que é isso, afinal), mas de factores sociais, culturais, endógenos à relação do sujeito com o mundo, a casa, os outros, os seus. Porquê pôr tanto acento e peso no sujeito e sobretudo no cérebro do sujeito (no cérebro social, diria até) e cravar na mente ( que é coisa que simplesmente não existe, nunca se provou que a mente existe, o que existem

---

um tempo, um espaço, um lugar próprio com uma casa junto ao mar para estudar filosofia, desencantado com os amores, com a falta de amor nas sociedade contemporânea. Precisava de revigoramento, a sua, muitos dizia reciclagem. Talvez tivesse o defeito de levar tudo „a fundo“, ao extremo. Com que fim? Com que objectivo? Afinal de contas, eram os outros quem se aproveitava disso...Precisaria de uma nova religião? Precisaria de reler os clássicos, romanos, gregos, os autores dos alvares cristãos, reatar formas de solidariedade mais básicas e elementares? Na cidade, procurava o amor, enquanto parecia que outros não. O amor dos outros fugia-lhe entre os dedos, que amor era esse o dos outros? Seria Antrófilo assim tão diferente do Outro? Dos que suponha estudar, conhecer, com quem concordava na interacção e com quem se irritava por deixarem-no só no final do dia frente à televisão e na cama, a cama de casal que nunca tinha mais do que o seu corpo só e retesado?

são os seus efeitos, as suas representações) a culpa do seu estado. Dá-me a ideia de que é uma coisa bem moderna e ao mesmo tempo bem primitiva de achar um bode expiatório para mal-estares de civilização, como diriam bem melhor do que eu Marcuse e Freud. Mas, por outro lado, a culpa não é dos outros, simplesmente eles não se importam, estamos no reino do livre arbítrio (*Platoon, o Bravos do Pelotão*, veja-se *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad) que nada discrimina, isso mesmo, nada aponta mas também nada positivamente ajuda...A psicologia gera uma forma de conduta em que tudo é possível exercer nas relações se psicologicamente justificável, sobretudo em termos de performance social, de status, de relativa inferioridade situacional, racial ou racional, porventura. Nesse sentido, a psicologia é, de alguma maneira, uma ciência, melhor, uma causa, ao serviço das mulheres, daqueles que infringem a lei, daqueles que pretendem subverter o sistema, não tanto como a antropologia e a sociologia, que estão, de certo modo, de mãos dadas com o poder. De modo, portanto, que o social e o individual está interligado, para bem e para mal. E que papel representa o espiritual? Não será também o homem um ser espiritual, que tem direito a ver o outro como igual, como „irmão“? Eis, portanto, o debate entre igualdade e competitividade, entre selecção e adaptação, entre providência e porvir das coisas e das circunstâncias. Diria mesmo que a psicologia tende a ver o Mal no Bem e o Bem no Mal, a distorcer aquilo que a religião afirma como uma certa visão do mundo e a tomar o seu lugar na sociedade, como já aconteceu, deveras, em

grande parte. A psicologia e particularmente a psiquiatria vive e convive desde há muitos anos com a religião, mais particularmente com a espiritualidade do homem, inerente à sua condição de Ser, à custa dela, e ainda não lhe pagou a renda, constituiu-se como saber profissional ao serviço da saúde das pessoas mas gera em certo sentido mais mal-estar do que Bem Estar, sobretudo se munida de medicação. Enquanto a religião está ao serviço de um homem, o Papa e em último sinal de um Deus para alguns invisível, a psicologia e a psiquiatria, para não falar também da psicanálise, estão ao serviço de poderes bom concretos: os interesses da indústria farmacêutica, desde já e da profissão médica, uma forma de corporação que em muitos casos não conhece escrúpulos humanos no seu exercício. Para terminar, diríamos que ao passo que o cérebro é o alimento destes especialistas, para outros especialistas, nomeadamente os antropólogos ou as culturas chinesa e hindu, o cérebro é apenas mais um órgão, havendo uma visão mais holística e integradora do ser humano no seu contexto cultural. Então, faz sentido a forma crua como o doente psiquiátrico é tratado no ocidente: confinado a quatro paredes, fumando eternamente, muitas vezes carecendo de psicólogo, entulhado de medicamentos, dias a fio numa rotina que não leva a lugar algum, apenas numa palavra dependente de si mesmo para sair novamente para a selva, onde se procurará readaptar, na „comunidade“ que em termos terapêuticos não existe. Esta visão da exactidão, da precisão cerebral é muito devedora da tradição ocidental do génio, desde Einstein a outros matemáticos igualmente

ilustres, que procuravam pela provam impressionar não só as academias como as damas. Típico do ocidental. Erro crasso que continua a ser cometido vezes sem conta. Acredito que as disciplinas de reflexão nunca têm descanso pois remetem para uma dimensão que não é natural no Homem, a reflexão é qualquer coisa que pertence ao domínio do sobrenatural, do religioso, do numinoso, dos conventos e retiros espirituais, só reservada profissionalmente a pessoas altamente aptas e dotadas, porventura àquelas que viveram a vida intensamente ou àquelas que nunca a viveram nem querem viver ou que consideram que a melhor forma de a viver é em retiro pois as relações humanas lhe causam „náusea“, no sentido sartreano, enjoamento até. As disciplinas, por outro lado, de mobilização, construção, são aquelas que causam prestígio mundano, admiração, como as engenharias, as matemáticas, as psicologias e outras tais que visam privilegiar uma visão de que tudo é possível, de que há sempre saída, de que se pode sempre fazer qualquer coisa, havendo sempre solução, mesmo que, como o é na maior parte dos casos, era solução seja um mera ilusão (técnica, matemática, de óptica). Deste modo, o sentido sociológico do Ser plantea-se na disposição tanto derridiana do desconstrutivismo quanto na do deleite heideggeriano do estar-aí em relação ao Outro, ou seja, o Outro representa para o Eu (ou o Ego, em certo sentido), uma tendência inelutável, uma protensão sanguínea herdada pela pulsão excessiva de Si Mesmo, que a ipseidade comporta em Si (enquanto cultura do Si Mesmo) na referência a século de acúmulo mental e identitário que acabam por

resultar em encontros fortuitos ocasionais e na sua maior parte desconexos, cuja formalidade é indiscernível tanto ao filósofo quanto ao cientista social, mas cuja lógica está de certo modo já inscrita tanto no fundo simbólico-antropológico do Ser em Si-Sendo-para-o Outro como na forma de atribuição matemático representativa com que este se movimenta tanto na esfera pública como privada ou vice-versa. Progredindo na nossa argumentação, o que o filósofo desenha pela especulação, o antropólogo e juntamente com ele o sociólogo (embora num sentido mais organizativo, ou seja, mais burocrático, sem sentido pejorativo) tentam discriminar, descrever, consertar e até architectar de modo a dar conta para outros técnicos tais como assistentes sociais, advogados, psicólogos, psiquiatras, geógrafos. Portanto, neste sentido, o reino do filósofo, seguindo Platão e *O Timeu* e *A República*, de perto, não é em vão nem vazio de significado: o filósofo está, por obrigação, sentido e vocação, no topo da lista e sua solidão é sempre frutífera, embora por vezes bastante cruel e fisicamente dolorosa. Logo a seguir vem o antropólogo, que sofre muitas vezes de discriminação e rejeição social, de incompreensão por parte dos seus, de incompreensão *por saber*. Logo a seguir vêm todos os outros que se ocupam desse grande bloco mental que é a sociedade, a quem já nos referimos, a sociedade, o indivíduo e a relação mútua entre ambos. Assim vejo estas profissões, assim vejo o entendimento da relação sujeito-mundo, desde o tempo em que me fui apercebendo da sua crescente eminência ante meus olhos até ao seu crescente desenvolvimento através das leitu-

ras, distintas e variegadas percepções que foram sendo fixadas desde os primeiros anos das licenciaturas. Ora, por outro lado, tendo em conta a tradição oriental, do leste, o caminho não é sem retorno, ou seja, a práxia, o efeito contagiante do real também influencia a feitura e o fervilhar da teoria e a filosofia não escapa a esse calor. Aliás, nenhuma actividade (dita científica, segundo alguns) quanto a filosofia parece ser mais influenciada pelo real quanto a actividade filosófica; daí ser uma actividade, uma arte, eminentemente prática. Uma arte porque ligada à vida, porque em certo sentido a vida é uma arte, uma forma de arte, porque em certo sentido na vida, na biografia, o homem (e sobretudo a mulher) apercebendo-se do que perdeu e do que ganhou, no balanço, encara a vida, pelo menos a que lhe resta, segundo variadas concepções, como uma fine art, muito mais fina e difícil muito mais compensadora e extractora de ensinamentos, mesmo no sentido físico e erótico do termo, do que a pintura, a escultura, a escrita. E, ainda assim, quando aliada a essas formas de expressão da vida, poderão representar poderosas explosões de vida, precisamente, de acontecimento (no sentido de Badiou, *Ser e Evento*), de perpetuidade, de sentir sentimento, de afecção contagiante, de fé representativa de equilíbrio, de infinidade do Todo, replicação de Si Mesmo, de envolvimento de qualquer coisa onde Nada havia em torno do Nada, de infinito e infinitude, de singular projecção do Homem na eternidade de Si Mesmo além de qualquer possibilidade da negação da sua contingência efémera. Assim, continuando a nossa visita exploratória ao Museu da Exposição da Relação entre Fi-

losofia e Antropologia (Social), diríamos que enquanto aquela explora o que se encontra alojado na antecâmara do Ser e da Consciência (Vide Caeiro, António e suas reflexões sobre alguns pensadores gregos e sua tradução da *Ética a Nicómaco*)<sup>32</sup>. Além do mais, a tradição popular portuguesa é, em termos justamente etnográfico, bem mais rica, por oposição, à citadina e por vezes, bastante mais elegante do que aquela, atreita a *graffittis* e inscrições nas casas de banho públicas e paredes de prédios de subúrbios, geralmente ofensivas. Na aldeia não há *graffittis*, o conhecimento circular de uma forma oral (tradição oral versus „tradição“ escrita, vide Jan Vansina, *Kingdoms of the Savannah* só para dar um acerto), não precisa da prova do documento escrito que, tem todavia todo o mérito de transmitir saber mas cuja função principal, lembrou justamente Raul Iturra, é a de „fazer esquecer“. Assim, na civilização ocidental, europeia, tudo se esquece, enquanto que ainda, na aldeia, ainda se lembram as coisa, sobretudo ainda se lembra o que os mais velhos

---

32. Nota devidamente antropológica: enquanto falar se refere a phallus, manducare se refere à mão, a la mano (que poderia ser, em certo caso, desperdiçar comida), as Odes Píticas poder-se-ia referir a pítias, mero e simples sentimento de ter pena ou apenas de não ter, ou de ter excesso de sentimento ou visão do principal órgão sexual feminino, dito por alguns pintores como a „origem do mundo“, o que pode parecer revolucionariamente obscuro ou mesmo digno de um profeta que se ilumina na escuridão, pois nega a Deus (assexuado) o poder que o Homem em geral lhe atribui. Na tradição camponesa portuguesa, o pito é o órgão sexual da mulher.



sabem. Por isso não são necessárias bibliotecas.<sup>33</sup> O conhecimento

---

<sup>33</sup>. Este antagonismo entre saber oral e saber estrito refere-se de algum modo à relação entre praxis e teoria na minha biografia e percurso académico. Tratei com o meu pai uma intensa luta a este respeito, pois ele nunca percebeu que seria preciso sempre fixar por texto o que se vai sabendo de modo a poder transmitir ao Outro o que se vai sabendo, anotando e transmitindo. Ele, por sua vez, desenvolvendo uma forma de conhecimento assente na experiência, tinha mais discípulos do que eu e não precisava sequer de especular, o seu saber, algum do qual transmitido a mim mesmo, era delegado aos locais da aldeia, que também foi a minha, sob a forma de conhecimento técnico e sabedoria de como lidar com o Mundo tanto em situações profissionais como em situações de angústica existencial, no sentido de as vencer e sobrepujar, fosse lá, na aldeia de Ricahos, fossem noutra lugar qualquer, pois os quadros mentais havia sido incutidos devidamente e poderia ser maleavelmente usados segundo devido critérios. Ao longo do tempo, esta relação e devido sobretudo à minha teimosia teórica e falta de reconhecimento junto da academia portuguesa, muito sofrimento abarqueei, do ponto de vista psicológico e psiquiátrico, para além do social, mas persisti no meu intento, absorvendo bastantes conhecimentos práticos também, que me foram ajudando na minha vida. O que me levou a relacionar a antropologia com a filosofia tem muito a ver com esta minha atitude de teimosia disciplinar, científica, pois sabia que em certo sentido estava certo e que haviam alguém, talvez muito mais gente do que eu pensava, trabalhando longe ou perto nesta área, em suma, que não estava só e que o caminho tanto do filósofo como do antropólogo e de permeio o do sociólogo, dentro o fora da academia, não é um trabalho alheio a espinhos, se levado a sério. Lamento terem a minha mãe e a minha irmã, particularmente, sofrido bastante com a minha falta de apoio neste meu empreendimento que talvez só agora comece ou talvez agora mesmo termine, em jeito de testemunho para outros que o achem menos chato do que eu próprio. Poderia estender-me nas entidades e nas pessoas que me negaram apoio, quer em termos financeiros quer em termos bibliográficos ou aquelas que nas faculdades que chamaram

tardicional das sociedades tradicionais, nomeadamente daquelas que conheço, gera um sentimento de sabedoria extasiante e completude e, embora não se compare à abertura da cidade-sociedade, em certo sentido, faz mais sentido que a sociabilidade formal e multiplicadora de papéis-do-instante que se patenteia na grande urbe. Porque, em todo o caso, a competição existe nos dois planos geográficos. Haverá, então diferenças substanciais entre a grande cidade e o campo, a ruralidade? Não creio, a massificação dos media arrasou com o moralismo das condutas, tudo é aceitável, gerou-se, instalou-se, desencadeou-se a caça ao Bem ao mesmo tempo que a caça ao Mal, ou seja a caça ao Acontecimento. Assim, o *existencial elemens* da vida contemporânea não é já a infracção dos códigos de conduta mas o Acontecimento, o propiciar de situações (no sentido sartreano), que possa ser visto, comentado, documentado, analisado, estudado, publicado, ado, ado, até à exaustão e depois esquecido, ido, ido, até que venha outro, outros, sem mais, até à exaustão, em termos de repetição, nos entido de deleuziano *Repetição e Diferença...ad nauseam* até que alguém se farte e resolva cometer um atentado se for de outra cultura, cometer um suicídio se perder o emprego ou estiver desempregado mais de vinte anos, se for pensionista, se for injustiçado de uma maneira ou de outra. Então, nesta linha de

---

nomes, tais como alunos, me vedaram o caminho, e me insultaram, por diversas razões. Mas isso fica para o buraco negro da história. Não as quero, simplesmente, encontrar de novo porque acredito que vivo num outro país. Acredito, até, que sou um país diferente.

ideias, enquanto que a sociedade democrática abre possibilidades infinitas de liberdade para o cidadão em particular e para a cidadania em geral, abre também chances e oportunidades para o que eu posso chamar ervas daninhas do sistema democráticos, tais quais casos e situações de bizarras injustiças sociais, familiares, afetivas, profissionais, médicas, é só escolher...

O mundo então e a sociedade em particular, precisam de filósofos cada vez mais atentos e porque não mais colaboradores com os críticos sociais que são os sociólogos e os antropólogos. Porque os antropólogos não constam, eles apenas descrever. Mas algo está a mudar. Há uma consciência, um civismo, uma civilidade, uma cidadania, direitos adquiridos a partir dos quais não se pode fazer marcha atrás. Costumo dizer que um dos índices da saúde de uma sociedade é aparecer de quando em vez um filósofo na televisão. Ou um antropólogo, que estes geralmente estão sempre viajando. Quando passam meses, seis meses, um anos, dois e não aparece nenhum, fico preocupado. Ou não, é sinal que está tudo bem e que estão os jornalistas sendo bem aconselhados...



## CAPÍTULO X

### **A EXPLICAÇÃO-JUSTIFICAÇÃO DA ACÇÃO DE QUASE TUDO RELATIVA AO EU NA RELAÇÃO COM O OUTRO: SARTRE, HEIDEGGER, GEERTZ, BALANDIER, AUGÉ, MARCUSE, BLANCHOT, LÉVINAS**

Ainda assim, o filósofo, esconjurado pelo grupo, abandonado à sua forma particular de fazer sentido, não reage violentamente. Sabe que é vítima do ostracismo do grupo. Os animais da selva, de quando em vez, na matilha, também abandonam aquele que não convém aos interesses do grupo, que não é „grupal“. Ora, tal também acontece entre os humanos. Assim, o filósofo refugia-se na tribo dos filósofos. O antropólogo na tribo dos antropólogos, uns e outros vivem vidas mais ou menos errantes por excesso de saber da sociedade, arrependidos no final da vida por não terem usado o seu conhecimento de outra maneira, de não o terem instrumentalizado em nome do poder. Ou não, até que as coisas tomam outra forma e, de uma maneira ou de outra o grupo quebra sob a força do sujeito que é rejeitado e reconhece o seu valor...sob o valor que adquire junto de outro grupo, ou por si próprio, como uma estrela com luz

própria. No mundo de hoje, tornou-se moda ser fruste, diga-se em linguagem comum, reles, fazer o mal por fazer, como divertimento (a banalidade do mal, veja-se), ou seja, a má-formação das pessoas não justifica o seu comportamento, de algum modo, está passando por cima da consciência das pessoas uma onda de malignidade que as leva a fazer o mal pelo mal, seja espiando o vizinho, sejam maltratando as mulheres ou as crianças, seja roubando, o mal pelo mal, a infracção, de modo que também o antropólogo é visto como um agente permissivo do mal porque o mal e a infracção à lei está identificada com grupos de negros desfavorecidos que ele estuda. Assim, o mal dá prazer, logo o que dá prazer prolonga a vida, e se podemos prolongar a vida pelo menos podemos almejar ser eternos, pelo menos estudar cientificamente uma forma de Ser, ora congelando tecidos, ora perpetuando simbolicamente, por meio de *piercings* ou juramentos religiosos ou ét(n)icos, a nossa vontade de viver e matar para que possamos dar cabo da finitude que ensombra os nossos dias, dizem...e de algum modo transformarmo-nos em Deus, porque de algum modo ainda temos a consciência de não o ser pois nosso espírito está tão inquieto que nem o zena, a dança, o *reiki* ou a meditação budista nos sossega, andamos agitados com tudo o que se passa e o que se passa nunca mais passa... Assim, o inferno do social é que mesmo que a nossa conduta nos parece certa em relação aos outros a nossos olhos, poderá estar completamente errada, pois os outros estão de olhos postos em nós, há sempre quem se preocupe mais com os outros do que com eles mesmos, há uns mais egocen-

tristas do que outros, uns mais sociáveis do que outros, é o sortilégio da vida social e das personalidades diversas, provavelmente nem todos nasceram para artistas e este certamente não é um exemplo, apesar da sua genialidade, das melhores virtudes morais e de sociabilidade que se podem plantear no terreno, no palco da vida social. Assim, o filósofo vive desconfiado de todos, que todos estão para o tramar, sem amor e sem amada, quer porque não precisa do amor carnal, quer porque este o desvia da filosofia, mas ao mesmo tempo, as mulheres amontoam-se à sua porta, pedindo explicações, querem amplexo; outras afastam-se porque gostam mais de certas „estruturas elementares do parentesco“, com acesso a carro, emprego, divertimento, festas, fama e, televisão, jet-set. O filósofo não pode proporcionar senão belas palavras, que nem sequer são românticas ou arquitectonicamente respeitante ao mundo (Eliade). Elas representam um mundo alternativo ao mundo que será habitado depois da morte da mãe, depois da morte dele mesmo, um mundo que se prepara, diria mesmo a morte que se prepara, como dizem a maioria dos filósofos. Seu corpo magro e frágil denuncia a fragilidade do Ser que se balanceia na seara do vento do conhecimento do eterno, no vagar do silvo do pensamento, da busca da verdade numa refeição frugar que retomar o rituais que o fazem regressar à consciência do mundo quotidiano quando toma um autocarro no regresso a casa para ver um jogo de futebol do seu Benfica... Assim, pensemos na seguinte asserção retirada de um pacote de açúcar: „um objecto é ainda mais útil quando é Belo“. Sim, na verdade, o Belo é mais

apelativo, dá trabalho, exige dedicação e de certo modo propulsiona o valor da obra de arte que, por si só exige por critério único ser Bela (como a mulher, objecto de desejo, de resto), muito mais do que utilitária. Estamos, então, diante de uma nova questão: a arte pode representar um papel social, pode ser um artefacto meramente artístico (e depois de algum tempo se gerado como objecto manipulavelmente técnico, utilitário), pode ser algo de Belo, de útil, no sentido social e até subjectivo (vejamos as instalações de Duchamp e toda a noção de arquitectura clássica de resto, como em Le Corbusier). A arquitectura seria, então, por excelência, a ciência que combina a estética com a técnica, ou seja, a utilidade aliada ao Belo, no sentido da *domus*, do assentamento do conceito da domesticação de um saber eventualmente matemático, geométrico tendo em vista um espaço onde o homem passa mais tempo (de lazer, de trabalho), onde o homem, por sentido e herança cultural, está domesticado, na *domus* sentado. De outro modo, o Belo sempre teve como aliado o religioso, ou o contrário, para transmitir ideias e sentimentos, instilar emoções e representações mentais (Clifford Geertz) que de algum modo possam vir de outro mundo ou por outro lado deste mas que seja deste uma sua inflamação teórico-poética no sentido místico, de modo a fazer sentir no fiel um sentido de heroicidade que o pudesse levar a creditar em diferentes valores tais como a pátria, a família e o Estado enquanto elementos agregadores do seu sentimento individual e colectivo por relação a outros e ao Outro, que pode ser tanto o estrangeiro como o elemento demiúrgico, o



grande Deus que por ele vela, silencioso, acompanhando dos anjos e santos<sup>34</sup>. Também hoje, em certo sentido, os gêneros encontram-se inflamados, pede-se ao homem que seja mais homem, à mulher que seja mais mulher, a violência na esfera pública, por palavras, críticas

---

<sup>34</sup>. De certo modo, não podemos evitar de falar, subrepticamente, do estado social da sociedade e, na relação do sujeito com o grupo, na amostra das profissões que encaminham o sujeito a sentir-se um Ser devidamente realizado em sociedade: para uns, segundo a formação, serão as técnicas puras; para outros, as artes; para outros as ciências, sejam biológicas sejam naturais; para outros ainda, nem se chega a esse ponto, o sujeito acabam por entrar no mundo do trabalho bem cedo e desenvolver apetências que o tornam um autômetro repetitivos de tarefas que têm a ver com o quotidiano sensivelmente de toda a gente e que envolve serviços básicos. Ora, a escolha da filosofia, da sociologia ou da antropologia carece de um amadurecimento que uma sociedade como a nossa não está disposta a suportar, ou seja, normalmente a criança está indecisa sobre o que quer, nos entido em que quer todo o Mundo, quer algo mais que a oferta que se lhe proporciona, quer decidir-se justamente mais tarde, por volta dos 15, 16 anos, mas mesmo nessa idade é cedo para se saber se quer estudar ciências sociais ou filosofia. A leitura e o devido isolamento do grupo de amigos e um comportamento com as amigas algo „encolhido“, juntamente com uma prática pouco solidária no desporto podem constituir indício de sorte para a filosofia, não tanto o que acontece para a antropologia, que envolve uma leitura da natureza, do jogo infantil, da atenção à Bíblia, da visita a casas abandonadas, da feitura de pequenos jornais de parede, de actividades diversas que envolvem a ideia do „todo“ que normalmente é a aldeia ou o bairro; ao passo que o pendor para a sociologia passa por um escolha de estar com todo numa posição desde logo de observação-participante que antecipa o papel de sociólogo que interroga, questiona e aperfeiçoa a sociedade em que vive, normalmente a sociedade „avançada“.

ou agressões de todo o género, aumentam, toda a gente reivindica direitos, os jornalista vêm furos (jornalísticos) onde na maior parte dos casos existe apenas um absurdo em certo sentido filosófico. Isto contribui para a diminuição da qualidade da democracia e o aparecimento de falsos profetas que fazem vibrar multidões sob grupos diversos de pressão, os *lobbys*, por exemplo. Isto mesmo pode ver-se nitidamente na situação inconcertável na política da América Latina, onde se regista de modo acintoso o adágio, „em casa sem pão todos ralam e ninguém tem razão“. O mesmo acontece em Portugal, embopra noutra medida, com mais segurança, com mais condicionamento, com mais filtragem, onde se usa a imprensa e o jornalismo em geral não só como meio de alerta e pressão dos grupos e dos indivíduos contra si, mas também, muitas vezes, como meio da criação de obscenidade, que alguns combatem e certo sentido filosoficamente, de uma menira ou de outra procurando enveredar por carreiras ligadas à supeita ou à perseguição do outro; mesmo que não haja lá nada, no fundo, há sempre a Verdade e a honestidade e tal perturba demasiado no mundo de hoje. Muitos, dizendo-se cientistas, sociais ou outros, mas também psicólogos e especialistas da mente, encontram lama, simples lama, algo muito natural e que desaponta quem ainda tem o mínimo debom senso e bom gosto. Esta perspectiva encontra-se suficientemente rebatida no livro de Michel Maffesolli, „A Violência Totalitária“.

## CAPÍTULO XI

**MITOS E MITEMAS FILOSÓFICOS SOBRE O PRETENSO  
RACISMO FILOSÓFICO DO ANTROPÓLOGO E SUA APARENTE  
PASSIVIDADE TRANSCENDENTAL.  
AS VOZES MÚLTIPLAS DO EGO E AS MÁSCARAS**

Estou em crer que fiz uma tese em Filosofia, partindo da antropologia porque, em certo sentido, fiquei retido neste rectângulo cultural que é Portugal e não desenvolvi, por razões diversas e por culpa de parte a parte, actividade junto da comunidade antropológica portuguesa. Não era minha intenção trabalhar terrenos portugueses, mas acabei fazendo-o, de algum modo servindo-me da minha herança cultural enquanto filho de emigrantes luso-espanhóis em França. O que encontrei nos professores foi um *bias* classista que lhes permitia observar a partir de cima certas culturas, ditas como inferiores, posição de certo modo óbvia e fácil, nomeadamente ligada a certas famílias da linha do Estoril e de Cascais, o que se reflectia no estrato social dos colegas, que, de uma maneira ou de outra, tinham os seus pais como licenciados em ciências humanas ou sociais (nunca em religião!!!...), o que lhes proporcionava caminho aberto tanto

a feitura de textos como no relacionamento com professores, como no acesso a universidades estrangeiras, com respectivas pósgraduações subsequentes, etc, etc, só facilidades, enquanto nós tivemos de desenvolver um saber técnico à distância, feito de especulação, muitas vezes alvo de ofensa, chacota, discriminação e ódio, ao ponto de em diversos locais públicos nos ostracizarem, desejarem a morte, de nos afastarem de uma área onde simplesmente éramos melhores e onde eles e elas viam nela uma forma de ostentação e vaidade social muitas vezes ligada às artes e à ostentação e a uma certa forma de afirmação social enquanto *art de vivre*, ou de *savoir vivre*. Enquanto fomos, aos avanços e arreguas, lidando com esta comunidade antropológica portuguesa, primeiro e filosófica, depois, percebemos que elas estavam inseridas num meio que é o académico lisboeta e numa certa forma de ser lisboeta, primeiro e português, depois, que, em primeiro lugar, não entende a lealdade intelectual, depois está atreita a certas escolas e simpatias que dimanam do estrangeiro, não desenvolvendo nenhuma forma de originalidade endógena, por isso fruste nos seus intentos e movimentos, pelo que decidimos afastarmo-nos e deixá-la morrer por si como um planta mais do que daninha, visto que nos podia fazer mais mal que bem, danosa. Assim, como se tornassem indiferentes dada a nossa insistência, percebemos simplesmente que, mais do que não gostarem de nós mesmos, não levavam a sério a ciência, a filosofia e a antropologia, encaravam a academia como um jogo, como um passeio de férias, orado de referências e prémio, de ostentações para mostrar aos alu-

nos, de conceitos parangónicos e infinitas coisas antigas que fazia com que não saíssem do lugar. Notámos, sim, que eles não saíam do lugar: desde 89 estavam lá os mesmos, na antropologia, na filosofia e podiam dizer tudo o que lhes apetecesse porque afinal de contas ninguém os podia tirar daquele lugar, entre disparates a coisas acertadas para distrair e fixar-se mais no lugar, em vez de usarem o lugar para transformar qualquer coisa, o mundo em que vivem por exemplo, nada faziam senão o óbvio, saíam à sua e continuavam pensando da mesma forma, nem sequer iam à televisão falar, mesmo que os convidasse, porque no seu academismo tinha receio de ser mal interpretados, mesmo que estivessem em...Lisboa!!!

Mas deixemo-nos de justificações e desculpas baratas: a nossa metodologia tem sido, a partir de um quadro relativamente religioso, sacral até, interpretar o mundo, no seu desenrolar quotidiano, através dos seus sinais obscenos, ou seja, descobrir qualquer coisa de oculto, secreto, in-revelado na natureza humana das coisas e das relações entre as coisas e as pessoas. Esta atitude pode parecer obscena, suspeita, mas nada tem de criminoso, pode até ser um vício, um toque de personalidade, um *bias*, uma forma de pensar, um traço psicológico. Podemos ver as coisa, a natureza das coisas, sob o ponto de vista da libido do cientista (Max Weber), que ele tenta, de algum modo, acondicionar numa determinada bolsa do seu inconsciente freudiano, evitando que ela interfira com a sua pesquisa. Ora, o que sempre me fascinou e interrogou positivamente foi a relação entre filosofia especulativa -à parte da respeitável e positivamente assuta-

dora cena antropológica- e o obsceno, a cena sexual propriamente dita. Haverá certamente aí alguma relação na mente do homem que estará por descortinar, sem recorrer à análise das relações humanas, ao trabalho de campo, ou seja, um atalho que nos permita conhecer melhor como a mente humana opera, inclusivé do ponto de vista da psicologia? Estou em crer que sim, resultado da minha experiência independente. Por outro lado, a cena antropológica é qualquer coisa que raramente presenciei e é qualquer coisa que está ao alcance do estudante de antropologia e que ele persegue desde que se apaixona pela disciplina: trata-se de ver a natureza humana em acção na sua forma (e conteúdo) mais simples. Nada mais admirável, deslumbrante e maravilhoso. Acessível a muito também aqui no nosso país. Desde que haja abertura de espírito e a devida preparação escolar. É como a tarefa do ornitólogo na sua tarefa de observar árvores, se me permitem a comparação: pode levar bastante tempo e exaurir a paciência até ao esgotamento das forças físicas e psíquicas, mas quando acontece é simplesmente o melhor revigorante da alma. De certo modo, quanto aos problemas que as relações humanas colocam hoje em dia, à mistura com os avanços digitais e tecnológicos, que aos infantes parecem absolutamente normais, até que os adultos, num esforço de regressão que me parece absolutamente inútil, tentam conter, ora porque vêm os perigos em que se metem ora porque sabem medir as consequências do uso que delas eles próprios fazem, um novo fenómeno emerge: o poder ou a emergência do poder dos mais novos através das novas tecnologias. Como não têm ou detêm

o poder económico, exercem uma nova forma de poder, a um tempo simbólico, a outro, segundo o seu mundo relativamente fechado e conclusivo, verdadeiramente efectivo, porque tem consequências efectivas nas relações dos jovens, entre eles e com os adultos que deles cuidam e que cuidam ser os jovens o futuro da sociedade. Assim, o futuro da sociedade não são os jovens por inteiro, mas o resultado da pressão e conflito entre os jovens e os mais velhos, que se desencadeia de forma premente e constante no espaço das escolas e das universidades, muitas vezes da forma mais injusta e cruel do que em prisões, conventos e manicómios, para não falar de quartéis, onde em condições materiais e psicológicas bem mais difíceis emergem as mais diversas formas de solidariedade e identificação entre os indivíduos. Assim, o caos democrático está instalado e a sociedade verdadeiramente livre é de certo modo a sociedade primitiva, pois ela determina ao sujeito um dote por que lutar para conseguir um fim, ou seja, uma, duas ou três mulheres, nada mais simples para ser feliz, ou „o homem livre“ (como viu Filipe Verde entre os ameríndios do Brasil); ao invés, na cidade-sociedade (saciedade) aliada do capitalismo desenfreado-de-corrída, o dote não chega, é preciso ser-se uma estrela, mais do que isso, manter-se um estrela e concorrer depois com outras estrelas, sendo que a ideia de Bem é acessória ou meramente importante apenas enquanto detalhe da personalidade, sendo que a biografia pode ou não ser corrigida pela performance televisiva, fílmica, de *guetto*. Os comportamentos extremam-se: o homem tem de alargar o seu *modus vivendi* até à qualidade de ma-

cho alfa, enquanto a mulher têm de tornar-se, provavelmente, a fêmea mais requisita de todas, a que vai receber mais telefonemas. Manter uma relação mais de três, quatro meses, é quase impossível, o que determina o aumento dos casamentos, ou seja, o aprovisionamento dos corpos a lugares estratificados, cimentados, coisificados em si mesmo. Ensimesmados, feitos depósitos de sentimentos lócus de desalentos inconstantes inconsistentes. O efeito deste facto social (Durkheim espantar-se-ia com ele, decerto, o que o faria puxar ainda mais do seu célebre cachimbo da paz) é o aumento da violência, o aumento da reflexividade nas relações, o aumento das relações físicas-sexuais, o aumento das aparições televisivas, das revistas femininas de telenovelas, o aumento dos romances de cordel, o aumento das consultas de psicologia e psiquiatria, o aumento dos artigos científicos sobre o assunto e...pasmese!, o aumento das reflexões filosóficas com afectuosa lateralidade a questões que enfermam de semelhante afasia teórica, pois quando muitos se juntam em amplos, muitos mais se separam e outros tantos ficam sós deitando contas à vida da razão da sua solidão. Sim, a solidão (física, emocional, espiritual ou simplesmente mental) é um dos grandes fenómenos (sociais) do nosso tempo, das nossas cidades e aldeias. É a consequência do (nosso) viver. Mas parece que a Noruega é bem mais feliz. Talvez porque descobre a felicidade depois do sofrimento depois do desalento, ao invés que nós vivemos tanto na felicidade que quanto nos encontramos em desalento não caímos em nós mesmos nem acreditamos que ele existe, pelo que dessa maneira tanto o ne-



gamos que ele acaba por nos cair em cima da cabeça como um polvo sugador das ideias iludidas. O que me parece certamente condenável em certa filosofia actual, notadamente a de Dennet e Ayer, é que se procuram explicações e sistemas de explicações para tudo e mais alguma (coisa ou i-realidade), num sentido ou conjunto de sentidos, num feixe de sentidos que dimana ou atinge o sujeito (sempre o sujeito no centro da filosofia, por isso a ficção é de certo modo eminentemente filosófica, nomeadamente a americana actual, ou seja, meditativa, regressiva ou „passageira“, no sentido de descritiva de uma realidade social que se vai observando como quem passa, de automóvel ou de autocarro, entre os restantes passageiros comuns) fazendo-o dilacerar no caos de uma realidade desconjuntada onde o que mais predominantemente impera é a ideia de „conjunção“, ou seja, de fricção, de rispidez e raspagem, de personalidades e ideias, de modo a causar impacto e polémica. Mesmo a relação sexual não é em si retumbante e com „cabimento“, como nos anos 80, mas algo que implica tão-somente fricção, para citar um meu amigo engenheiro de profissão e filósofo nas horas vagas enquanto trata da vinha. É neste sentido que dizemos que o racismo não existe, é uma ficção colectiva universal: as raças não existem, existe somente uma raça humana, existem etnias, o ser humano olha sempre a diferença cultural e étnica com desconfiança e medo, o que é absolutamente, mais do que natural, diria cultural. Mas, num segundo momento, por imperativo de exogamia económica do grupo, porque todo o grupo tem necessidade de se aliar com outro grupo, é indi-

firente se é branco, negro, azul ou amarelo, esse grupoe stabelece alianças, normalmente económicas e onde se planteia o factor económico é fatal que não exista racismo, pois disso depende a sobrevivência do grupo e nesse sentido vital do Homem ele não duvida que aquele que é aparentemente diferente de Si Mesmo seja na verdade igual a Si Mesmo. Depois, indo além da tradição da desenvoltura diarreica da filosofia, que se deambula eternamente secretísimamente em torno da nocção de Eu (com intentos sexuais inelutavelmente ambiciosos que fazem corar o antropólogo, que é bem mais desenvoltvto com as mulheres, ou os homens, conforme o caso), relacionados também com ambições literárias e de poder muito bem disfarçadas, não falando das académicas, ligadas a uma escolástica medieval e a uma certa forma de culto do cientista-filósofo que manda em tudo e está sempre mal disposto tal qual Zeus armado de trovões mal-dispostos, e que se radica ultimamente na ideia do eremita que se retira para o monte ou o convento renegado e/ou frustrado da vida social, do ssistema da vida ética, amplamente desenhado por Hegel, só para adiantar um clássico.

O meu amigo filósofo disse a uma moço imprecativa durante um almoço de convívio numa ocasião em Lisboa uma frase de que nunca me esqueci e que, a amru ver encara e espelha e, de algum modo sentencia de modo lapidar a rush, a essência da vida actual nesta cidade-sociedade: „Minha amiga (ou inimiga, a partir do que me acabaste de dizer): vais subindo, subindo de posto, até acabares numa sepultura igual à minha. E mesmo que encomendes uma se-

pultura superiormente melhor que a minha, estarás tão morta quanto eu...“ Gostei, o meu amigo fê-la tornar-se numa freira, primeiro, depois numa filósofoa feminista, tendo estudado durante bastante tempo Weil, Beauvoir, Arendt mas sobretudo Zambrano. Escreveu bastante e veio mais tarde a ocupar uma cátedra, em idade adulta, numa universidade catalã e fez figurão durante anos na imprensa espanhola, usando o seu deslumbrante semblante reluzente e austero, semelhante ao da Rainha Letizia... Como as pessoas mudar, é o Devir, mas enquanto certas pessoas reflectem, outros vivem em permanente trânsito, em pânico do trânsito, em pânico de terem a eminência de parar, de se tornarem estátuas, talvez. Por isso não querem pombos na cidade, nem lhes dão comida... Então, porque sofre o filósofo quando não é motivo da admiração a que está habituado devido ao seu estelar brilhantismo intelectual? A vida não é sempre palco, nem sempre aurora, nem mesmo sempre pôr-do-sol. Tem ciclos (Morin), ritmos, encadeamentos, horizontes que se escalrecem a si mesmos e ao sujeito, filósofo ou não, no sentido da sua a-percepção da realidade (social e de Si Mesmo). Porquê, então, a insistência da filosofia clássica na *persona* do Sujeito enquanto filósofo ou do filósofo enquanto sujeito plenipotenciário das ideias pensantes? Hoje em dia o sujeito simplesmente não existem, nem tão pouco existem sociedade ou nações, tais ideias são meras convenções político-estratégicas, próprias de estados falidos e devolutos, que funcionam aos empurrões, provocando nos cidadãos em seus espaços residentes a impressão de uma flsa legalidade que

acaba por, em última análise perverter a natureza humana e tornar o Bom em Mau, ou seja, de certa maneira, por via da asfixia do Eu e da burocracia, provocar a realização do crime e sua legitimação como forma de sobrevivência e de, simplesmente, matar a fome. Neste sentido, torna-se devidamente actual acompanhar os pensamento de Virilio e Vattimo. Enquanto um reconhece o desalento no existir que permanece ante a perda do Deus católico na Península Ibérica e nomeadamente um Portugal, outro confere à fragilidade da fé católica uma forma de inaudita força, semelhante àquela que detinham os cristão ante os seus algozes romanos e bestas no circo. Ou seja, é tempo de os cristsãos (católicos) aguentarem a fé que herdaram enquanto função de tampão social de uma situação de tensão violenta que estará prestes a eclodir a todo o momento e somente comparável a 1755. O homem, em certo sentido, diria antropologicamente o homem que habita e passa por Lisboa (devido ao meu trabalho de terreno nesta cidade, de uma maneira ou de outra), está concenado ao fatalismo que a sua vida nesta geografia encerra, ou seja; perdeu Deus, matou-o, mesmo depois de Nietzsche o ter feito várias vezes e várias vezes o terem feito outros demais em outros diversos países europeus. A febre do secularismo está chegando a Portugal com os turistas, disfarçada de arte, nova gastronomia e sabe-se lá que mais,. Chegam também novos deuses. O homem (português, em termos de nacionalismo, bacoco ou não), está entregou à sarabanda do livre-arbítrio, pode fazer o que quiser, de algum modo toma a forma de Deus, dos deuses, é Deus, mas como o substitui faz

o que lhe apetece sem receio das consequências. Contudo, embate com o Outro, os Outros, que também pensam exactamente o mesmo, sejam turistas sejam portugueses. Aí, todos se julgam deuses e dá-se um terremoto de deuses, bêbados, alegres ou zangados, não sabemos bem, mas serrá uma espécie de bacanal, de festim de verão, de torre de Babel em que ninguém se entende. Ou não? Ou será o verdadeiro concerto das nações? O melhor dos mundos, de dois, três e muitos mais mundos existentes e ainda por descobrir e sondar inexaurivelmente até à consumpção da divindade em humanidade, da normalidade em especialidade?

Por outro lado, enquanto a filosofia enferma de uma superioridade partilhada tanto pelos filósofos quanto pelos admiradores dos filósofos, que por vezes reside na dúvida e se reveste de um carácter relativamente tácito, a antropologia, pelo menos aquela que aqui está em causa, a que determina as condições de posicionamento e ajustamento das relações sociais (antropologia social), enferma de outras tantas enfermidades, que do ponto de vista teórico quer do ponto de vista metodológico ou político, a saber, de posicionamento no terreno. Considera este o Homem enquanto objecto mas ocupa-se de outros fenómenos que orbitam na esfera da humanidade, reconhecendo as coisas, e as relações entre as coisas, as pessoas e as relações entre as coisas e as pessoas, os fenómenos e epifenómenos culturais relativos não só à chamada interculturalidade, diferença cultural, bem como à identidade ela mesma entidade como objecto

de reforço da coesão dos grupos num contexto espaço-temporal. O me parece ser particularmente perturbante em termos de uma filosofia moral é, neste sentido, equacionar a moral sexual e o sentido da finitude do homem, ou seja, em que sentido o homem dispõe de uma sexualidade (o poder, relativo ou absoluto, referente ou não à sua perpetuidade) quando nesse quadro se plantea ao mesmo tempo a eminência da fatalidade humana da finitude, a maior fragilidade do homem, a morte não só singular, a do sujeito ou indivíduo, mas o que é altamente preocupante e assustador, anunciativo até, a morte colectiva, que de uma maneira ou de outra se interpreta ou anuncia pela decadência dos costumes (ou do costume, no sentido kantiano), o que se desfila ante os olhos do Homem de fé como o apocalipse do Homem enquanto criação de Deus. Ora, tal recentramento do pensamento (humano, antes de mais) no homem -e particularmente na mulher, mais do que no seu pensamento, no seu corpo e nas suas formas- não corresponde a um detrimido, melhor, pré-determinado movimento do espírito humano que pode ser analisado em termos de *long bias*, *long-term*? Ou seja, não estará, por estar demasiado centrado em Si Mesmo, o homem próximo da sua extinção? Precisa, por isso, de seduplicar, na forma de robôs tecnologicamente programados para repetir suas repetitivas tarefas e sentenças humanamente aceitáveis e relações redundantemente humanas... Dito de outro modo, a antropocena não será uma cena obscena, mais do que uma cena social, construtivista? O objecto de filosofia, a ahver, não será o amplexo humano, necessidade e desejo

transcendente, divino, denominador comum aos homens, aos deuses, ao próprios Deus? Ou seja, em suma, o discurso filosófico não terá sido, tal como o discurso antropológico, produto de elites culturais dominantes ao serviço do capitalismo branco e mera retórica aos u serviço, endo que a ele subjazia uma subliminar intenção de teor obsceno? É uma hipótese que deixamos em aberto. Ainda assim, intentamos em responder. O mocho ou a coruja são os símbolos da actividade filosófica: a visão é o sentido privilegiado. Por alguma razão o é. Para o homem, no sexo, o sentido mais importante na relação com o seu objecto de desejo é a visão, do ponto de vista do seu machismo dominante. Grande parte da filosofia é feita por homens... O símbolo da antropologia é o crâneo: deum lado morto, do outro vivo, preenchido, simbolizando o convívio com a vida, os viventes, por outro o convívio com os mortos, os antepassados, o além. Nada de sexual...O pensamento e os sentido instalados no crâneo, onde talvez esteja também o sexto e o sétimo. O crâneo pode ser de um homem, mas também de uma mulher, cuja ideologia e sabedoria se foi aquilatando com ortodoxismo e mal-trataemnto por parte do homem: o sentido da visão está semi-ocultado, bem como o do gosto e do olfacto. O do tacto não está lá. Há qualquer coisa de telepático nisto, como se o homem perseguisse o próprio homem, como se uns fossem polícias dos outros de si mesmos e uns dos outros, gerando pânico, medo, receio, doenças psiquiátricas, desenvolvimento económico, felicidade etérea, aparente, relativa apenas a estatísticas mundiais... Na verdade, quem pode medir a

felicidade? Nenhum índice o pode, julgamos. Para uns, ele regista-se em momentos; para outros, ele merece-se depois de uma vida de trabalho; para outros, é uma opção de vida, quando ela é, por exemplo religiosa, em minha modesta opinião. Em certo sentido, como diriam alguns autores romanos, como Séneca ou Cícero, a felicidade reside em estarmos bem connosco mesmo, de certa maneira reside em nós mesmos, na forma como lidamos com nossa subjectividade, no facto de sermos n'so mesmos em cada situação, de sermos honestos, de estarmos à altura das circunstâncias...contudo, não é assim o „weight of the world of today“, a *rush*<sup>35</sup>, como bem exemplifica o dito do meu amigo engenheiro que se tornou filósofo ama-

---

<sup>35</sup>. A calma tida, por exemplo, numa hora de ponta em Lisboa ou no Porto, cidades próximas do mar e logo do calor, acabam por poder funcionar bem em termos não somente criativos como financeiros, no sentido e uma estão emocional por relação ao tempo (na fila de carros, em casa, no caminho para casa), realizando uma rotina a que se está habituada à qual o organismo responde como que em pressão (como um martelo pneumático, veja-se *As Palavras*, de Sartre), ou um acórdão em épocas festivas, que se encolhe, comprime e expande, conforme os foles do desejo, da motivação, como se o Eu perseguisse a entrada num num quotidiano que se acentua moderadamente com o vaivém dos carros de um lado para o outro, em sentidos inversos e diversos, como que por analogia ao coito, poderíamos inferir dos contos e da teoria de Georges Batille e Jean Baudrillard. Tra-se em certo sentido, da tal ilusão vital, na ânsia de todos nós para que tudo esteja vivo e seja, em termos de movimento perpétuo, perpetuamente perpetuado, ou seja, lembrado e afirmado, reiterado, até à exaustão, como se esse movimento de batimento (superficialmente cardíaco, como o coração fosse uma „bomba“ mecânica, numa mera analogia com a mecânica dos automóveis, da união do carro com o dono, seja também na Fórmula 1, tipo Homem-Máquina.



dor. Entre pressa de fazer, de mostrar, de parecer, o filósofo fica para trás, para a felicidade, pelo menos a felicidade que advém do manuseamento dos livros, ninguém lhe a pode tirar, isso ele, só ele o sabe, a par dos seus pares, dentro ou fora da academia. Então, podemos perguntar-nos, porque nem todos querem ser felizes? Nem todos podem decerto rumar para o mesmo lado. O mundo seria banal, anódino, cinzento, ditatorial. E, na sua biografia, homens e mulheres conhecem diversas fases, umas de descoberta outras de apagamento. Mas a maioria deles vive na ilusão. Ilusão antes de mais propiciado pelo progresso e o consumismo a ele associado. E a pressa de fazer, de mostrar, demonstrar, parecer, executar, exemplificar, além do possível, cortando em sete fatias até o impossível. Veja-se o jargão do Euro2004 de Futebol em Portugal: „Impossible is Nothing“ (Nada é Impossível, ou seja, em tom desafiador, ou ligeiramente sartreano, *O Que é o Nada?*). Então, neste ou noutra sentido qualquer, o que é „pensar“? O que chamamos à actividade de pensar, talvez o mais digno sinal de vida, de Existenz (Cronenberg), de civilidade num cenário futurista (*Blade Runner*), onde, precisamente, não se pensa..., onde somente aos subhumanos está reservada essa acti-vidade (*actu-diversidade*). A filosofia vive, sem dúvida de interrogações, porque sabe que não sabe, não sabe porque sabe, ao mesmo tempo o filósofo é sedente e lleno de tanto sabe que se estonteia e desmaia ante qualquer coisa de que é actor e testemunah de que É e não É ao mesmo Tempo (sendo Tempo e Não-Tempo disso mesmo, nos termos devidamente heideggerianos) que, estan-

do fraco, recebe dessa fragilidade a maior das forças, convocando da desrazão, da loucura e do desgoverno novas formas de concerto do mundo, porque, em certo sentido ele É, o tem em Si (Mesmo ou Outro enquanto relativa potenciação de tendencição equivalente a qualquer coisa que tende carinhosamente para um objecto-sujeito que está além de Si, ou aquém...) semente divina do construtor de novos mundo, não só em termos de engenharia social, arquitectural, mas também onírica. Vejo o filósofo dos tempos modernos como um camponês evoluído, amadurecido pelo contacto com a cidade-sociedade, permencendo em Si e por Si o sentido-sentimento do equilíbrio dos opostos no sujeito e no social, uma potência e sentimento de positividade e capacidade de re-construir o mundo-para-um-mundo-melhor. Assim, o filósofo que eu sou prefere Vivaldi a Wagner, Mahler a Tchaikoksvi, navega no abstraccionismo quando dele necessita para arquitectar os seus planos secretos mais moribundos de trasnformação político-partidária do âmbito da cidadania secreta dos costumes, de modo a ser o melhor e maior psicólogo jamais conhecido, superando o seu mestres Fromm, Freu e Jung, sendo e não sendo ao mesmo tempo, porque o item social não dá para perder muito tempo com o item indidual, sujeito, com minudências com as quais o mundo do *Perigo Eminente* de 2058 não se compadece...Assim, o nosso manifesto toma a seguinte forma, o seguinte propósito linearmente geral: se numa sociedade de gruos em guerra uns com os outros, o filósofo descobre sempre motivos de, no estertor da confusão mental dos actores (sociais e artísticos)

desenvolver a sua teoria político-profética, que fará em tempo de paz? Não terá nesse tempo mais obrigação de fazer mais e mais, ser de algum modo um guerreiro da paz e das boas ideias, de certo modo um camponês (ecologista, diria-se) que defende as ideias de um sistema-mundo de um Walerstein ou de um Huxley ou Samir Amin? Enquanto licenciado em antropologia e antropólogo (porque exerci até aos 42 anos de idade biográfica), vejo a guerra como „natural“, como um traço inerente à personalidade dos povos<sup>36</sup>. A ira, a violência, é inerente aos sujeitos, logo aos grupos. Parece, a questão não é esse. A questão é „o que é que fazemos com isso“. Há sempre uma margem, uma folga para o pensamento, para o pensar, para a actividade lógica, psicológica, filosófica. O grande problema do homem de hoje é pensar que não é esse *gap*, essa oportunidade,

---

<sup>36</sup>. Enquanto licenciado em antropologia e antropólogo (porque exerci até aos 42 anos de idade biográfica), vejo a guerra como „natural“, como um traço inerente à personalidade dos povos. O filósofo não vê assim: aperfeiçoa a personalidade, pela civilidade, pelos bons costumes, ao ponto de se tornar, muitas vezes, uma criatura tão insurportável quanto o cheiro das suas fezes, diria, não chegando nunca a compreendê-la, para mencionar apenas um item, a natureza humana que é. Por isso, em certo sentido, há diferenças insanáveis entre filosofia e antropológica (nomeadamente a social), e sobretudo entre filósofo e antropólogos e quem sou eu para erguer uma ponte, estruturas, onde outros se vão passear sem me dar conta de nada quando vivo na miséria e nem se quer vão visitar a minha tumba, como não fazem à de Bruno, ou Mozart? Ouvem a sua música, ouvem inclusive o cantor Falco, na América, em grandes salas acusticamente excepcionalmente bem preparadas, mas não sabem a história, os precedentes, os antecendentes, o processo, o cheiro das coisas. Muitos jovens de hoje são assim, pelo que tenho pena.

essa freccção, d e certo modo infinita, no tempo, por onde ele se pode esgueirar sempre que queira, em termos de expressão da sua liberdade individual e colectia. Por outro lado, há quem faça disso vida, como certas adaptatões de religiões orientais entre nós (parece que estamos a dormir, já não nos chegam as horas nocturnas e que se deu algum apocalipse, ou se trata de algum *post-orgasmic chili, como diz a canção dos Skunk Anunsie*) que tentam elidir as emoções, arrasar a consciência dos sentimentos humanos, que nascem à flor da pele, hipocritamente abatendo a tiro toda a qualquer religião tradicional <sup>37</sup> Poderá o leitor julgar que estou fazendo uma psicologia do

---

<sup>37</sup>. O que eu defendo? Não tenho de defender nada, faço como a maioria dos filósofos, compraz-se em criticar anodinamente, desalentadamente, como que esperando os frutos do seu mépris philosophique, não ensaiando sequer um esgar de raiva e revolta contra ninguém, um adversário que o tratou mal, um garoto que o insultou, uma mulher que o rebaixou, uma piadola televisiva... muitos sentem-se mas não se sentem. Falta de corporativismo? Não, obrigado, tenho arranjado mais emprego a filósofo e antropólogo do que as suas próprias associações profissionais, que se debatem continuamente em eternas questões teóricas, que vêm de uma época de dois-três anos depois do 25 de Abril e não saiem disso. Com os sociólogo é o mesmo, estão todos, de uma maneira ou de outra, colado ao poder como sanguessugas. Os desalentados dedicam-se à literatura. Os escritores e poetas são-no boamente, mas em excesso, normalmente não têm os criticismo social. Pouco de construção percebem. Aliás, em Portugal sabe-se mais de derrida e deleuze do que de autores que parte para o jogo e resolvem a partida. Eu não sei quem são, nunca me apareceu nenhum. Talvez venha um dia a ser eu um deles, se continuar a fazer o que gosto. Por que, entre nós, e não somos caso único, ganha-se pão por dizer o mesmo, por repetir autores clássicos e críticos contemporâneos, parafreando-os, não trazendo nada de novo. Ganha-se pão e

filósofo e do antropólogo português segundo a minha (desalenta-da?) experiência (de campo). Talvez sim, talvez não. Se sim, tenho direito a isso. Se não, é para bem das disciplinas que dizem representar e esses defeitos são também os meus, pelo que andamos todos de certa maneira para *o mesmo*. Aqui chegados, podemos interrogar-nos do seguinte, lembrando os escritos recentes de António Damásio e alguma prosa de Lobo Antunes: onde reside, em termos neurológicos, o princípio de auto-policiamento, ou seja, de auto-censura moral dos actos e dos pensamento do Eu? Sim, qual a substância segregada? Serotonina é fácil de dizer... é fácil de dizer também que o lítio equilibra tudo, que a a zona das emoções, a região límbica, procurada desde cedo por Descartes, terá sido o centro de toda a actividade mais ou menos humana, mais ou menos mundana (e também sobre-natural) do sujeito, ou seja, responsável pelo seu equilíbrio lógico-psicológico-filosófico? Há uma outra zona responsável pelo pensamento reflexivo, sei bem, mas não entremos por aí... eu diria mesmo que a razão da autocensura moral do sujeito em termos de „pensamentos, palavras, actos, emoções“ (como diria retoricamente a Bíblia referindo-se à Confissão) reside na relação com o Outro. Ou seja, a censura (*cesura*) provém não só da presença recriminatória do outro, o que é suportável, até um certo ponto, como sobretudo da efectiva crítica que ele faz do seu semelhante.

---

trabalho nas academias, indo lá para fora em passeios e demandas aternas que não levam a lugar nenhum (Heidegger diria isso mesmo, a lugar nenhum). Bem, talvez seja mesmo essa a intenção.

Deste modo, estou em condições de quase completar esta minha Teoria Geral da Sociedade, dizendo que, neste contexto democrático, a crítica social gera um efeito de caos, um direito (manuscrito, electrónico), de que tudo se pode fazer, menos matar, ou seja, num certo sentido, criticar é matar aos poucos, de modo que na prática, se acaba por matar psicologicamente, gerando doenças mentais no Outro, mesmo que elas não nele existem, quer por via hereditária ambiental ou sanguínea. É a democravia na entropia de si mesma, em autofagia. Por gente se vê silenciosa, em aceitação. E pouca gente, sobretudo se vê criticando ideias, discutindo ideias, em termos gerias, filosóficos, porque não estão preparados para isso? Não investiram, nem sequer sofreram em nome de ideias ou ideais. Assim, em nome de uma paz podre, obscena, pornográfica, os cidadão desta (e de outras) ilustres, civilizadas e intelectualizadas sociedades, matam-se uns aos outros pela crítica, vivendo como monstros humanos da crítica, do diz-que-disse. Basta ler os jornais, lleno de mexeriquices das celebridades (para mi, não o são, decerto), do futebol, de Hollywood, porque uma trouxe o decote de lado, outra um sapato de cor diferente. Isto representa a sociedade, mais, é uma representação mental do que as pessoas são, vãos sendo, não espero sinceramente que venham a ser melhor, porque na realidade o que está em voga seja a cultura que um Marcuse há bastante tempo delineou: carros, fama, dinheiro, imobiliário, sexo. O que sobra disso? O que sobra da performance? O que sobra do prazer? Freud teria muito assunto hoje em dia para trabalhar...Portanto, acesura do Eu

sreside no Outro, não porque faz a crítica, mas talvez no modo como faz a crítica. Mas ela existe em todo o lado, o jogo da sociedade, como qualquer jogo é um sistema de reenvios, de trocas, simbólico-representativas, em termos de conteúdo mais ou menos agressivo-subjectivo, por isso há que estar preparado para esse jogo. Uma sociedade que critica o sujeito em vez de debater ideias não está preparada para os novos tempos, para o futuro. Porque, em certo sentido, nos inculcaram a ideia de que há que adquirir *status* enquanto dote para conseguir a mais bela mulher, a fim de ostentar e conseguir (cada vez mais) dote, até nunca parar, num encadeamento de explosões sucessivas do Ego na plena realização do vazio de Si Mesmo, chegando há idade adulta com qualquer coisa de material realizado, como prestígio social seguidismo mediático, mas fraca índole para consigo mesmo e o seu semelhante e débil qualidade de vida no sentido de uma felicidade plena. Ainda bem que é assim, porque dá campo extensivo ao trabalho do filósofo...

Mas vamos deixar-nos de galhardetes e delicadezas. Se, por um lado, o filósofo vêem o antropólogo como o depósito de inumeráveis formas de saber (fazer, saber), por ser, sempre, de uma menira ou de outra, um vajante, essa admiração que lehe, mesmo negando-lhe a sobrepujança intelectual que, em fua falibilidade o filósofo não tem, não se resume a um mito mero? Ou seja, o mito dos Descobrimientos, do descobridor, do conquistador de terrenos, do flanqueador de costumes e culturas? Isso é altamente redutor da tarefa do antropólogo, parece-me e esconde, de certa maneira, uma agras-

sividade latente por parte do filósofo, quer para com este seu par, quer para com a ideia de povo, ou seja, também o filósofo quereria, em certo sentido, conquistar, nomeadamente, as nativas, para dizer em bom português. É a questão da libido, que no cientista social que parece bem resolvida (basta ver o livrinho de Max Weber) e que nos filósofo se me assemelha como diáfana, difusa, romântica. Ora, por outro lado, o antropólogo, na sua orda de transformar e compreender o mundo (mais compreender do que transformar, em certo sentido) vêm como desnecessária a tarefa do pensar. Ele dispõe de um arsenal de dados que podem efectivamente mudar o mundo. Então porque não o faz. Porque somos poucos e sobretudo porque ganhamos mal. E não abdicamos do nosso poder. O nosso conhecimento está à vista de todos mas nem todos têm acesso a ele. Um pouco como o saber filosófico. Exige concentração, abnegação, força, intensidade, entrega, **Domínio** („Esta é a nossa casa, cuidemos dela“). Então, voltamos à questão anterior, porquê pensar? Veja-se por exemplo, o recente *Compêndio de Ética* dirigido por Adriana Serrão, nas Edições Colibri, da Faculdade de Letras de Lisboa. Nenhum dato, i.e. Nenhuma data, nenhum nome, nenhum local, Parece que estamos num claustro conventual da Idade Média e que o tempo não passou por nós, aqui em 2017, em Lisboa, entre a Rússia e o Estados Unidos da América. Nenhuma ideia de relação com o mundo, meramente com as pessoas, apenas um vaga ideia de deslocamento, como se tudo fugisse para cima, onde não há, etereamente, pessoa alguma, onde há o Nada, que o Nada que o



filósofo é Não-Habita. Esse horror do filósofo ao Mundo diz tudo o que ele pensa do antropólogo; ele é obscuro, mundano, porco, não sabe pensar, é um pensarião, dá-se com pessoas simples, não toma banho. Concordo, a maior parte são mesmo assim. Para além de terem ideias preconcebidas acerca dos ancionais e sexualmente ortodoxos, força a diferença sexual ao limites, abusando de drogas, tendo um fascínio doentio por marginalidade e situações limite de diversos campos. O meu amigo chamava-lhe „refundidos“, ou seja, bocados de pneu deixados à solta, ainda quente, na berma da estrada, depois de um aparatoso acidente, depois de uma reportagem da Sic Notícias...

Então, perguntamos, alguma vez se poderão dar bem este pares, se ao mesmo tempo estão tão próximo e tão distantes?<sup>38</sup>. Durante o

---

<sup>38</sup>. No que é hoje, em 2017, a Universidade de Lisboa, o ISCTE permanece, enquanto centro de um certo poder, ou de uma certa forma de fazer poder, orgulhamente de fora. Terá cabimento uma cadeira de antropologia filosófica no Curso de Antropologia, licenciatura, mestrado e doutoramento? Por outro lado, alguma vez se ensina antropologia na Faculdade de Letras de Lisboa? Que eu saiba, não. Unir, em nome do canal chamado antropologia filosófica FLUL e ISCTE parece-me tão difícil quanto encontrar docentes estejam preparados cientificamente para leccionar tal área disciplinar. Enquanto a Universidade de Lisboa se uniu, aumentou a especialização, o número de docentes, especialmente os jovens, explodiram. É sem par a quantidade de jovens, com Mercedes ou Land Rover à porta da Faculdade, especialista em Direito Penal, Gestão da Propriedade Intelectual ou Psicologia Criminal. Onde se faz poesia, bem ali perto estuda-se o crime de fazer poesia. Na FCSH-U.Nova debate-se o nacionalismo e o oposto dele a propósito de uma conferência. Acho bem, porque a mim nunca bem bateu

processo em que nos surgem inúmeras ideias, umas construtivas outras destrutivas, umas que esquecemos outras que lembramos, mais adiante, outras que reaparecem no nosso espírito sob diversa forma, perguntamo-nos: valem as palavras, num texto de pese como este que apresentamos, ou vale o halo dos pensamento: vale a filosofia analítica ou vale o que é sintético? È que nos parece que o filósofo está demasiado preocupado com a forma, por isso privilegia a visão nos seus intentos especulativos, muito mais do que o gosto (a culinária, por exemplo), ou o ouvido, coisa de artistas. Ele contraria, não se deixa ir na onda, é de certo modo um homem dogmático, de princípios, que ressite, um esteio do passado que pede para ser

---

à porta. Ainda que tenha lá um crucifixo e uma bandeira. Outro têm um ramo de cannabis, o que também não censuro. São opções de vida. Mas não nos podemos calar. Discutamos as ideias e deixemo-nos de poleiros, Há lugar para toda a gente. Desde que oiçamos a nossa voix intérieure (Georges Bataille). Estes jovens, professores, universitários, muitos deles filhos de professores universários são típios representates da cultura portuguesa. Viajam, têm dinheiro, fazem sexo como cães em festas e em casa, onde querem, são este que nos representam socialmente, estão agarrados a princípios de há séculos e não saiem do sítito, quando passam por uma pessoa como eu, olham com desdém e critica, ora porque sobretudo, não tem prestígio social, aquilo que certamente eles buscam ,as talvez tenha o que eles nunca terão e o tiro sai-lhe pela culatra. Jovem é jovem, é inconsciente. Mas aí há uma questão: eu não o fui. Por isso não gostam de mim, porque sou perfeito e a perfeição não cabe na cabeça deles, têm preconceito, como muitos filósofos, como acabei de demonstrar, que o antropólogo tem de saber tudo, arcar com tudo e depois de senencilhar sozinho, como que desaparecer. Meus amigos, não é bem assim...

respeitado, ao passo que o artista apenas plasma a sua arte contra a parede e espera que (o filósofo, por exemplo) se olhe para a sua obra, se contemple, se comente. Será então, nessa ordem, de ideias, alguma vez, o filósofo um criador? Não, o seu objectivo é o poder, como o de todas as profissões, tais quais os gestores e advogados, para não falar dos políticos, que andam a maior parte às aranhas e não sabem o que fazer no meio de tanta informação. Sim, o objectivo, de certo modo, do filósofo, não é a dignidade de existir, ainda que singular(-mente), mas o poder, o poder absoluto, por isso desconstrói, critica, sacaniza. Raramente empreende e constrói porque não tem arcaboço factua (**data**) para tal. Nisso reside a minha crítica à filosofia e a alguma da filosofia que se faz em Portugal. O filósofo é respeitado mas também gozado de maneira ímpar se não pertence a nenhuma academia ou está socialmente deslocado. Por outro lado, generalizou-se a filosofia enquanto poesia da sociedade: isso é bom, faz as pessoas pensar e pensar é bom, é como plantar árvores onde elas mais florescem, no espírito do Homem. Assim, o filósofo surge como um „abre-latas“ social para todos e quaiqueur problemas que aparecem. Isso é bom e a sua mera presença resolve muitos problemas, talvez mais do que aquele que o psiquiatra resolve na clínica e no consultório, permite libertar as pessoas dos seus conceitos e preconceitos e não há sentimento mais honroso e belo que ter contribuído para tal. Com o antropólogo é também um pouco assim: ele tem a caixa de ferramenta conceptual que permite fazer-se a festa no bairro: „finalmente um antropólogo, alguém que se preocupa! Isto

vai melhor!“ Assim pensam as pessoas. Aproveitemos esse entusiasmo e responsabilidade.

Assim, a vida particular da pessoa do século vinte e um encontra-se condicionada é possibilidade da exposição ou não do mediatismo, ou seja do olhar do Outro, do grande Outro, que é o somatório das partes, dos olhares particulares de cada um dos membros da sociedade. O objectivo final é tornar-se imensamente visto, não tanto Ver, ou seja, endeusar-se porque se é visto, não tanto pelo conhecimento (dos Outros, do Outro, provavelmente pela contemplação), mas pela exposição máxima ao Outro do Grande Outro. Isso lhe dará o título não de Deus ou Deusa, título que já não interessa, pois Deus jamais o retirará de uma sepultura, lugar que pouca gente quer visitar mesmo que seja por memória parca, mas de estrela, estrela candente, estrela estelar que se destaca no firmamento e que rouba os olhares (logo, a atenção) a todos os que estão, de certo modo distraído da sua biografia. Nesse sentido, o showbiz não é um negócio à parte, uma indústria particular, mas algo que foi deslocado para a sua, para a praça pública, talvez mesmo para a intimidade. Ou seja, a in-felicidade do homem actual deve-se em grande parte por ter desejado na exposição ao Outro a felicidade total e permanente e ter sido ferido por esse desejo de certo modo infantil e ingénuo, de certo modo inocente e pueril: a felicidade, todos sabemos, consiste no segrado e nos lugares afastados a ribalta. Mas será mesmo assim? Ainda assim, o homem insiste e repetem-se insistentemente os videogramas, os telediscos, os filmes, numa onda cíclica de repe-

tição e insistência que tanto cansa o homem como o torna numa máquina perfeita de desejo e sedução. O homem quer provar, a mulher quer a tenção, entretanto, há sempre vampiros que lucra obscuramente, na sombra e no silêncio com o negócio. Contudo, mais uma vez, insisto, a finitude é comum a todos, mas nem todo crêm nisso, sendo que há uma espécie de aturdimento mental que geral em alguns sujeitos a crença de que, seja pelos seus actos seja pelas suas palavras, se poderão tornar imortais. Em que sentido? O *guetto*, o contextualismo, é uma forma de perpetuação, autopetuação e preservação, acreditar em Si uma forma de sobrevivência e combate, acreditar em Cristo uma forma de acreditar em algo que está para além da morte. Todos procuram o poder: que forma mais eloquente de poder senão o *phallo*? Enquanto uns se dedicam tecnicamente a isso, outros contagiam a sua energíá psíquica aos outros inculcando valores, outros bebem, embebedem-se e perdem a fé a um canto...perdendo-se e deixando de representar os outros. Porque a fé em nós mesmo não é senão uma forma de responsabilidade, não é de todo uma forma de egoísmo. Acreditamos em nós porque temos essa responsabilidade perante os nossos. Nem mais, temos o dever de nos aguentarmos porque somos de determinada estirpe de invencíveis seres, que nunca quebra e ainda que quebrem, levantam-se sempre e ainda que prostrados vivem até morrer (Ricoeur). Assim, também uma das grande questões do Homem será não o uso da técnica ou a ecologia mas a forma de se projectar para além não só da vida individual, da contingência de Ser, em certo

sentido procrastinado para determinadas tarefas mundanas, que em certo sentido tende a absolutizar, mas também da vida do grupo e uma coisa está estritamente ligada à outra. O sujeito mais forte é o que se sacrifica em nome do grupo, não aquele que escolhe a vida do individual, engrandecendo-se desnecessariamente, sendo que quando o faça serve também, por outro, os interesses do grupo, ou seja, elege-se enquanto seu representante, porta-voz simbólico e de certo modo exemplo para os júniores (vejam-se as performances de Vigo Mortensen em diversas películas, desde *O Senhor dos Anéis* a *Hidalgo*, passando pelo seu mais recente e oscarizado filme que relata a vocação filosófica de uma família que se transfere da cidade de Nova Iorque para o campo a fim de procurar vias solucionais para questões que se colocam de forma efusiva e permanente na grande metrópole, o que nos leva a referir, em certo sentido, não somente por este exemplo, que a filosofia será, porventura a *masi* concreda das actividades-ciências, pois resulta sempre de factos (biográficos, políticos, económicos), nunca porém os revelando, sendo por isso altamente perigosa, diria até tendo até uma certa índole de espionagem, como o tem decert a antropologia, o que nunca me espanto dada a escala dos eu complexo de questões). Assim também, diria mais detalhadamente, o filósofo será sempre, juntamente com o antropólogo e quiçá o sociólogo, o jovem desencantado e abandonado num bar, bebendo um Jack Daniel's sossegado, depois de um dia de trabalho, pesado por tanta coisa que sabe, tudo menos absorto, tudo menos derrotado, apenas vivendo e amante da vida, desalentado

de amores, como se fosse tão perfeito quanto o Príncipe de Saint-Éxupéry feito adulto, vulnerável como uma bela jovem, no entanto aceitando yudo o que acontece e reservando, no caminho de campo, forças, para o que acontece no amanhã, no depois de amanhã e no dia seguinte. Porque, afinal, terá, sob pretexto da sua profissão, permanecido na sua actividade, ainda por cima vindo, e mais por cima, com um texto escrito.

Regressando à nossa conversa temática, o objectivo de Outros será ver, não ser visto. Serão deuses, o estrelas? Decerto, no regime das simultaneidades comunicacionais contemporânea, vê-se e és-se visto, eis o fenómeno de comunicação global sonhado por Machluhan, ou seja, quando estás nesse esquema, és deus e não és ao mesmo tempo. Mas...serás estrela? Poderão muitas estrelas brilhar ao mesmo tempo sem tocarem umas nas outras? Certamente que sim, mas não por muito tempo, porque a vida de estrela implica uma certa forma de gestão (danosa, par Si, se for boa pessoa, para os outros, se for má pessoa), uma certa maneira de ver a vida, uma relativa mudança, um certo Devir na forma como se vê, representa e alicia o Mundo, os outros e o Mundo dos Outros. Qual o objectivo? Intercurso sexual sem limites? Pode passar por isso, em muitos casos pode até ser um meio para chegar lá. Mas o objectivo é a comunicação global de SI Mesmo enquanto Outro, enquanto projecção do outro em Si Mesmo enquanto inexistente num tempo que não existe, fixação no Tempo que deixou para trás qualquer Outra memória, numa palavra: Imortalidade. Mas que géenro de imorta-

lidaed? Física? Decerto que ninguém acredita nisso. Mas será isso mesmo, certamente, reconstrução desde já do EU num futuro próximo onde não existirá enquanto corpo, pelo que são jorrado e projectado para o futuro ellemntos de Si, do Siique hoje não (se) é mas que se pretende ser cem anos depois de morrer, na eternidade, enquanto primitivo de Si Mesmo, repetindo o processo indefinidamente vezes sem conta. Eis uma forma de se tornar imortal. Bem mais sagaz do que o vampirismo. Assim, o sonho americano continua vivo, como o sonho português continua. Acredito que o nosso país vive num eixo que vai desde a Noruegua passando por Lisboa e que desce, passando por Àfrica também. Temos, por isso, mais que ver com ingleses e especialmente com noruegueses do que com Franceses, apesar da histórica mostrar o contrário. Temos, também, muito a ver com o americanos, sobretudo pelo modo magnânimo e divertido de ver a vida, pelo lado heróico da nossa *visée politique dos enjeux*, selam literários, sejam sociais. Por isso, temos muito que ver com o Brasil. Deixámos lá a semente, por isso para quê olhar para trás? Eles são já crescidinhos, além disso, temos outros muito mais problemas, a diversos planos, que seja construir uma nação que, em meu ponto de viste, se equivalha a um misto de Japão e Noruega, uma potência cultural, histórica (que já o é) e financeira. Apressemo-nos, os gregos já descobriram tal fórmula, aliados embora com outras nações. Temos os elementos bastantes para tal: bom solo, um área de mar imensa, pescaso, o melhor clima do mundo, cultura, o melhor povo, belas praias, a melhor comida. Se-



jamos nós mesmo *per se*, por insistência na ipseidade, a dar valor a nós mesmo: taxemos bem isto, não sejamos baratinha, há ver e haver um certo nacionalismo na coisa (entente). Por aliados teremos um dos melhores de sempre: os espanhóis. Crítica: espanta-me como tendo sido o povo que deu mundos ao mundo, é dos mais crítico, sobretudo dos jovens, uns com os outros, mesmo entre aqueles que pouco realizaram. Isso nos destrói, por outro lado constrói, edifica, falsos heróis, gigantes de papel com pés de barro. Um povo que conhece outras culturas, certamente que é snob, avalia, isso considero acertado (vejo muito isso nos ingleses e nos franceses). Mas há em nós (dentro de nós, como um monstrinho esquisito, feio, absolutamente dispensável, que se poderia deitar fora de um momento para o outro e que se alimente domesticamente como um animal de estimação) essa forma de crítica provinciana de uns para com os outros que só vem a par com a subserviência ante os estrangeiros e, para mais dizer, vassalagem que lhes prestamos. Uma coisa está ligada à outra. Por sermos lixo? Não somos lixo, somos gente, temos um bom produto para oferecer, talvez singularmente extraordinário em termos globais. São poucos, nesses termos, os que cá vêm. E gostam. E volta, sempre que podem. Mas vejo pouco americanos. E ainda bem, porque nos respeitam e talvez tenham uma inveja suprema de Portugal. Não são eles também nacionalistas? Nós somos europeus, ou não? Então, nestes termos, chega de censura moral. O filósofo usa esse instrumento como bitola descritiva de um mundo em desmembramento. No entanto é apenas o

Seu mundo. E que mundo. Mundos somam-se uns aos outros, cada pessoa é à vez um mundo-para-um-mundo-melhor, um mundo de personalidade, de incidências, de possibilidades de Ser-aí, acolá, em estado circular permanente de arte desenhada na areia, na paleta (branca?), no écran. Cada vez mais pessoas, sobretudo os jovens, escrevem à mão: tornou-se um ritual, um prazer, algo que partilham secretamente com os amigos e o namorado, mais improtante em certo sentido que o amplexo, muitas vezes banalizado, até pelo psiquiatra que prescreve medicamento porque precisa de comer no restaurante ao lado, pobre coitado, nem sequer estudou humanidades, de humanismo percebe pouco, ainda querem elidir da consciência dos homens esse tal item, o humanismo, em nome de um talvez arrebatamento pop que dura e dura eternamente e que cansa cansa e acaba por não mudar efectivamente, afectivamente, o mundo... Neste sentido, o que parece verdadeiramente transformador, socialmente significativo, não seria o fechamento de uma antropologia em si, como se faz, ou da filosofia em si, como se faz, mas uma vida de interdisciplinabilidade, por exemplo, como se faz, uma relação entre filosofia e cinema, por um lado, de realização cinematográfica em antropologia, por outros, nos termos do cinema etnográfico, como se faz. Assim, onde estará a verdadeira e honesta forma de viver? Na brejeirice e no humor ou na elvação de espírito? Na performance atlética ou na fumarada intelectualmente jazzística? O filósofo vive deses espanto e dessa justiça que partilha com o antropólogo e o padra: ver um velho com uma jovem bonita, quase

criança, de braço dado, quando não se tem ninguém, causa dó e certamente que é inveja. É injustiça, um injustiça de carácter sexual, das piores que se podem (ou não) suportar, porque o padre ou o filósofo sempre procura o equilíbrio das coisas, das pessoas e das ideias, em certo sentido, como se a sua mente fosse um regulador constante da a-percepção e consideração mental da i-realidade. Mais uma vez, ele sabe, mas está só. Será, portanto, uma questão de situação, de perspectiva, de consideração ora do corpo de prazer, ora da situação de prostramento em que se encontra o seu, jazendo de Si para Si Mesmo no recontro da situação conceptual „quarto“. Se, por outro lado, estivesse acompanhado não sabia tanto, não estaria só, nem sequer saberia o que é a felicidade de estar só, quando se está com toda a gente. Por isso procura o para ideal, ainda que o encontre tarde e mesmo em não o encontrando terão sobrado montes de palavras que, afinal, a lado nenhum levarão o leitor, tornando-o completamente aceito no universo da sua própria memória enquanto leitor... De algum modo, devido ao carácter insuportável do real, que ofende a subjectividade do sujeito, o homem cria novos deus. Eliminou o novo Deus, para o qual projectava toda a sua negatividade, recebendo dele energias positivas. Os novos deuses estão mais próximos e ali mesmo perto da consciência e da dor, como items num supermercado (*The Clash, Lost in the Supermermarket*, do álbum *London Calling*, lembrando os atentados de hoje). Esses novos deuses acalentam o desalento do sujeito e „retiram“ do seu psiquismo a carga negativa com a qual ele não pode seguir o

seu caminho de vida. Além do mais, a sociedade cosmopolita cria, sendo por isso *generatrix*, narrativas, comentários, novelas (na maior parte *never ending stories*, nomeadamente de cariz policial) que resultam em termos televisivo como que extensão de uma certa ideia idílica rousseauniana de camesinato onde se privilegia a ideia de Bem em detrimento da natureza maligna da sociedade (Hobbes) e do indivíduo, tudo num tom de precisão matemático-química-policial. Assim, enquanto que o amor da aldeia, do campo, é dedicação, entrega, fidelidade, o amor citadino é jogo psicológico, oportunidade, corpo na selva. Assim, também certa filosofia é uma certa forma de hipocrisia e cinesmo na medida em que se pretende asexuada, substituindo a função paroquial e ordenadora do real social que habita estruturalmente na mente de muitos habitantes de um espaço relativamente circunscrito a itens culturais devidamente identificados e que se alteram e moldam com o tempo e acção, melhor, interacção, humanas. Depois disso, a filosofia projecta-se no *theatrum mundi*<sup>39c</sup> como um função dispositória das consciências (estamos seguindo Heidegger e também Deleuze, em „O que é Filosofia“) que as desperta para clashes mentais diversos que cansam, moldam, acabam por habituar e de certo modo desiludir as mentes menos preparadas, ou seja, precisamemtn aquelas que não sonham. Nesta medida, estou em condições para apresentar, um pouno nos eguimento da obra de Bachelard, a filosofia como uma forma, actividade eminentemente onírica, ou acessória do onirismo inderente

---

<sup>39</sup>. Ou, num outro sentido, que lhe dá Hermínio Martins, Experimentum Mundi.

do Ser Humana, da Humana Mente, nos termos em que se trata não propriamente de psicanálise ou psicologia, isto é, de sonhar enquanto dorme, mas efectivamente de sonhar acordado, estando por isso desperto para todo o devir, em sentido verdadeiramente amplo, ou seja, nas vertentes ética, deontológica, cultural, universal, espiritual. Assim, o mundo alimenta-se de vida e morte em perfeita consumpção, ou seja, pela alternância dos regimens nocturno/diurno, abertura/fechamento, branco/negro, vazio/cheio, sendo que a energia, ou as diversas e múltiplas formas de energia se movimentam nos mais diversos sentidos (Bergson, *L'Énergie Spirituelle*), entrando e saindo de orifícios, humanos, animais e vegetais, sendo que uns e outros são no sentido apocaticamente citadino uma e a mesma coisa. Alternam-se assim, à semelhança de plantas carnívoras que se abrem para comer e se fecham para sorver, engolir, alimentar em consumpção de Si Mesmas e do Mundo a que são exteriores pois no sentido em que são predadores o mundo lhe é inferiormente relativo. Assim, seguimos de perto o pensamento de Berkeley a propósito da relação do Sujeito com o Mundo, que me parece ser o essencial da reflexão filosófica dos dias de hoje. A antropologia plantea esta relação de modo muito simples e modesto, mas tremendamente verdadeiro e teoricamente moral, pois corresponde à coisa exactamente como ela é, sem parangonas literárias ou filosóficas: interessa, pois analisar a relação, o modo como percebemos ou lidamos com a realidade, o Todo (que englobaria o sujeito e a realidade postergada diante de Si Mesmo), a saber, nós mesmo, os ou-

tros, as Coisas (os bens), o Mundo. Berkeley segue esta concepção algo eliadiana, simplista,, de uma modo particularmente próximo. Na verdade, acrescentamos nós, não há muito mais a acrescentar à experiência humana, da vida (humana). Ela resume-se a poucas mas importantes coisas: palavras, números, imagens (fixas e em movimentos, fotogramas e películas), sons (os sentidos, numa palavra). Nisso experienciamos o Mundo e dele fazemos Ideia prática que ajuda na nossa progressão quotidiana no campo do social (Goffman). Ora, podemos perguntar, se a filosofia fossem música o que seria? Se fosse instrumento musical, o que seria? O som, sabe-se, é resultado da vibração de uma onda a certa temperatura, de uma camada de vento que se propaga no espaço, uma força que se propaga progressivamente no espaço, imprecada em direcção a um objecto determinado para o efeito (p.ex. Um tambor). Por outro lado, neste mundo, há quem tenha estruturas mentais elementares toda a vida e seja feliz com isso e não precise de terapia nem de de um sentimento particularmente excepcional de divagação, alienção ou qualquer viagem para se sentir, melhor, se é que admite poder sentir-se melhor quando se sente efectivamente bem. Mas, esse é o estratagema dos sofistas, sejam filósofos sejam psicólogos ou psiquiatras, ou mesmo advogados: há sempre qualquer coisa pior, qualquer coisa melhor a fazer, a pessoa pode sentir-se sempre melhor do que se sente efectivamente, mesmo quando se sentem „superbem“, porque afinal o que a fará sentir-se bem será o facto economista de pagar a aum pessoa (abençoado Outro, este) para preencher

essa hipótese de se sentir melhor. E porque vem tal hipótese à berlinda. Porque existe o Outro, porque há sempre quem se sinta melhor, mas por outro lado, há também quem se sinta pior. Portanto, eis mais uma apresentação científica minha: A Teoria da Relatividade Aplicada às Emoções Humanas: tudo é relativo neste universo e neste sentido da relação das pessoas e das coisas (para além das ideias) umas com as outras. Por outro lado, sou, enquanto antropólogo e humanista, bastante criticado de soslaio por me preocupar mais com o Bem da humanidade do que com aquele da minha família. Quem me critica esquece-se que faz ele mesmo o contrário: preocupa-se mesquinamente mais com família e não tem visão global das coisas e das pessoas aplicadas aos que ama. Numa palavra, não os engrandece em nada. Mais um exemplo de uma certa mesquinês portuguesa e de que é estranho terem sido feitos os Descobrimentos e estarmos sendo mais provincianos que holandeses ou austríacos... Ou seja, a minha teoria, de entre as bastantes que tenho, graças a Deus e ao meu estudo (sem financiamento de alguma entidade, pública ou privada portuguesa ou estrangeira) é que o criminologista sempre se torna um pária, um criminoso, pelo que sou, enquanto filósofo, apologista da vida „apreciativa“, ou seja, do ponto de vista do camponês, do homem de Bem, apreciar as vidas dos outros, daqueles que se julgam esperto e querem subir a toda a custa à razão do seu individualismo bacoco, sem dar contas a ninguém. É também uma apologia da estupidez, da cupidez até, roçando o brejeirismo, mas é sobretudo uma forma de Estar, de ser huma-

na, de se dar ao Mundo, de ser enfim feliz e nós procurámos esforçadamente a felicidade, ela não aparece do ar, das terapias alternativas, das masagens e do sexo bruto e desenfreado que nos aproxima dos ursos e lobos, e ela está aparecendo sob a forma da realidade, sob forma „comestível“, diria Susan Sontag ou mesmo George Frankl, em *Os Fundamentos da Moralidade*. Ora, vale a pena o individualismo, o culto da individualidade, demasiado atreito a sociedades capitalistas como a nossa? O que está, em deviersos domínios como a criminologia ou a investigação ou a segurança social ou a defesa, em primeiro lugar, o sujeito, indivíduo, ou o grupo, a sociedade, Se a sociedade não aposta nele, que faz ele? Revolta-se, é o caminho mais óbvio, torna-se um pária, forma um corrente de contra-poder, um novo grupo para dominar a cidade, usurpando o poder que os outros tiveram ou vão tendo e que começa a desvanecer-se No fundo, isso é a natureza humana. Coisas comezinha como a fome de poder.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup>. Também Cristo o quis ter, com a sua façanha: o poder de ser lembrado além da morte, por séculos e séculos, o poder simbólico e espiritual no sentido de influenciar vidas e mortes à escala global.ortano, o homem está atreito à mais básica lei da economia: se não estás comigo, estás contra mim. Se invisto em ti e tu não investes em mim, saio daqui vou para outro lado ou então fico e deito-te abaixo com todas as minhas forças. Na relação do sujeito com as instituições em Portugal é assim que funciona. Não se aposta em quem tem projectos. Há comanditas, interesses, grupos, lobbys, famílias. Pobre país...não quer dizer que seja um falhado: se insisto confio nas instituições e sou como que um fanático seco e enferrujado de ódio, se vou para outro lado, arranjo aliado para „queimar“ quem me injustiçou. Solução intermédia e mais sensata: crio o meu grupo, crio um novo grupo no seio da sociedade, o meu, que será bem mais poderoso e governará



Na América (ainda que selvagem, dá-se mais valor à inocência produtiva, ao desejo, à criatividade, à inividualidade, à liberdade, enquanto na Europa se privilegia a sociedade (Foucault, *É Preciso defender a Sociedade*). Os europeus são gnomos, velhos, fizeram da Eupora uma cidadela onde se depravam nos vícios e maus costumes que não usaram noutras épocas de „fome“. Talvez seja mais cautelosos que os americanos, os belgas, os franceses, os suecos, os alemães. Nós estamos entre eles e os americanos, um pouco mais ao sul de Londres. Por isso nos entendem bem os ingleses, talvez mais do que os francesas, apesar de serm continentais como nós. Mas os ingleses são, como costume dizer, „ilhéus continentais“, tal como nós, são colonizadores porque estão empre, de uma maneira ou de outra, germinando desejo, são colonizadores por natureza e história feita. Outra questão que gostaria de aventar seria a de equacionar o tema da autonomia da Razão, nos termos em que a coloca Kant. Não concordo com os autores que o colocam nesse pedestal: o nosso pensamento, mesmo em sentido racional, é sempre condicionado pelo sangue, parentesco, herança cultural. Mas, admiravelmente, nele está também contido o fervor da descoberta, de ir para outros lugares, longe o perto, de Si e dos Outros, ir mais além através do pensamento e da apreciação da vida, ou seja, o exercício do pensar pode levar-nos bem mais longe que muita coisa, muitos bens materiais e

---

possivelmente toda a cidade. Não fosse eu o Rei, perdão, herdeiro do Rei, Claude Lévi-Strauss.

viagens, mas é certo que esses itens nos ajudam a „pensar melhor“. Não me creio miserabilista, mas tenho orgulho no franciscanismo que se detém no meu percurso biográfico. Depois do cristianismo em si, nenhuma emnsagem é ao mesmo tempo, segundo creio, tão potente, avassalador e globalmente poderoso que o francuiscanismo, nem sequer em termos puramente teológicos, isto lembrando São Tomás de Aquino e a sua *Summa Theologica* ou o que também vem ao caso, os jesuístas em geral. Num sentido, o filósofo enquanto trabalhador da mente está ao serviço do (seu) individualismo, mas também do grupo e da humanidade. Mas talvez o faça sem saber. Tudo conta, mesmo os pensamento em que ele se sente (uma „merda“), em que senta o juízo (estético, moral), fugir a sete pés... A mente é, assim, (Mora, *Mente e Cérebro*), social e ecológica (Félix Guattari, *The Three Ecologies*)<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup>. O homem religioso, verdadeiramente religioso, admitindo ques eja também filósofo, pensa do seguinte modo: ofende-me, não me dão trabalho, só falta batem-me e matarem-se, logo conclui que não têm estima por si próprio, armam-se em durões mas não têm nada, são crianças assutadas sempre procurando e vivendo do perigo, galos tentando penicarem-se uns aos outros, não conhecem momentos de bondade e reflexão, como eu, fazem sexo e importam-se ou não e importam, banalizam, são influenciáveis ou não, gostam de dinheiro, gastam dinheiro, são como eu. Ainda assim eprgunto: quero, porentura eu ser como eles? Terei de muda a forma e o conteúdo do que sou, em nome dos tempos, do devis das auroras, para que alguém olhe para mim, a fim de despertar a atenção: Certamente que enquanto filósofo basta-me fazer o meu trabalho. Mas... de barriga vazia? Apostei neles...em mim não apostaram. Terão eles, aqueles em que apostei, mesmo estando só, algum sentido de grupo? Não creio. O coisa é certo, começo a

Assim sendo, o verdadeiro e genial filósofo é o que se admira com o libre-arbítrio da felicidade da vida, mesmo tolerando a fealdade da vida, tendo nisso um empenho tamanho que só pode engrandecer tal manifestação, certamente do divino, disso mesmo no seu espírito. Ele não parte logo para a folia, mas também gosta de beber uns copos com miúdas, tem muitas vezes manifestações secretamente incontidas de ira, pragueja, tem síndrome de Tourette, esquizofrenia, tudo e mais alguma coisa de físico e transcendental, é telepático e druíada, é sábio e xamá, feiticeiro por excelência, dos melhores, não usando substâncias exteriores àquela com que no seu cérebro magica a transformação do mundo e neste cenário de espanto (*Recuperar o Espanto*, direcção de Raul Iturra) ele leva tudo a sério para que outros se divirtam mais e mais, por isso mesmo é o verdadeiro altruísta. O antropólogo também é do mesmo calibre, mas envolve-se, brinca com o fogo e muitas vezes queima-se, pelo que vemos muitos antropólogos, manetas ou queimados de cigarros, por serem uma espécie de planta que fala, vinda de Marte para estudar a vida humana que será transplantada para lá... Depois, o grande motivo de infelicidade e depressão, bem como de doenças crónicas, apanhadas em convívio social, é a pulsão de de todo o custo agradar a toda a gente e alguém, por uma rush que nunca mais acaba, que mais parece o *movimento perpétuo* tematiz-

---

acreditar que são maus. Ainda assim, o facto de ter apostado neles e eles me terem decepcionado fá-los corar de humilhação. Como se diz em bom português, os actos ficam com quem os pratica. Ou, neste caso, com quem não os pratica.

ado na guitarra de Carlos Paredes, o que levanta interessantíssimas questões filosóficas, desde já que tem a ver com o devir das coisas humanas e particularmente da consciência de Si e dos Outros (em psicologia chama-se personalidade cambiante). Ora, a questão é assustadoramente simples e pega-se com o que estávamos a dizer anteriormente a cerca da necessidade/condição de ser (se) simples: se eu sou como sou e tenho algumas pessoas que gostam de mim como sou, porque hei-de mudar, essencialmente na minha aparência? Porque há pessoas que não gostam de mim? Ser gostado faz-me sentir feliz? Obviamente que sim, mas não preciso de andar numa correria louca pretendendo com isso os favores dos outros, de todos os outros, para ser enquanto tal em mudança. Em devir. Assim, a pulsão de agradar torna-se a obsessão principal de homens e mulheres, desenvolvendo-se pessoas que sob o ponto de vista cinematográfico e antropológico são verdadeiramente interessantes, ora porque seja aberrações, figindo à norma, ora porque sejam snobs ou demasiadamente preocupados com a opinião dos outros acerca de si, tornando-se pouco sabiamente críticos ferozes de tudo e todos, desenvolvendo um Si e decerto nos eu ambiente cultural e arquitectónico ao seu redor, uma cultura da caça, da suspeita, por vezes até do crime. Esta posição nota-se em certas novelas recentes dos dois canais mais visto no nosso país, onde a agressão, verbal ou física, a violência doméstica, o crime, a intriga, são coisas que, no fundo, refelctem a forma como a sociedade, a humanidade, está em marcha, ou seja, em termos de ficção científica, para um cenário

caótico e verdadeiramente tóxico. Por outro lado, as pessoas rendidas e carinhosas, submissas por tipologias diversas de dominação, não obrigatoriamente no plano sexual, continuar a crescer... Assim, entre reserva moral do campesinato provinciano e benefícios e prejuízos sociais e morais do capitalismo e cosmopolitismo, há um logo caminho que pode ser descrito pela filosofia social ou meramente, dada a aridez da questão, pelo sociólogo competente para tal. O que mais me agrada no espírito americano não será somente a ênfase nas ideias de liberdade, inerente à sua história, como a França também tem, mas sobre tudo a ideia de que a realidade e o „acontecimento“, ou seja, ou termos da relação do sujeito com o meio, o Outro, por mais traumática que seja, pode sempre ter remissão, senão pela via imediata da bênção religiosa com água benta ou da conversa com o terapeuta, ou da *sexual healing*, pode ter sempre remissão nos termos em que pode eventualmente ser sempre escrita, descrita, ficcionada ou não, vista (a biografia, nisso há neles uma certa obsessão, mas que é bem maior entre nós, portugueses), analisada e se tal processo não funciona como terapia, o americano resolve a coisa sempre do ponto de vista que também temos entre nós, do desenrasque, seja pela vida intelectual seja pela via afectiva. Por isso julgo que temos muito que ver com os ingleses, mas muito também com outros povos que vão a par disso e que são e foram oprimidos e com os quais „entrámos“ em amizade e contenda: os índios e os negros<sup>42</sup>. De

---

<sup>42</sup>. Portanto, caro filósofo, reescrever a história é exercício fútil. Deixe isso para António Logo Antunes e vários psiquiatras intelectuais da praça. Além do mais,

alguma modo, a haver alguma processo de libertação do Homem (nos entido psicológico, terapêutico) em termos individuais, será no reconhecimento de que, de alguma maneira, nunca esteve, nessa fase depressiva ou neurótica, amorfa, do lado de lá, da realidade, do lado de cá do outro, estando, permanecendo fechado em si meso bastante tempo, por vezes por medo, por excesso de sabedoria ou querendo ser sábio, ou ao menos pelo menos estando ficando, sendo, permanecendo, vivendo como as plantas, fossem numa prisão, num convento ou numa casa afastada da aldeia, porque precisava disso, teria vivido o bastante para não desistir a não desistir seria afastar-se um pouco, em nome de qualquer coisa mais importante, conservar a vida, a biologia, a geologia das coisas, sentindo a força telúrica através do chão que pisava e lhe queimava a sola dos sapatos. Veja-se a este propósito *O Escafandro e a Borboleta*, de Dominique Bauby (1984), uma história comovento sobre a vida (e morte) de um jornalista francês que contrai síndrome de *locked-in* e começa a escrever, numa ideal sequeucionalmente paracida com o mais conhecido *Paciente Inglês*, com Ralph Finnes e Juliett Binoche memórias de uma guerra. Mas, enquanto não se vive, escreve-se e escreve-se

---

quem foi além do mar ia com fome e quem estava além do mar defendia o seu território. Guerra sempre haverá, tal como maus pensamentos, não serve de nada abafar tais coisas com chá não-sabemos-de-onde. A questão é: se isso te aparece contantemente como um dado, o que é que fazes com isso? AO fim de tanto tempo de sofrimento, acabas por arranjar uma maneira de vencer isso com divertimento e ainda por cima ajudar os outros com iguais padecências.

como forma de vida, para viver. Deleuze fala deste ponto?...Não se trata meramente de uma filosofia do acto de criação/decifração da realidade, mas também de uma necessidade de dar conta, de transmitir, nem que seja aos jovens, numa academia, numa aula, num papel...por um salário bastante baixo...contribuir assim para a Sua eternidade? Toda a gente anda fazendo o mento, faz besteiras, como eu, toda a vida, tentadno acertar contas com a eternidade e o infinito, tentando encontrar o ponto G do seu próprio desejo ardente de imortalidade...ou eterna juventude, vendo *O Fabuloso Destino de Amélie Poulin* e admirando a doçura de Juliette...tendo em fundo a sacral voz de João Lisboa. Mas, na verdade, é isso mesmo, enquanto o cérebro inteligente dos americanos pode ser de plástico, veja-se as cadeias de *fast food* disseminadas mundialmente, as dos europeus, nomeadamente dos russos e ucranianos, são de gelo e terra, para não dizer cimento...

Depois de muita experiência de vida, o filósofo atreve-se a pensar: não contem comigo para construir uma sociedade melhor. Trata-se da aplicação do que pode ser o princípio do *ressentimento* de que fala Arendt na sua obra *O Ressentimento na História*, aplicado desde o colectivo ao sujeito. Todo o homem, quer em termos de sonho americano ou de mundo português, procura a liberdade, mas o homem moderno, julgamos nós sob o ponto de vista de uma filosofia moral, procura essa beleza nas coisas exteriores a si, numa entidade que orbita a sua cabeça, além de si e que acaba por lhe tirar a força. Ora, julgo saber, segundo as mais variadas religiões e segun-

do a minha fé Bahá'í, a felicidade e a liberdade estão, de certo modo, dentro do espírito, como se o espírito fosse algo de certo modo ao inverso de uma caixa de Pandora, que não se pudesse abrir, mas que ventilado exalasse odores e cores maravilhosas. Não tendo o espírito qualquer forma, ou tendo a forma que o sujeito lhe pode dar, a liberdade de espírito, se ele fosse uma caixa, está dentro dele, e não pode mesmo fugir daí, pelo que discordo inteiramente da autonomia da razão enunciada por Kant, mesmo na minha condição de neokantiano, porque o mundo de hoje é essencialmente comunicacional, portanto o espírito só respira respirando e não sendo bafado dentro de uma caixa qualquer (Como um segredo? Que gosto? Que segredo?, referiria Deleuze...). Sim, diríamos, segredo, pois o que parece estar equacionado cada vez mais em certo sentido na sociedade contemporânea, cosmopolita, aparentemente liberta de condicionalismos morais, será a dupla hélice operacional em termos simbólico-representativos da relação do sujeito com o grupo social a que pertence, da sociedade a que se liga, ou seja: ao lado de zonas simbolicamente e moralmente abertas, sem sujeição a censura algum, sobretudo em termos urbano-arquitectónicos, desenham-se zonas de escurecimento do Ser, obscurecimento, vão, depósito (moral), ou seja, será bom, será mau?, em certo sentido o dualismo moral parece não funcionar na lógica maquinal do capitalismo (Lyotard), sendo que há muito tempo o marxismo foi ultrapassado como soculção (no sentido alquímico) societal, a lógica (provisória, não levei tempo suficiente para aferir mais) seria a seguinte: comba-



te relativo à libido sobr o regime da produção, consequentemente, desportividade e competição da vida urbana por relação ao status social enquanto objectivo de vida que conduz, ou não, à condição de estrela do firmamento da sociedade da plena cidadania estelar. Hoje em dia, recuperam-se também as biografias de grandes homens da história, bem como de grande heróis simbólicos das civilizações da humanidade que marcaram a fundação da civilização ocidental e da tradição judaico-cristão, como acontece com a recuperação de certos temas bíblicos em *Gladiador* (Ridley Scott) e *Spartacus*, bem como os grandes heróis da banda desenhada americana dos anos 50, como *O Homem Aranha*, *SuperHomem* ou *Batman*. Fazendo crer que, apesar da decadência dos costumes, a nossa sociedade não perdeu o rumo do moral e da moralidade (Frankl), no sentido em que a direcciona actualmente para temas mais premente como a transsexualidade, a eutanásia, a criopreservação de glândulas estaminais. Há, assim, um interesse por grande figuras históricas enquanto heróis colectivos, que arrastam atrás de si o colectivo, destacando-se dele no sentido de o afirmarem, como um interesse pelo herói sem nome, no sentido da sua performance heróica, sobretudo relacionada com causas de cidadania, direitos humanos em geral, minorias étnicas, violência doméstica, pedofilia (*Spotlight*, 2016), segurança nacional entre fronteiras. A recente eleição do multimilionário Donald Trump revela, a meu ver, o modo como os grupos, organizados em termos de sociedade-nação, necessitam de errar em certas épocas da história para acertar noutras. Julgamos que, feita a

história, isso se aplica aos casos do Japão e da Alemanha, ou seja, perguntamos nós; não terão as respectivas hecatombes originados o actual desenvolvimento dessas nações a esses níveis? Em termos de consequencialismo, podemos ver assim as coisas, o cursar e pulsar da história, ou seja, temos, a grande escala, Maquiavel no seu melhor, com um cheirinho bem forte de Thomas Hobbes<sup>43</sup>. Neste sentido, encaro, como Agostinho da Silva, em *As Aproximações*, principalmente, Mundo como uma casa e neste aspecto percebo que muitas das vezes, em certos dias de tumulto, a casa portuguesa está bastante desarrumada. Há séculos, Boécio de Dácia terá dito tudo: em *A Eternidade do Mundo*, pretende ver, no mundo que está tanto dentro da caverna platónica quanto no seu exterior, devidamente comunicacional como se fosse um teatro de sombras, aquilo que está contido ao mesmo tempo fora dele, ou seja, a substância da eternidade do mundo e logo do homem enquanto seu agente de domesticação *a la mano*, está inseta algures não somente no magma do centro da terra, mas nos eflúveos movimentos que anima os corpos e as substâncias por eles trocadas, ou seja, o mundo é não somente eterno além de Si Mesmo enquanto eternida do mundo mas efectivamente no interior de si enquanto caracterização da plétora de sentimentos que ora disfarça o homem para a frente, tornando-o

---

<sup>43</sup>. A nossa Demanda Filosófica aproxima-se, em muitos aspectos daquela que consta narrada em *Silêncio*, de Martin Scorsese: um empreendimento „individual“ de longo alcance, num curto espaço de tempo, que pede resgate de dois, três grades sábios da mesma escola.

maquinal, logo robô, ora fazendo-o regressar a Si Mesmo enquanto agente reflexivo da acção que o rodeia (porventura também daquela que lhe está marcadamente distante) quando se retira cansado do item social e cultural para o espaço onde se faz um simples deus doméstico romano (Apuleio). De certo modo, o homem moderno deseja muito viver, porque tem o instinto visionário de um falcão, (todo o homem tem em Si um filósofo em potência, ou mesmo, no mínimo, a sua própria filosofia ou *foolosophy*), por isso se torna mais cauteloso, medita e reflecte porque mede o risco, por vezes explode e bate na mulher e no vizinho, no colega de trabalho e mesmo no patrão que lhe dá o salário. Convém que se arrependa muitas vezes, porque isso é Bom, é do Bem, mesmo que vá ao médico ou ao padre ou mesmo ao guru dos sentimentos. Ainda assim, está longe de ser ele mesmo e se escolhe o caminho espiritual, tem bastante mais para andar, mas essa via (Paulo Borges e Renato Epifânio, *Via Aberta*) traz-lhe muitos prémio, o prémio de estar vivo e cons-ciente, ainda que seja troçado por outro cujo vazio talvez seja temporário, que olham por inveja para a idade e notam na velhice uma espécie de fardo. Descobri, ainda que tarde, que o meu caminho é sempre ajudar os outros, porque sei que há sempre quem oiça e como na Demanda de Ferreira, senão espalhar para longe (que muito trabalho está feito, devíamos orgulhamo-nos disso), pelo menos comungar através da Euorpa com aqueles que somos nós e constituir um forte grupo de pressão que se possa constituir como alçternativa à milionária indústria farmacológica mundial, ou seja, o espírito está aí

mesmo, na palavra e no pão, na comida deliciosa de várias nacionalidade, no encontro, na musicalidade dos falares, na descoberta eno assentimento, na surpresa com combate ao fechamento e à ignorância, na luta pela palavra, escrita ou falada sussuradamente ao ouvido. O homem, então, melhor a sua relação com o Outro, funciona nestes termos preciso: fala, observa, avalia, pesa moralmente e faz, faz e faz, depois como que tem um pára-brisas que vai limpando a consciência, como se precisasse que ela estivesse sempre livre para falar com ou outros, honestamente e olhos nos olhos, (*A Mosca*, com Jeff Goldblumm), como se precisasse de baixar constantemente as pálpebras e molhar o globo ocupar, o terceiro olho não existe, é pura ficção, senão etnoficção, mas na realidade o homem tem somente dois olhos, a mente é tão àvida que inventa fantasiosamente outros, o de baixo, entre pernas e o de cima, entre os dois, mais importantes. Assim, seguindo Cassirer, o meio do homem sobreviver é complicar, complexificar, como se gerasse uma teia e precisasse de se ocupar inutilmente ou não, na sua desmontagem e assento em diversas praças. Não se trata já de um luta do Homem com o Animal, de que falava Hemingway em seus romances, para, para levar mais a sério, da luta do homem enquanto agente da genialidade de uma entidade abstracta, de que recebe informações e que não conhece de lado algum, trata-se sim de um luta bem maior, a última e grande batalha, do homem consigo mesmo, que pouco, andando batalhados uns com os outros, conseguem empreender. Nesse sentido, uma forma mais ou menos segura de evitar certos problemas

será ter uma certa dose de dogmatismo no processo multiplicativo do real em termos de pragmatismo, ou seja, a realidade sempre se aumenta a si mesma, como o magma, mas quando encontra terreno firme duvida de si mesma, é como o pensamento, não propriamente a atividade do pensar, quando encontra algo de concreto, apoia-se naquilo que justamente põe em causa.<sup>44</sup> Assim, neste sentido, vejo a tarefa da polícia e forças de segurança como um desafio verdadeiramente mais filosófico que antropológico, na medida em que, por um lado, o migrante procura integrar através da margem, partindo muitas vezes da marge, orientando-se tendencialmente em direcção ao centro, buscando plena integração, dependendo dos seus intentos, mais ou menos honestos, dignos. O desafio é integrar diversidade cultural de que é portador no contexto habermasiano das disposição pública das vontades e reponsabilidades no espaço público democrático, regulando o prazer e o divertimento (como se a sociedade fosse um corpo, um organismo, um mantra), sendo que o sujeito, indivíduo, actor, actor social segur através de friestas oportunas de certo modo mudando de forma, deixando-se camuflar na paisagem como um „tuga“ em semana de campo...Para mim, esta tarefa tem qualquer coisa de religioso também, porque, num certo

44. Devido a este facto, cujas implicações em termos da deontologia do trabalho filosófico têm, enquanto antropólogo, ampla significação, sou católico e Bahá'í, e membro do Goetheanum, para além de diversas associações científicas, filosóficas e outras, que constituem a rede através da qual desenvolvo na minha mais recente criação, a SPAF (Sociedade Portuguesa de Antropologia Filosófica, vide online sob a mesma designação.

contexto mental, há uma certa maneira de se Ser, aí, em Si, de Ser Português, como se estivéssemos à mesa numa noite de Natal um pouco por todo o mundo e, tendo inimigos, obviamente, precisaríamos de proteger essa sacralidade que nos une e da qual, enquanto grupo nacional, comungamos. Mas que é O Filósofo, verdadeiramente? Não tem família? Namorada, trabalho, amigos, bens, vícios? Ele é, de alguma maneira, como diria Miguel Real, *O Último Europeu*<sup>45</sup>, o habitante terráqueo que fica neste planeta, como se fosse o *Príncipezinho* de Saint-Exupéry, retido com a sua rosa amorosamente, enamoradamente até sempre, enquanto todo os restantes se „safam“ em vaivéns para Marte ou outros planetas, procurando a eterna juventude, a vida eterna, o domínio intergaláctico desse Universo que nos contém e ao mesmo tempo detém em Si o Si-nal do que somos no Tempo, desnhando no espaço a imagem do que fomos, vamos sendo e estaremos surpresos descobrir em cada rosto de tom humano. Assim, segundo Lévi-Strauss, o Humano é o que pode e freqüer é próprio dela, no sentido em que o robô cumpre a tarefa e logo se desliga para sempre, sendo preciso reactivá-lo, mas o humano nunca se deslida, des-linda. Assim, a filosofia move-se no espaço do ím-possível e o filósofo é o seu agente. O que eu penso, enquanto cidadão português é que o país vive rendido ao glamou do Outro, do estrangeiro e descuro, não fando em termos de naciona-

---

<sup>45</sup>Escrevia, antes da publicação deste romance, talvez por transmissão de pensamento ou simplesmente por empatia profissional com o Miguel Real, cerca de 13-4 páginas de um romance com o mesmo nome, que não cheguei a acabar...

lismo, aquilo a que os demais povos se agarram: a sua identidade grupal, nos termos do Estado-Nação, Combinando a interculturalidade com o desenvolvimento económico, o país poderá progredir para um ausência de maladies de la civilization que um Baudrillard notou em certo tom novelesco de seus escrito, recuperando através do estudo pensadores portugueses (muitas vezes disfarçados de poetas), erguendo no mar uma plataforma de entendimento interaccional, na disposição reiteradamente própria, mesmo correndo o risco de ser maçados e negativamente avaliados Si Mesmo, porque afinal, em termos filosóficos é Só-Zinho o que o filósofo faz e, contudo, é SÓ isso que verdadeiramente importa, estar de bem consigo próprio, vazio do Outro enquanto manifestação de Si, representando isso um desafio constante à razão que se censurando se constrói, se desconstrói (por vezes monstruosamente, *A Monstruosidade de Cristo*, Slavoj Zizek) e se assinala como prota-bandeira de um identidade atreita ao Devir das coisas<sup>46</sup>. O que quer a antropologia

<sup>46</sup>. O que tem de bom a concretude e, nesse sentido a demonstração antropológica do sentido das coisas do mundo, é a simplicidade, ou seja, algo que está presente de certa forma constantemente nas ciências naturais e físicas, o dado, imediato da percepção, portanto, isso ensina-nos que, na vida, em termos pedagógicos e até académicos, a prova, a Verdade, não apenas no sentido teológico, está muito mais perto do que imaginamos, muitas vezes debaixo de nossas barbas e esta asserção representa uma directa crítica a uma certa e determinada forma de ser portuguesas suas mais diversas implicações, pelo que foi dado observar à medida em que fui fazendo trabalho de campo nestes últimos anos durante mais de 20 anos em Lisboa, contactando com os mais diversos locais e turistas, em tom ameno e divertido.

quanto a filosofia desconhecem, na sua retórica verborreica que inunda livros e livros, écrãs de computadores de universidade americanas e britânicas altamente prestigiadas, com alunos de óculos (ou não) pregados a eles durante horas a fio, porque manda o professor, porque afinal somos ou não coimbrões, perdão, académicos, é o facto de eu dizer peremptória e corajosamente que o segredo da equação da natureza humana está algures perdido entre o início da Primeira Guerra Mundial e o fim da Segunda, na questão fulcral do Dom, da Dádiva, da Antropologia do Dom, a questão pivotal que anima e explica magicamente de uma forma extraordinariamente sábia e estonteantemente simples como funciona a natureza humana em muitos contextos culturais e, logo, também toda e qualquer filosofia que se possa fazer em todo e qualquer espaço jamais imaginado. Seu grande impulsionador foi Marcel Mauss e entre nós temos, no nosso país, diversos seguidores, para além de mim próprio, certamente: João Leal (trabalho sobre os Açores e as Festas do Espírito Santo enquanto fenómeno social total), Yañez-Casal (*Entre a Dádiva e a Mercadoria*), só para nomear os que considero mais representativos da ideia que não há uma ideia de Eu, Si Mesmo enquanto Ser meramente pensante sem a concepção e consideração ontológica do Outro, portanto, não somente em Si, pmas verdadeiramente e possivelmente no Outro, não num modo meramente performativo, mas efectivo, pela que é possível a fusão, não apenas porque é desejada, mas fundamentalmente porque já Aconteceu antes do Eu ser Outro e do Outro ser Ele Mesmo em Si enquanto



Outro. O mundo pertence àqueles que percebem das relações humanas, desde os negócios à agricultura, desde as centrais nucleares às instalações secretas e militares. Onde há humanos há antropologia, sociologia, economia, demografia, ciências sociais, são as ciências do futuro, que necessitam cada vez mais de trino e aprendizagem, de gente sábia e dedicada, que não fomente a imagem do cientista social como defensor do sexo social prolixo e promíscuo com que se identifica muitas vezes o item „social“, é preciso mostra ao jovens que comunicar é estar em contexto múltimlo, diferente, intergeracional, de algum modo é estar num espaço de prazer sem estar a fazer fisicamente sexo algum, mas falando, trocando experiências de outros sentidos, portanto não uma experiência redutoramente mística ou religiosa, deixemos isso para a teologia, nem uma experiência obsessivamente obscena, desordenadamente carnal, porque em certo sentido as ciências do comportamento, onde se coloca obviamente a psicologia, estudam também o respeito pelo espaço do outro e isso, na maior parte das vezes implica comunicação, seja telepática, seja à distância, seja oral ou gestual. Desse modo, a identidade não é uma prisão condicionante, é uma dádiva que pode ser intercomunicada, partilhada, na forma de um objecto e de uma palavra, simbólica ou abstractamente, ou seja, sonhando ou estando acordado, não sendo agressivo para com a ideintidade do outro, seja Coreano ou Brasileño.

Por outro lado, pretendemos desenvolver neste contexto uma nova teoriasobre o homem, sovre a vida do homem e sobre a vida

em geral. Dizendo que hidrogénio somado a halo dá vida, em termos alquímicos e puramente contemporâneos, actuais. É sob esta fórmula que iremos desenvolver serguidamente a nossa argumentação. Porque eu mesmo entendi que a natureza humana é previsível: quando somos simpáticos em contexto citadino, não nos ligam, entendem que nos queremos meter em ceara alheia, pelo que tal tem ou não cabimento num cenário campesino; quando somos agressivos, parte imediatamente para a violência, daí poder justificar-se e explicarem-se os *guettos*, que no fundos são aldeias, grupos ou manchas identitárias em contextos megalopolíticos. A estratégia, na cidade, muitas vezes de sedução, é adquirir status e depois viver (*do alto*) à custa dele, mas isso gera efeitos perversos no sistema em termos de personalidade. Sob o ponto de vista moral, na megalópole, muitos se eneganam e vêm esta imprevisibilidade, mudança de opinião, como uma forma de falsidade. Trata-se de uma mera opção estratégica, seja do ponto de vista profissional (logo social), seja do ponto de vista amoroso (logo emocional). Na cidade, o tamanho importa, mas o que vence é a persistência e a qualidade, o trabalho e a honestidade. Por isso a maior parte dos americanos quebram, em muitos sentidos, em muitas profissões, em muitas depressões, tal como os indianos. Há muito quem diga „small is beautiful“ Muitos povos. Talvez não o nosso, muitas vezes vazio como um saco que esteve cheio e que agora nada tem para dar, te tão usado que foi, não acumulou nada porque tinha mais fome que barriga. Assim, ergo como prioritário o culto da simpatia, tal como na Noruega, o país

mais feliz no mundo no tempo presente. Assim, o homem vai perdendo a sua religião, o homem de hoje, na cidade e à luz da opinião dos outros tudo se sabe, tudo é sabido, se o mundo é uma aldeia global, uma cidade como Lisboa é um beco escuro e sujo com caixotes de lixo tombados no chão, cães lutando entre si por restos de comida. Porque, ao ver de muitos filósofos e sábios, o culto do tamanho esconde ou outro perigo maior. A ignorância, tamanha ignorância que conduz à agressividade, à crítica do Outro, à depressão e à autodestruição, como se fosse uma fome que nunca mais acaba, uma voracidade semelhante à de uma planta que, não tendo que comer, se consome a ela própria em estertor no deserto mais próximo. Em certo sentido, o Homem encontra-se em posição que „fetal“, em fechamento de si próprio, encadeado, refugiado no ventre de sua mãe como um menino aturdido, nas auroras dos tempos duros e violentos que se avizinham, do futuro que se prepara admostando as consciências, como se procurasse em Si Mesmo uma forma que não existe no Além para vencer uma força desconhecida, quase alienígena, que ameaça a sua inteligência, a sua força, a sua sobrevivência e inteligência. Assim, o verdadeiro vírus é não somente o Ébola mas a possibilidade de um homem enlouquecer vertido sobre Si Mesmo e acabar por dar um tiro na cabeça, como fez o romancista Camilo Castelo Branco. Mas tem, porém, os muitos recursos de uma *Vita Nuova* que vão para além de uma vida virtuosa, já vivida ou planeada. Deste como, como que estamos condenados no Universo; Deus é uma invenção arqueológica, O Diabo está den-

tro de nós desde sempre e é o génio que nos anima das engenharias mais ou menos gigantescas (Marc Augé, *Le Génie du Paganisme*), os Aliens somos nós. Estamos sós, nos universo, sempre estivemos, desse modo a actividade do futuro é de facto a filosofia, nada melhor do que a filosofia para desenvolver as aptidões, esse ingrediente secreto que o homem contém para se inclina gravemente sobre a felicidade, como quem observa uma planta que crescem alimentá-la de nutrientes preciosos, pensar nela mesmo quando não se lhe está perto ou regando... De resto, a outra grande fronteira é senti-mental, ou seja, da ordem da conjugação entre os afectos e o aspecto mental da vivência, sendo que a finitude marca o caminho para algo que verdadeiramente não existe: a infinitude do Ser Humano. Paraquém acreditar, então, que a eternidade, ou Deus, estão à nossa espera? Porque não admitir que, como a maior parte das coisas que fazemos, tudo tem um fim, que nos mesmos tempos um fim, que num determinado ponto mais aidnte num tempo deixaremos simplesmente de existir? Talvez, nesse aspecto, possamos viver uma vida melhor...e mesmo a tarefa do filósofo se simplifique consideravelmente e se revista de maior importância. Fundamentalmente, procuramos descrever as nossas incisões senti-mentais a propósito de um contexto etnográfico citadino, que é aquele que vivemos<sup>47</sup>. A vida não lhe

<sup>47</sup>. Por vezes vemos outros servirem-se no nosso país para gozo erótico sem sentido algum de nós Mesmos e indignamo-nos, apelamos ao nosso nacionalismos, viramo-nos para Deus (sempre para Ele, que nunca nos dá respostas científicas, ou seja, adequadas ao nosso quotidiano rufar), viramo-nos para nós mesmos então enquanto Deus e pensamos, em termos de indgnação filosófica, que terei

cabe ser vivida, em transparece subjectividade, vontade de interpretação, desordem e desrazão, os seus pensamentos são os dos outros, a sua mente está aligada durante o tempo de trabalho de terrenos, seja, seis meses, sejam dois anos, o tempo que duram as pesquisas ou as investigações husserlianas... O filósofo não se preocupa com os outros, o Outro, o aluno, apenas pretende demonstrar a sua genialidade e rececebr o devido prémio, seja o prestígio académico ou moral dentro de uma determinada comunidade, cidade, contexto. O antropólogo puxa pelos outros, dá saber, porque sabe ler (embora nem todos sejam eruditos e literatos como nós), mas ninguém lhe dá entusiasmo, é como trabalhar nas obras, é duro como o caraças, como diz os outros, como os mais diversos trabalhos manuais de alcatroamento de estradas, assistência a acidentes, polícia de trânsito, de rua, construção de pontes e viadutos, etc, a coisa tem de ser fazer por si, há um orçamento e tem de se cumprir. Normalmente, o filósofo está desligado, *on the loose*, nem sabe o que lhe espera, sabendo que o prémio será bem superior ao do sociólogo e antropólogo, que conhecem os mecanismos de compensação (veja-se a minha lógica das compensações fortuitas, neste caso, são científicas, pensadas). O antropólogo não conhece muita alegria, o seu

---

feito eu para merecer tal sina, pertencer ao mundo, descrevê-lo, interpretá-lo e ao fim e ao cabo, ao mesmo tempo, não pertencer realmente a ele, não ser um actor (social): é essa a tarefa do antropólogo e de certo modo, em sentido distinto, que poderei descrever parcamente mais adiante, a do sociólogo e do filósofo. O sociólogo destrinça as lógicas dos indivíduos e dos grupos para que a sociedade seja mais feliz, e o indivíduo também.

trabalho é duro e com o tempo torna-se sombria, como se fosse um agente secreto do saber que se desgasta em vão injustamente. De algum modo, cumpre o dever sacrificial que interpreto à luz da análise de Paulo Valverde, no princípio dos anos 90. Assim, enquanto o engenheiro, o advogado, o médico se move por causas distintas e bem específicas, o antropólogo move-se pela diferença das pessoas e faz esqui através dessa diferente, sente-se bem ao ser surpreendido, é verdadeiramente im intelectual, mais do que propriamente um pensador (do Nada), ou filósofo. Em certo sentido, é o herói civilizador de Jan Vansina das estepes africanas, o branco que saiu negro de África e se esbranquiçou e que volta a seus irmãos negros com os resultados do seu trabalho e vida no norte. Se vier para trocas, comercializar, será bem vindo e poderá ficar por muito tempo. Como disse há pouco tempo a um jovem músico no metro, a música, como outras actividades humanas, é a arte da sedução. Tocamos em primeiro lugar de Nós para Nós Mesmos, mas também, em certas circunstâncias, como numa orquestra ou num quarteto de cordas, para um público e a nossa *performance* evoluiu discretamente segundo o Parecer do público, pelo que se levanta a questão da sinusoidalidade da interpretação musical em obras clássicas... Neste aspecto também sou Lévi-Strauss, a oferta do dom de criar é para a figura feminina (ou masculina, dependendo do caso ou do contexto), o antropólogo pretende ser seduzido por aquilo que é estranho, no termos de Pessoa, entranhar (e logo traduzir) o que é estranho, mas abraçando-se dos seus quadros culturais de referência. Quando

vemos um antropólogo sorrir, todo o Mundo se desmonta e levanta ao mesmo tempo, como se ele fosse um mensageiro do próprio Deus. Por isso é tão amigo do Missionário. É como um pavão de cores desgarradas e ao mesmo tempo equilibradas, abre-se na hora certa e fecha-se quando se tem de fechar, como um relógio suíço. É neste sentido que eu vejo o Português, não apenas ancorado na sua identidade, mas como um mutante senti-mental que se adapta a todas as culturas, como já aconteceu na história e se transformador de Mundos, num re-velar de consciências<sup>48</sup> .... Mas gostaria agora de pegar simultaneamente em Innerarity e Girard, tendo também em mente Arendt. Mas, pensando melhor, parece-me que estes e outros autores, filósofos ou antropólogos, carecem da devida sedimentação que só a acção do tempo ausente de mim mesmo pode presentear, pelo que optei por fazer descansar o texto por um mês, tendo visto onde já haviam chegado.

A Vida então, resume-se ao amor? O que é o amor? É o amplexo? Quem sou eu para poder amar? Será, de alguma maneira, um estado de secular beatitude, em que postergamos a lascívia e regredimos a um estado pré-mental, pré-religioso? Girard fala nisto, bem como João Carlos Correia, nos seus escritos em torno da filosofia da religião e da arte, pois que uma sendo inspiração e fonte

<sup>48</sup>. Muitos nacionais confundem nacionalismo com identidade, esquirando-se oportunamente para outros contexto, culturas, sentidos e oportunidade, onde economicamente é mais favorável, enquanto são visitados, nos escolhos dos seus dias aziagos, por turistas sedentos de sexo, comida, barata, bebida e divertimento fácil.

da outra, leva ao seu entendimento e florescimento, gerando multidões de admiradores e críticos. No mundo de hoje, talvez a mais admirável e completa das profissões seja precisamente aquela que mais desgraçada e banal parece, a de actor, actyore de telenovela, além do teatro, à quem do cinema, na medida em torna acessível uma linguagem, no sentido íntimo da termo, sagrada, não só para aquele que interpreta um papel, mas sobretudo para aquele que, enquanto Grande Olho, o vê se consola. Portanto, há dois pólos nos termos da performance do actor, a de banal absolutamente e absolutamente divino, ou seja a sua função não é certamente „corromper“, como teria dito o prosador José Cardoso Pires, mas talvez contaminar, gerar vida onde existem cinzas, princípio de vida pronto a ser activado. Por isso o actor chora e suas lágrimas acabam por ser sal (muito mais que sal, então) que faz florescer o Homem-Planta, o herói ecologista do futuro, o novo superhomem, o homem banal que só quer viver dia-a-após dia enquanto isto dure será certamente bom, mesmo que seja uma grande porcaria. E como fica o filósofo no meio disto tudo? De certa maneira, o actor é filósofo enquanto actor, pois é tremendamente egoísta e sua forma de ser, deliviando-se com esse duplo jogo de Narciso e Apolo, seduz, a Vida cansa, o sexo cansa, mas enquanto houver há vida, de certa maneira a vida não está somente no entre pernas nem sequer no cérebro, como muitos crê, nem sequer no espiritualidade e água benta feito (no alto, como tipo acessível de ideias feitas), ele nem se quer Está(Aí), Está e não-está, intermitentemente, está mas em algo que rebenta conosco,



simultaneamente exterior e interior a nós mesmos, se quisermos no sentido deleuziano, como se o corpo fosse transparente e houvesse abertura tota, como se o Eu, não existe EU nem mundo, ou seja, do lado se chaga ao Tudo (Paulo Borges e a filosofia Zen). É claro que o homem comum vive da concreção. Mas porque trabalha e precisa de comer, como um fuga a problemas filosóficos que só alcance dos teóricos estão...

Porque o Mundo é eterno e inacabado, mas ao mesmo tempo completo em Si Mesmo, poço de felicidade em potência como uma paoila no campo, oscilando ao vento que passa, também o homem precisa de ser disciplinado, or não, dependendo dos dias ou dos caracteres, das profissões, digamos assim. Encerra-se assim, no texto, uma descrição da vida (Dante, *A Divina Comédia* e *Vita Nuova*) segundo o ponto de vista do sujeito que contagia o Mundo em seus elementos, numa escrita alé de Saramago, Antunes e M. Tavares (*Jerusalém, Viagem à Índia*) ou mesmo Luís Quintais (*Vidro, O Homem Escondido por detrás do Homem Inexistente*). Os outros não importam, o filósofo tem os seus inimigos mentais, a sua mente esvaizia-se ao sorriso que desperta nas crianças com o assentimento do pai ou da mão e, pobre, abandonado a SI Mesmo, sem carinho de um mulher, fraco, é imensamente poderoso em nós no seu refúgio e acabe por vencer, se for essa questão, os seus inimigos, no silêncio desles e na solidão do seu costado, encostado a uma parede como Cristo depois de ter sido descido da Cruz. Assim, o *homo academicus* equivale-se, noutra plano, ao homem religioso no convento. Uns

tiveram uma outros outra, eu tive as duas e talvez não queira ter mais de nenhuma, mereço o *Campo Aberto* (João de Deus). Ainda assim, bem loge terá ido o maior antro-socio-filósofo de todos os tempos, o francês Pierre Bourdieu, que destrinçou a vida académica, a sociedade (no conjunto do seu Poder), a arte, mais recentemente, ao dissertar longamente e com interesse sobre o forte simbolismo da obra do impressionista Monet. Assim, a descrição da Vida que o filósofo faz, sendo não meramente um observador policial em direito ou causa própria, ele age em nome da humanidade que é sua família. Será? Será que a maioria dos autores tem ideia do que é a humanidade, dado que meramente não se desloca mais de dez quilómetros além de seu próprio país, a não ser para ver um quadro escondido num canto num canto de uma cidade escondida dum país *decantus*? Poderá acabar numa canto ou na glória, nuca se sabe, por isso vive agarrado ao Nada e ama o cinema, os pequenos prazeres da vida e...tem inveja do antropólogo e do seu poder ingénua-mente construído, do seu-à vontade, sabedoria e savoir-faire extremamente mais que diplomático.... Vive então apenas do seu Olho, como se fosse Olho de Ouro, espião de outras coisa, fugindo do diálogo, andando assutado de um aldo para o Outro, o Olho, quando o antropólogo tem tudo na mão e vive entre os simples. Sim, porque também este texto versa sobre a opinião durante muitos anos considerada não só da relação entre filósofos e antropólogos mas também da caracterização, não somente física, de uns e outros, à luz de diversas autores e de nossa tão pessoal quanto social, procu-

rando não sem mesquinha nem avassaladora, ou seja, uma obra de arte disposta e apetecível à admiração de outros autores e público em geral, sob o dilema da *abertura-fechamento*, ou seja, se for fechada em si precisa de algum cadeado para ser aberta, se o for, dará certamente exemplo a muitos debutantes nesta e noutras matérias<sup>49</sup>. Assim, não é ao acaso que a generalidade dos actores escolhe um palco, um estúdio: será porque, de uma maneira ou de outra, tem consciência de Si Mesmo e da Vida que o envolve, seja mulher ou homem, num certo sentido pretende projectar a Sua Vida Além de Si Mesmo, a um espaço, precisa de se libertar, não só meramente pelo acidente parfernático do amplexo (fora do *Lugar*, muitas vezes). Isto leva-no ao contextualismo, ou seja, o contexto da representação de SI Mesmo no palco do Mundo, da articulação do item de eterno retorno do sujeito com o mundo, do indivíduo com a sociedade, do actor com o seu público. Assim, o mundo é, ao olhar e ao tacto, um mundo de farfanelas, lembrando a italiana expressão, ou seja, ventosas, aberturas e fechamentos surpreendente, imprevistos...perigosos. E ainda bem que o são, porque de algum modo, preservam a vida e acima de tudo talvez seja o que mais procuramos preservar, a vida em nós mesmo e aquela que, está Além. Deste modo, ainda que o bom Deus tenho sido morto, assassinado brutalmente, precisamos de o ressuscitar e trazer até, nós, juntando-o à nossa mesa de Natal, com a companhia do Pai Natal, para que mantenhamos o Bom

---

<sup>49</sup>Como diria duas músicas de Prince, recentemente desaparecido, „When Doves Cry“ (a figura edipianda do Pai) e ainda, Time, é preciso dar tempo ao tempo.

Deus no seu lugar e que ele vele, de uma maneira por nós, velemos por nós, o tratemos, mal ou bem, vindo, em nós além, e nas costas, áquem e ao redor, com ou sem qualquer, mais ou menos, em diversas cores, andando o correndo, tendo consciência da Vida que transportamos, em certo sentido. Muitos filósofo, entre os quais Paulo Borges, pretendem elidir certos fenómenos conscientes da luz do dia, como seja o juízo, certamente influenciado por filosofias orientais a que se rendem como se quisessem ser colonizados abruptamente (como é o caso da aderência à filosofia de um Osho). O que diria Nietzsche neste particular, sobretudo em termos dos enjeux sociais, das relações sociais do quotidiano? Que é próprio fazer juízos, que tal não altera o modo como percebemos o mundo, como os outros o percebem. E, alterando, não o altera em essência, por está é tão forte, em nós e na natureza (das coisas), que de certo modo, sendo imutável, muda sempre, mesmo que senquer julgemos ou algo façamos em direcção a Si ou a Isso. Assim também, quando o filósofo está muito tempo „aberto“ expõe-se também ao perigo e põe a vida e a dos outros em perigos, sob o risco de se tornar um pára-raios, um perigo que atrai perigo só para salvar os outros que, numa perspectiva maniqueísta da altercação entre Bem e Mal, o poderão estar a prejudicar mortalmente, a mina, tal como acontece com muitos espíritos mesquinhos e provincianos (Milan Kundera, *A Ignorância* ou Margaret Atwood, *O Conservador*) cujo intento é maligno, ou seja, matar, não dando ao filósofo escaptória, tempo ou refúgio para pensar em Paz. A sociedade de hoje está cheia de becos, lugares

perigosos, em ermos ou pontos, de onde saltam suicidas, muitos deles filósofos, porque simplesmente a ideia de mundo, por medo de cansaço, não entrava nas suas cogitações, mas sobretudo porque eram demasiado ambibiosos e orgulhos. Em nome de quê? Deste modo, o filósofo, como o antropólogo, são seres alienígenas, corpos estranhos à sociedade, porque têm em Si Mesmo o poder de se distanciar dos problemas que normalmente envolvem humanos. Assim, o inato é ao mesmo tempo o construído, ou seja, fazemos muito, o que queremos e o que podemos, mas se nada fizéssemos, tudo ficaria na mesma (Leonardo). Neste sentido, não apenas no plano profilático de prevenção do suicídio e evitamento da eutanásia, só a arte faz sentido. Mas o que, na realidade a arte: é uma escola, onde se desenha, inclusive números, desde o início até ao fim, de qualquer coisa, do todo que se encerra em nós, a Arte (em momentos, sobre diversas formas) sob todas as suas formas. Um autor que analise esta relação entre antropologia e filosofia em termos da relação entre corpo e sociedade (ou a sociedade como corpo, por exemplo em Almeida, Miguel Vale de (Coord.), *Corpo Presente: Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo*) é David Le-Breton, em suas diversas obras, onde desenha um mapa mental da adolescência em circuito social desgarrado, que faz lembrar a vida, já adulta do personagem principal de *Estrada Perdida*, de David Lynch e também um certo Cronenberg também em *Crash*, de J. Ballard). A meta-física do corpo, bem como da química, do corpo individual, joga-se assim, também nos termos do social, o corpo do sujeito como que

se oferece como Cristo ao seu Deus e ao Seu povo), à sociedade, para poder sobreviver, de alguma modo corrompendo-se, prostituindo-se. Assim, a sociedade está doente, pelo que o sujeito também está doente, por isso se desenvolve o negócio das terapias: porque a reflexão desapareceu da sombra da consciência humana, da ilharga do Homem-Sujeito-Indivíduo- Actor, Actor Social. Só que o actor precisa de se afirmar, por isso tem de lutar em plena moderno, com outros „galos“, fazer galos, não só para defender a sua dama, mas para defender o seu território que, actualmente é sobretudo mental, muito mais que intelectual. Assim, damos um conselho ao jovem filósofo debutante ao velho desnortado inundado de referências em seu saber: para ter tudo, o filósofo só tem de abdicar de Si Mesmo, ous eja, o que o antropólogo faz à partide e todo o seu trabalho, o filósofo tem de fazer depois do seu trabalho e na vida, para que possa sobreviver, continuar a sofrer de alguma modo acompanhado pelo Nada, mas no fundo tendo consigo o Todo que pode ser a percepção do Mundo. Neste sentido, o antropólogo é assim um alienado, dependendo da cultura que encontra, pode perder (se) (n)a sua, pode perder-se na do Outro, pode até caminhar para uma terceira, imaginária, a fim de como Príncipe ou Rei nela habitar ternamente. A vida e o filósofo enquanto descritor dela (como repórter dela) é um jogo, não é somente um filme policial onde se jogam interesses de poder, é um jogo com regras onde há tempo para tudo, para o divertimento, o esforço e a glória, sendo que também para a análise e a interpretação; neste sentido vejo as análises de Christian Brom-

berger sobre o futebol, tanto quanto a *Philosophie de l'Éxperience* de Wiiliam James como a *Éthique de l'Interpretation* de Gianni Vattimo.

Por outro lado, acho que um assunto merece profunda reflexão filosófica, que não tem tido desde há mais de dois séculos, é a questão do Trabalho. Não apenas o trabalho filosófico enquanto garante da actividade filosófica e, no fim, de um texto com que transmite à academia (aos colegas seus irmãos „nas armas“) bem como ao público em geral, sob diversas versões em que anda entretido, o seu texto, seja um artigo, seja uma tese, tal qual esta. Sim, o tratalho enquanto fenómeno, agente sacrificiador, que prende um homem a um determinado espaço num certo período de tempo, o que o priva de uma certa liberdade natural e primitiva que todos temos nos genes, mas que também liberta (*O Trabalho vos Libertará*, diziam os nazis à entrada de Birchenau, citando a passagem bíblica), não no senti propriamente bélico, mas no sentido do dever quotidiano agregado a uma profissão, como a de polícia, segurança, professor que se tem de deslocar todos os dias à mesma escola, à mesma faculdade. Assim, também o aborrecimento que provém do cansaço é item do crisol criativo da boa-vontade consigo mesmo e com os outros, no sentido franciscano e, certamente dominicano. Então porque as sociedades ditas mais felizes, como as do Norte da Europa aumentam as horas de trabalho e diminuem as de lazer? Simplesmente, é a minha opinião, sabem trabalhar em grupo,, não têm pejo em dialogar, mesmo havendo por lá católicos, não será preciso aca-

bar com o catolismo nem a questão é meramente dos termos de uma antinomia religiã/secularismo ou da relação sujeito/grupo. Digamos que o que, em nossa opinião, está em causa é que eles, de certo modo, estão mais perto do sol e fazem uma boa gestão dos bens e serviços. Não tem, o nosso país, por ter um Sol mais forte e alaranjado, de importar esses modelos à letra. Somos também felizes por cá. A felicidade, a meu ver, não se mede, sente-se, inventa-se, sobretudo trabalha-se (filosoficamente, porque não? Em favor de usufruir mais tarde. Foi isso que em certo sentido eles fizeram... Dealgum modo, como me diz recentemente Daniel Francisco, um dos melhores sociólogos deste país, „que vence nem sempre é vencedor“. Mas eu junto: estou farte de vez a sociologia, a antropologia e até a filosofia perderem ou obterem apenas vitórias morais. Desejaria algo mais fundamentado, maquinal, instintual, generoso, ambicioso, em vez de etnemente repetir os mesmo autores, algo que mergulhasse ao mesmo tempo nos clássicos e nos contemporâneos, algo como uma Fusão que não fosse meramente suicida ou publicitária. Toda a civilização ocidental em geral e a filosofia em particular se resume ao fumo, branco, sagrado ou não (Victor Turner, *The Forest of Symbols*), não tende a ver o homem como um todo e a antropologia, pelo mesno a feita entre nós ou para nós, enferma disso mesmo, talvez por um efeito perverso de medicalização e psiquiatrização da sociedade, que alimenta o cuidado de Si e dos Outro, em certos termos também o medo de Si e do Outro, acompanhada da fragilização dos sentidos e dos corpos (Michel Foucault, *É Preciso*



*Defender a Sociedade*). Mas efeitos são sentido sobretudo no centro-norte da Eupora, mais tarde sentir-se-ão em Portugal se não combater-mo o enriquecimento da indústria farmacêutica de que são culpados todos os psiquiatras. No norte, ao lado das escolas e das pesasos felizes, estão centenas e centas de hospitais psiquiátricos onde humanos (serão mesmo?) estudam humanos, sabe-se bem com que fins ou tão obscuro que são, não se sabe mesmo, eu diria em termos levi-straussianos, para conseguir mulheres (e homens), noutros termos, para alcançar o poder, que foge de tudo menos de simbólico. Outro problema que se nos depara, filosoficamente, e que se infera da questão acima enunciada do trabalho, é que há sempre alguém a tentar tomar partido, proveito, aproveitar-se, de uma maneira económica ou intelectual, tentar capitalizar, o que nos leva para a antiga questão do difusionismo em antropologia (que creio também se colocar em filosofia). Segundo me parece, todavia, todos os seres humanos confluem, querendo ou não, de uma maneira ou de outra, para a fusão de todos os corpos num só, seria porventura a transubstanciação de Cristo, fenómeno que não aprofundo, quer do ponto de vista filosófico, quer teológico ou mesmo antropológico, mas todos nós, seres humanos, enquanto individuais, unidades (no sentido numérico, se é que se pode dizer assim), confluimos e ao mesmo tempo difluimos uns dos outros, num movimento pertétuo (veja-se a famosa canção de Carlos Paredes), como se isso servisse de garante da sua caminhada no tempo e no espaço, garante também, porque **ligação**, de momentos felizes, assim como um caos conexo,

imagem que se pode verter para estudos interplanetários ou astronómicos. Por isso mesmo, embatemos, muitas vezes com a cabeça, os braços, as pernas, aos pontapés, uns nos outros e ficamos feridos, mental ou fisicamente. Neste sentido é que digo que as doenças mentais são, antes de mais, um fenómeno social. O estudo, assim do movimento dos corpos equivela-se em riqueza substancialmente teórica superior ao estudo dos animais ou dos componentes químico-astronómicos ou mesmo médico-neuronais, pois somos nós mesmos que estamos ali e aqui ao mesmo tempo, como numa sala de cinema interactivo, numa peça de teatro total, como na antiguidade houve. Ainda assim, servimo-nos do nosso passado, que não é senão dos outros, como bitola para reescrever o futuro e nos guindarmos a sensações mais transcendente sou metafísicas, necessaria ou desnecessariamente, o que pouco importa para a nossa demonstração, em que o banal, sob peso da sua frequência e força intuitiva, se transforma e torna em especial, transcendente (espacial), sobrenatural. Muitas vezes, o discurso filosófico perde eficácia e clareza ao ser denso e hermético, desguiado da realidade (o Quê?), por isso muito ganharia em ter enchimento simbólico e carga metafórica, necessariamente indispensáveis à retórica, mesmo que se corresse o risco de se ser julgado incerto, circunstancial ou despudorado. O facto, por exemplo, de não haver simplesmente, não haver, uma filosofia da guerra, ou do conflito (entre nações, grupos, indivíduos) é ilustrativos do escopo da filosofia: ela trabalha apenas com paz. Daí o seu carácter inútil, certamente. Ora, o filósofo tem de ter

consciência de que o seu trabalho é de certo modo possível também devido ao esforço de outros, por trabalho de equipa, num contexto de um estado-nação, de uma cidade (onde há sempre conflito, como de resto na aldeia, talvez nesta ainda mais, por motivos diversos) que proporciona o tempo, o espaço e a garantia de um bom pensar. Daí ter mencionado o meu perfil de objector de consciência e de simpaticante das forças de segurança (Polícia, Bombeiros, Exército, Marinha e Comandos. O estatuto de objector é respeitado e existe no seio destas forças, em que o mental corresponde ao exército de insectos (formigas, normalmente, estudam-se formigas), altamente organizado, altruísta e em plena interdependência performativa com vista a qualquer objectivo. Qualquer objectivo. Assim, quanto mais lírico é o homem, mais obcecado se torna pela sua segurança e a dos outros, talvez porque se esteja (hormonalmente) tentando reproduzir, mentalmente, socialmente, fisicamente<sup>50</sup>. O livro que mais nos terá inspirado a „obter“ esta realidade, conclusão, terá sido, há mais de vinte anos, *A Era das Revoluções*, de Eric Hobsbawm. Portanto, a questão da confluência da individualidade tem propriamente a ver com a mundialização, que vem do colonialismo (Arjun Appadurai, *Après de Colonialisme*) que, se os filósofos querem entender, têm de ler a história antropológica, antes demais. O **bias** do filósofo depende, então do seu ponto de vista; ele não de-

---

<sup>50</sup>. Por isso defendo o meio termo e uma sociedade socialista crente moderada que saiba regular os seus conflitos através do diálogo, como o fez José Sócrates, António Guterres e como está fazendo António Costa.

pende de certos quadros mentais estruturais, mais ou menos estruturados (mesmo em termos levi-straussianos), o filósofo reflecte não só sobre o numinoso mas também sobre o momento (*catch the moment on megalopolis*), ele procura soltar-se dessas amarras tradicionais para se elevar além delas como um Cristo crucificado que tem o universo a seus pés. No entanto, é atento às crianças. E, em certo sentido, é também um pedagogo a todo o instante, desperto para o sorriso que se esgueira por detrás de uns óculos escuros e um gorro citadino. Mas quem sou Eu, na verdade? Que(m) é o sujeito, se é que ele alguma vez é? Não está o Eu pós-moderno hiperrealizado, pós-comunicacional, palco de múltiplas realizade(s) (zinhas)? De algum modo, em termos camusianos, eu não estou em condições de atentar contra a minha vida porque simplesmente estou só e o facto de estar em grupo impede que esteja cedendo à fraqueza de o realizar. O mesmo se aplica à depressão e à eutanásia. E o trabalho filosófico, por isso, torna-se não só necessário como se torna indispensável enquanto terapia que aplaca essa sde de desaparecer, de se esconder, de se desmultiplicar no sentido da ausência de sentido, de se matar acabdo com tudo o que na verdade se é enquanto constructo. Assim, o social vem acabar com a solidão e trazer o homem á superfície de Si Mesmo, mas noutro sentido: somos todos monges vitadinos (Artaud, *Le Moine*), ora em tempos de paz, ora em temos de guerra fratricida. Mas o social, por ser atreito a desenvolver o envolvimento da crítica, em termos de espadachim, de esgrima de argumentos (revista *Arguments*, em geral), gera moça mental. Há que recuperar

no silêncio do espaço doméstico, como o cyborgue que se refugia para se consertar (Arnold Swarzenegger em *Desafio Total*). Assim, o antrófilo viaja sob o mundo, dentro dele, como Cristo que caminha sobre as águas, ou seja, ao mesmo tempo pertence e não pertence. Ele encontra-se diante de um dilema que duas obras lhe proporcionam, *L'Impossible Voyage*, de Marc Augé, e *A Casa e o Mundo*, de Tagore. Na verdade, ele está limitado aos livros que foi adquirindo, juntando desde jovem, com mais ou menos sacrifício: o seu conhecimento é aquele montão diverso e amorfo de livros que, tanto poderá vender (esquecendo-se de Si Mesmo para por Si Mesmo, por instrumento de uma memória longa, se lembrar) como transportar de um lado para o outro, à medida que faz a mudança de casa. Mas se o mundo é a sua casa, ele não pode julgar, no entanto tem de se movimentar, ora com cuidado ora com repentismo, pelo espaço em redor, próximo ou distante. E o medo, o medo humano, como o medo cerimonial, provém do contacto com a vida que somos, o corpos, os corpos de imagem em movimento, como no cinema, articulado em vozes de desejo translúcido, além da existência de uma essência infinita, nesse sentido além de nós mesmos e da projecção do Eu no Além enquanto meramente Outro, estilizando as preocupações obscuras com a produção e reprodução de corpos, bens e saberes existenciais (Ferreira, Camus e Sartre, bem como quase todo o Kierkegard). Assim, como no amor a regra principal é dar liberdade sem deixar de dar segurança, não queres querendo, como diz um amigo brasileiro, também a memória e o esquecimento desem-

penham um papel produtivo. Fugimos porque queremos bem, pelo que o contacto físico, a proximidade quotidiana no lar, é uma forma de posse, em certo sentido de limitação, de desconjuntamento, de falta de liberdade dada ao Outro. Também uma forma de ternura, confissão, mas talvez por isso de quebra de imaginação e distanciamento, de geração de amor que se cumpre ocasionalmente. Das duas formas, há uma intermédia, o namoro, como bem explica Alberoni. Assim, o filósofo tem como posse e em matrimónio os seus filhos, por muitos e muitos anos, de que não se pode facilmente livrar, sendo que o Saber acaba por representar, em certo sentido, o contrário do contacto físico, sobretudo pelo cuidado que há a ter. È, como defendi em diversos locais, o Dilema Carne-Espírito, debatido desde sempre na história da filosofia. No final, outro dilema surge, mas mais importante e agressivo: o sujeito tenta esquecer-se do passado, senão para o lembrar, pelo menos para o esquecer dando-o a outro personagem, mas entretanto, como se não quisesse sentir-se despojado da sua personalidade de adolescente que descobre o mundo em envolvimento de sedução, não vê outra solução em olhar constantemente para trás, como Orpheu olhava para Eurídice (Claudio Monteverdi), sentindo-se de certo modo aprisionado na sua própria existência. A solução é a arte e fortalecer nessa a narrativa de um Ser virado **a-diante** de Si, em frente de Si Mesmo e do texto que representa. Por outro lado, não nos dedicamos à arte senão para esquecer a vida, enquanto lidamos com ela, sanguineamente, esquecendo e ao mesmo tempo lembrando, como se esse movimen-

to rotativo de dupla hélice desse constante alento ao nosso caminhar na biografia **a-diante**... Assim, o antropólogo que ainda acredita, tem fé, funda uma antropologia da crença...procurando investigar os sinais da fé de Deus (do fiel) no seu coração (Fuerbach, *A Essência do Cristianismo*), procurando ver cada semelhante um Cristo que sofre e que precisa de ser resgatado, não em nome de uma religião moribunda, mas de uma fé antiga ora renovada. Enquanto isso, o filósofo terá duvidado, posto em causa, servindo-se até, mas terá também mantido a fé. Assim, o crente não precisa de se defender dos golpes que lhe inferem, como a Cristo, pois ele é **e-vidência**, o olho que tudo vê. O filósofo tem um campo, um interesse, nem que seja a clientela acadêmica e basta-lhe um desgosto e uma concordância para logo se mostrar feroz ou displicente. Assim, também o intelectual se torna animal que defende o seu território, o território do Nada pensando que sabe tudo. São assim os sofistas. Por outro lado, o branco colonizador em África (veja o texto *A África Voraz*, de Paulo Valverde, 1994) é planta que se instala no berço da humanidade para onde tenta regressar, o nativo é animal, pertence ao reino animal, mas também ao vegetal que por lá dimana força e intensidade telúrica. Assim, o que é o saber filosófico senão um conjunto de princípios, preceitos e paradigmas transmitidos geracionalmente, por meio de texto, à semelhança do conhecimento tradicionalmente adstrito ao senso-comum, mais tosco, mais verdadeiro, mais emotivo? Neste sentido, o filósofo nada num Mar Morto onde inventa palavras que são saís que mentêm sustento a boiar, julgando que está

lavrando terra frutiferamente. Nada no Nada, evitando o Tudo, o Todo, o fenómeno social total, de que tem medo porque lhe pode inspirar até ao fim da vida e além dela. Por isso tem medo e explica tudo e mais alguma coisa, mesmo uma formiga que deixou para trás, fenomenologicamente. Assim também o „enchimento“ do Ser enquanto protensão para o encontro do Outro é uma forma de representar o universo comunicacional cosmicamente transcendente, ou seja, relativo a algo que supera e ao mesmo tempo enleva os amantes, algo a-moral no seu sentido da não condenação do mesmo sob o ponto de vista das suas consequências materiais e/ou espirituais.

Por outro lado, a questão da intencionalidade (em Searle, principalmente), tem que ver com questões que são de um âmbito da filosofia do Direito, mas que a ultrapassam consideravelmente. Se eu sou bem intencionado para com o Outro, ele pode não querer minha ajuda. Se sou mal intencionado, decerto que não quer. Mas pode acontecer, em determinados contextos, ser-se bem intencionado e isso não chegar, colidir com qualquer regra moral que está além de nós mas que está também no precedente e procedimento do nosso pensamento e crença. Neste acaso, entramos numa Filosofia da Justiça, desde Miguel Reale (*Filosofia do Direito*) a John Rawls (*Teoria da Justiça*) ou Camus (*Le Juste*), considerando no limite a seguinte assertão: o que é justo e bom para mim pode não ser para o Outro. O Outro, mesmo numa sociedade democrática, sobretudo numa sociedade democrática, pode estar congeminando contra



mim mil e um estratagemas de me ver atrás das grades, ou mesmo considerando quotidianamente a minha morte, o que releva de ciências forenses e criminais, terreno em que a filosofia é parca de conteúdos. No fim, de que vale a filosofia de barriga vazia? Será o mais meritório dos esforços humanos, será mesmo um esforço supra humano, do nível da imortalidade e do transcendente, porque afinal filosofia com estômago cheio qualquer um faz. Assim, remetemos para uma leitura atenta do *Diálogo sobre a Justiça*, de Platão, onde se ensaia uma solução universal para problemas que no fundo são particular, ou seja, a articulação entre os domínios do Bem e do Mal, numa perspectiva dualista, apresentando o filósofo como solucionador não só de dilemas, mas também de trilemas e substâncias pensantes do género, equivalentes ás ideias de igualdade, fraternidade, comunidade. A questão, neste sentido, em que cada um procura ser especialista de alguma coisa e aos mesmo tempo acab especialista de coisa nenhum e do geral para o particular, é como admitir e gerir o desalento. Se quisermos elidir as doenças do coração, decerto que acabaremos mais cedo ou mais tarde por matar o deus que se certo modo somos e acabar de uma vez por todas com a alegria. Assim, parece que a vida social se torna numa *Tocatta e Fuggue* eternamente desandando nas horas de ponta, em que todos estão dispostos a qualquer coisa parecendo que é coisa sexual...

Gostaríamos de falar, de seguida de dois assuntos, um girando em torno da *economia teórica*, se é que há alguma neste texto, em certo sentido. Gostaríamos também de falar do *Rendimento Básico*

*Incondicional*, em discussão entre nós nos mais diversos fóruns. Quanto ao primeiro assunto, diríamos que se trata da casa em oikonomia e que esta é o *re-flexo* do *in-flexo* mental, pelo que mais uma vez reenciamos para o livrinho de Tagore. Os dois assunto que tratamos estão ligado a nossa biografia, pois se trata de fazer filosofia onde não há abundância material, embora haja abrigo e água. Também o filósofo chega a zonas de angústia existencial que não podem meramente traduzir-se em discurso filosófico, sociológico ou antropológico. Tem de haver, para esses momentos, uma forma de a sebe (daninha ou não) se agarrar ao pau que a sustenta. Para essas coisas, temos a economia, em sentido teorético, a actividade sexual, com compromisso ao não, com o fim de prender o Ser ao Ente do Outro, o Ser que se está transformando voluptuosa e transcendentalmente no Outro, como que fundindo-se, aqui e ali, com um tremço mal comido, uma castanha esfumarada, um estrela do mar. Em certo sentido, na dinâmica do dever, é o homem que se transforma, se adapta, como um militar tuga, adaptando-se aos elementos, como que permitindo fundir o Ser no Mundo-Aí, no sentido heideggeriano do termo. Assim, o movimento dispara, dispara o Homem na sua corrida, deixa de haver balas, perdidas ou não, trata-se enfim do que Zizek analisou e denominou por Mobilização Total, em vista à **Mobilização Infinita**, ou seja, as zonas de retenção do abaixamento do Ser acabam por substituir a elas mesma por raios de sol, mesmo sabendo que tem de haver escuridão, no sentido de re-flexão. Talvez seja isso mesmo que falta a certos jovens, não que não a tenham,

estão munidos do futuro, que são, e isso de certo modo é um encargo de responsabilidade, por isso o „exutório“ da sociedade, como se tivesse de haver um pifo para saltar gradualmente o vapor de quem ferve, masi facil ou dificilmente. Nestas coisas, enquanto o lado feminino de todo tem mais sentido da exterioridade, quer ao seu corpo quer ao desígnio dele e à alma, o homem centraliza a tensão do universo sobre o seu corpo num órgão que para a mulher é um cano, um *tobogan* por onde desliza o seu desejo, uma arma cupídica pronta a matar e aplacar o desejo, num ciclo infinito que se propaga no stress citadino e escolhe zonas de descanso (da alma) num café, num destaurante, num WC, onde se reconstitui uma história que cada um tem e que pode, ou não, contar a Outros (a quem contar?), pode guardar se tiver sentido estragético, pode ir a jogo se for caso disso, numa sociedade plenamente capitalista e de livre iniciativa, portanto. E, no meio da turba, alguém se guarda para poder disparar o tiro de cupido certamente, é um franco-atirador, está hesitante e iludido com os jogos de sedução. Converte-se então à naturalidade das coisas, a conquistar, a deixar-se cobrir de beijos e i-nundações metafísicas. A tradição *yeddish*, por exemplo, bem como o Mórnos, protagoniza essa mudança do deslocamento do homem con-turba-do para o campo, para um regime de pacificidade onde se sabe como e o que fazer, restanto apenas viver a vida. A vida regrada, com princípios, é tudo isso, arames, ampulhetas, ferros que enferrujam e se precisam de polir... de alguma maneira a fé, de um ou de outro, de uma ou de outra maneira, precisa de quando em vez ser polida. Sim,

por vezes o filósofos não dá sinais alguns e atrai, ou é atraído para uma feminina força centrípeta. Outras, dá sinais a mais e assusta como uma planta carnívora cuja voragem é do tamanho da luminosidade do mundo. Em certo sentido, voltando à questão da fórmula da vida -hidrogénio mais *halo*- diremos que teria sido necessário uma certa inscrição filosófica, mas pela via apenas da filosofia não íamos chegar lá, a não ser que tivéssemos num contexto de Faculdade de Ciências (CFCUL), nomeadamente algumas luzes transmitidas pelo Professor Nunco Nabais. O que pretendemos dizer, nesta singela dissertação sobre a Vida (que pode não ser somente ausência de falta de vida), há um componente espiritual (espírito ou *halo* ou alma) associada a uma componente física, terrena, terrífica por vezes se considerarmos os usos perversos a que pode tender a fórmula. Aliamos a uma componente (conceito) sobrenatural, seja alma ou espírito, uma componente física, por isso decidimos avançar com a ideia e gerar através de uma certa dinâmica interpessoal, uma associação que pode servir de motu operatório para compreender o mundo (quotidiano, associativo, onírico) e o que certo modo está para além dele. As zonas de reservatório<sup>51</sup> (vulgo, conventos,

---

<sup>51</sup>Por exemplo, a cidade de Lisboa pode ser ela mesma vida, não só geográfica e sentimentalmente, mas também no sentido metafísico, como uma zona imensa de reservatório, por parte dos turistas e de quem vaija, principalmente. Está no fim-princípio da Europa, perto da América (reforço a ideia de que somos ilhéus continentais, cheio de força no nosso ADN para povoar o mundo, numa terra que muitos, a não ser no Fado, chamam de madrastra. Por exemplo, em mesmo, 1992, comprei na Feira da Ladra, algo de invulgar, mesmo para o Norte da Eu-

hospitais, prisões, vide Goffman, de novo) servem ao sujeito para aquilatar do seu entrosamento na ordem social vigente, portanto a culpa, a falta é sempre circunstancial, mas em certo sentido pode também ser absoluta, vej-se os diversos crimes na comunicação social, imprensa escrita ou televisão, tais como pedoflias, violência doméstica, crime contra o património, roubos da mais variadas ordem e qualidade, raptos, *bullying* escolar, etc. Acredito que o individual nem sempre está ligado ao social, ou seja, segundo Camus, há uma queda de link em determinado ponto, o que pode conduzir ao extremo do suicídio (Camus, Durkheim), mas essa forma de abandono de si mesmo e dos seus projectos (e da vida enquanto projecto) têm como bode expiatório a própria sociedade em que se „encontrava“ inserido, pelo que „culpa“, o sintoma, a doença, têm de ser repartidos, dada a ausência de Deus nessa contingência em particular, ou seja, atribuímos certamente a Deus qualidades que são humanas, nomeadamente a valentia e a força física, mas quando no-las faltam, recorremos a Esse e a todos os deuses, romanos ou gregos, que nos valham de certa forma consentânea com as necessidades. O amor, hoje em dia é como um supermercado de andróides e bonecas sexuais, interessa não somente o comprometimento, mas o produtivo, o enchimento do nosso desejo larvar, sedento e animalesco. Pior, quando saciamos a fome nunca mais paramos, ainda que comprometido com esta ou aquela pessoa. Simultaneamente a isto,

---

ropa, os três volumensa das Oeuvre Complètes de Montesquieu, de 1773, da Librairie Hachette, Paris.

em sentido estritamente filosófico, a sociedade de hoje, no contexto cultural e social citado, não precisa masi de filósofo nem antropólogos, tampouco sociólogos e psicólogos ou outros itens profissionais relacionados com o que se entende ser uma „sociedade de mercado“, precisa si de um demiurgo, de uma inteligência ordenadora do Real, mas precisará?, não poderá desenhar-se a si mesma enquanto *chaos connected*? Ou mesmo caos espasmódicos que arbitra ele próprio a libertação controlada ou desenfreada dos desejos mais animais de uma elava humana? Não parece o filósofo um Ser derrotado precisamente porque venceu, porque deu razão ao Outro? E o antropólogo também, porque deu testemunho escrito de uma lógica que não é a dele? Não viveremos condenados à técnica, em todos os sentidos, mesmo na nossa intimidade mais *reduzida*? Fernanda Bernardo, ao referir-se a Lévinas (*De Outro Modo, Que Ser?*) contemplava exaustivamente este problema: o do excesso de sentido quando na verdade não há sentido, quando não pre-enchemos nem somos pre-enchidos fisicamente? A ausência de Amor nesse pré-enchimento do Ser não terá a ver com o que se denomina em filosofia recente de extraterritorialidade, ou seja, o dom de Estar em Sim em qualquer lugar, subsumindo-se de algum modo ao Deus em que se acreditou durante anos, em que se acredita de um momento para o Outro, ou seja também, no sentido deleuziano, quando se regista ausência de Amor, de relação com o Outro, física, emocional, espiritual (ou mesmo virtual, que actualmente se entende por *adicta*), isso cria em nós uma doença do Ser, uma per-turbação, uma entrega

à turba, à massa amorfa, como dizia o meu avô, à multidão desordenada, à irracionalidade imprevista onde, teoricamente, todos os conflitos se poderão desencadear. E, nessa ou noutra medida, nada de mais intenso, desgastante e insanável que os conflitos humanos...será mesmo assim? Nada de mais intrigante que os conflitos humanos, daí a necessidade de a filosofia se deixar comunicar, se deixar influenciar pelas ciências do humano, se é que tal já não acontece desde há um tempo em certa medida. Porque, A essa luz, os passos cumpridos pelo Ser-Aí, acolá, mais adiante e mais adiante ainda acabem por poder trazer recorrências que, sendo prevalentes à filosofia, em termos de sentir-mento filosófico causam dor, estranheza e menos valia, pelo que nesse particular a pretensa neutralidade relativamente béliza desta se antevê pouco metologicamente útil na resolução dos problemas humanos, sejam eles de ordem psiquiátrica ou meramente sociológica (Watslawick, Zizek). Assim também, no estertor na *Lógica das Compensações Fortuitas* descobre-se a irracionalidade e o filósofo, no caminho de Nietzsche, agarra-se à palavra e ao pensamento tal como o homem de negócios ao seu investimento e o construtor à sua obra, tal como o merceeiro à sua loja, o desportista á sua marca, a mulher às suas conquistas sociais, a criança aos seus sonhos, em certo sentido levado pelo desalento de uma vida cumprida, no sentido de a cumprir melhor servindo um sem número de intentos dialogais, ora fazendo lógicas (Althusser ou os pós-verdadeiros) ou espantando-se vocideradamente **Do Mundo** (Carvalho) como se a lógica do mundo fosse doce. Forçosamente,

pela via da experiência, o mundo apresenta-se enquanto i-mundo, onde seja, lugar exterior a mim ao qual tenho o direito de reivindicar tudo e mais alguma coisa para meu benefício egoísta. Mas não o faço, porque sou filósofo. Então porquê? Porque minha dor e a dor do mundo, de um mundo-para-melhor, sendo que questão da possibilidade da extirpação do Mal (ou do equivalente sofrimento) do seio do Mundo seria uma questão tão pertinente quanto a de extirpar o Bem...o que em termos antropológicos seria bem mais problemático de equacionar tal a esplêndida manifestação dos interesses diversos do que é o humano em todo o seu esplendor. Deste meio, o que tem o social a ver com a filosofia, verdadeiramente? Não será a actividade filosófica uma actividade mais própria ou próxima de quem está nas igrejas ou nos conventos, ou mesmo nas bibliotecas, do que nas ruas das cidades e dos campos? A o social não se estende a todos os campos? Estar só é ser-Se social? De algum modo, o que somos, itinerariamente em termos biográficos, no tempo fino da nossa existência, não corresponde já a algo pré-determinado, não está previamente inscrito nos genes, na educação, nas gerações que nos antecedem, não podendo nós senão corrigir ou aperfeiçoar isso mesmo, de uma maneira difícil ou menos fácil? Por outra, existe o destino, o fado? A questão é, desde já, tipicamente portuguesa, está atreita a um modo social de Ser, de Estar, de Pertencer, de Parecer? E, por fim, poderá, de algum modo, fingir-se o destino? Isso me parece ser uma questão verdadeiramente portuguesa...e merecedora



de um extensa reflexão<sup>52</sup>. Por outro lado, cinema e psiquiatria andam de mãos dadas no contexto cosmopolita, poderia perfeitamente dizer Kant *connosco*. No contexto campesino, ao invés, há um teor mais festivo e executivo (que se encontra presente também na cidade, em certo sentido, no que se refere ao trabalho). A obsessão pelo corpo é sintoma de muitas doenças mentais, tal como meio de cultivo de muito boa (ou mau, depende do ponto de vista) ou má cinematografia, pelo que a partir disso se constrói um cultura do entretenimento onde o valor dos valores é meramente regressivo, ou seja, entra por outra via em colaboração com a psicologia e a psiquiatria. Mas a psiquiatria observa o paciente de fora, ignorando o ecossistema, ou seja, vê o interior do sujeito (para além de o ver como uma unidade, um átomo de atenção particular), isolado do meio envolvente, algures entre ele mesmo e o ecossistema, dando alguma (recentemetne mais alguma) atenção ao social, seus laços familiares e envolvências radiais de afecção e relação com os outros, não tentando uma visão global que, a meu ver, Beteson e seus seguidores de Palo Alto conseguiram: ver o sujeito por dentro, por fora e ao mesmo tempo por fora disso tudo sem o considerar verdadeiramente um objecto. A meu ver, o método seria conseguir tudo isto sem prescindir do ponto de vista subjectivo, o que me parece ser altamente complicado e moroso em contexto de grande fluência de

---

<sup>52</sup>. De algum modo, tal já aconteceu, quando escrevíamos, em Junho do ano passado, a nossa tese de doutoramento, com a vitória da selecção no Europeu de Futebol, realizado em França, entre outros acontecimentos relevantes.

pacientes em grandes hospitais, sobretudo naqueles onde o contacto com a natureza (inclusivé a natureza humana) é nulo. Este método seria mais moroso, mas decerto bem mais eficaz, sobretudo porque prescindiria de alguns fármacos que deitam por terra muitas vidas que o sujeito carrega em seu dorso ao longo da sua existência. Assim, de um modo ou de outro, obedecemos à nossa mais intrínseca natureza: tornarmo-nos máquinas, reproduzirmo-nos, reproduzirmos mimeticamente símbolos e sinais de uma sociedade que evolui tecnologicamente e com ela as noções de corpo e de mente, que se moldam, por vezes dolorosamente, como atestam as doenças mentais e físicas, em nome de uma marcha, que reproduz aquela que outros fizeram desde os confins de África para norte e nordeste ou, noutros pontos, simultaneamente, em todo o globo terrestre. O cientista social e o filósofo tendem a ler o real como quem lê ou escreve um livro, julgam que ele obedece sempre a uma lógica, ao geito de Einstein, analogia com a premência da prova que sempre faz geito para se sentir academicamente seguro, socialmente seguro, na guarida, em casa...mas poucos são aqueles, como Zizek ou Sloterdijk, de resto, que se desprendem da lógica no próprio texto e o deixam correr como corre a própria realidade, solta, sem lógica, tal como é a natureza, irreal, selvagem, desordenada, irracional, ilógica. Talvez se aprendessem todos a ter esse hábito de fazer o que se pode chamar de uma **Crítica da Suspensão do Juízo**, tanto em termos kantianos como neokantianos, veríamos, mais adiante, outras lógicas, não só do domínio da esplendorosa arte de ver e produzir

artefactos de lazer e contemplação, bem como de diálogo e imprecação, como teríamos algo como uma sociedade mais justa, mais equilibrada, menos atreita aos condicionalismos das libidos desordenadas dos sujeitos, porque em certo sentido é disso mesmo que se trata, em sentido batailliano, o desejo, apenas o desejo e sua gestão mais ou menos inteligente ou sábia, a sua administração dos domínios do doméstico, da praça pública, dos media, dos novos media... Por vezes mesmo, a sociedade não conhece mão, nem sequer no direito e na governança tradicional, pois na maior parte das vezes a cultura do povo e da massa permitem-lhe desprezar o fantoche político, usá-lo e deitá-lo fora quando dele não precisa, ante a seriedade do seu papel, mais ou menos eivado de um espírito religioso ou transcendente, portanto, há sempre fugas na tentativa de concatenação de uma sociedade onde o que escapa é o humano, pois este é equivalente à água do rio, *líquida* (Baumann), esvai-se como a vida, não conhece dono e, de algum modo, a tarefa do cientista social é um modo de desencantamento, desprendido, enquanto não for uma mera descrição evenemencial, fenomenológica, do que sucede, do que Parece, ficando para o filósofo a sombria e solitária tarefa de per se destrinçar o sentido deste mundo e do outro num refúgio à beira-mar ou junto à lareira na sua casa de inverno...

Assim, o espírito humano, no sentido não somente levi-straussiano, vence por intermistura das diferenças, ou seja, na verdade, como disse há pouco tempo através da web, há só uma raça humana, não diferentes raças (na verdade, o que há são etnias). O espírito

humano progride como que uma bola de bilhar, em contacto bom bolas de outra cor, mas todas são na verdade bolas, de alguma maneira equivalentes, consentâneas, entregues ao mesmo jogo do frio, do gelo, dos trópicos, do ritmo diverso do que é humano e neste sentido o que me parece ser mais desafiante para a sociedade moderna democrática, no sentido habermasiano, enquanto antropólogo, habituado a observar e falar com pessoas de diversa origem, formação e entendimento, seja como conciliar no espaço nação (que comporta por leis, a noção de povo), a diversidade cultural, ou seja, tendo em conta, como dizia já acima, os emigrantes que afluem, tanto à Europa quanto aos Estados Unidos, bem como a outros como o Japão ou a Rússia, se me permitem dizê-lo. Neste particular, a função quer do filósofo, pelo seu entendimento desapegado e abrangente, quer do cientista social, são, como sempre foram, úteis tanto ao homem de negócios como ao político ou ao simples *entrepreneur*, mesmo no plano estritamente economicista, se for esse o caso. Mas também as identidades se deslocam, ou seja, se distanciam do que é o Ego moderno, sujeito a constantes adaptações, onde a competição por *status*, fama, prestígio, um pouco à imagem do Big Men da Melanésia, representam uma nova demanada e desafio que atrai não só homens como sobretudo mulheres às cidades modernas, pretendentes à dignidade e direitos que outras nunca tiveram. Muistas vezes, também, o actor social (ou actor, no sentido restrito), nem sequer quer um artil de mulherres e bens ou admiração, quer silêncio e respeito face ao seu intento de criar, face à sua

profissão, apenas quer fazer o seu trabalho, ideia que me parece bastante legítima, recorrente na filmografia americana desde os anos 70 em diante em todo o seu sentido espectral<sup>53</sup>. Assim, há na nossa forma de argumentar, uma simplicidade como que ecológica, ao mesmo tempo contemporânea e franciscana (não fosse São Francisco e Santo António de Lisboa o mais poderoso revolucionário de todos os tempos), algo que arrepiava grande parte dos filósofos, nomeadamente os de língua alemã, que estão habituados a ler Holderlin e Goethe, ou seja, aumentar em complexidade para reduzir em simplicidade, como se o género humano fosse, de alguma maneira, génio (humano). Assumimos essa postura e a daqueles coagidos e rejeitados da sociedade, provavelmente excomungados por não afinarem conforme a norma, mas em certo sentido são esses que, sociologicamente ou não, acabam por fundar uma nova norma, novas normas e feitios de comportamento, além, no Tempo e num Espaço que se estendem além da manipulação dos corpos e dos conceitos, das admoestações, da fatalidade dos dogmatismos, que cansam, também das tradições, que não se renovam, das revoluções, que de tanto que se esperam se acabam por provocar. Assim segue algo (em) que seguimos, nós... Na verdade, o que é um texto? Certo antropólogo americano diria que as culturas devem ser lidas enquanto textos. Mas um texto é uma cultura ou é a cultura? Cultura é manifestação de um povo ou manifestação de um sujeito supostamente

---

<sup>53</sup>. Veja-se em abono disto mesmo, a recente proposta doutoral de Possidónio Cachapa, sob orientação de José A. Bragança de Miranda.

criativo? Ser-se um génio literário não é de algum modo uma manifestação do social, do meio envolvente, antes de ser manifestação de um ser iluminado, que o é de certo modo socialmente, em vez de ser superhomem criativo? Assim, o génio, descrito e explicado por Nietzsche, é qualquer coisa de epifenomenal ou restringe-se à zona límbica do sujeito-poeta, pintor ou escritor? O filósofo, ao invés, vive angustiado entre um mundo a que não pertence totalmente e outro mundo a que não se quer entregar totalmente, porque de certo modo, partilha das mesmas sensações do homem comum (Sócrates, simplesmente), sendo possível uma filosofia do senso-comum e do quotidiano. Assim, também o filósofo tem as suas necessidades básicas (entre asquais, como o artista, o afecto) e quando vê vacilar os seus interesses, seja elas quais sejam, reage qcomo qualquer outro, utilizando não uma retórica do consenço mas da imprecação, da raiva, do sentimento imprevisto do momento. Estamos, assim, entre um mundo tradicional que se está aperder, o mundo que contém e se desenvolve uma determinada retórica de reprodução de uma determinada visão do mundo, e o mundo avançado, o das cidades, onde teoricamente tudo é possível, entre altos e baixos, entre cinema e filosofia...E que dizer do mau temperamento dos heróis, que para conseguir o que querem, seja no futebol seja na política, acabam por „levar tudo à frente“ ou verem o seu mau carácter inflamado pela mediatização que eles próprios criara? Neste sentido, o mais difícil no mundo contemporâneo não será tanto ser famoso ou herói, ser pobre ou desprezado (insignificante), mas em certo senti-

do, manter-se no meio, conduzir com equilíbrio a sua vida, como diria Cícero, no meio termo“ das coisas, das pessoas, do pensamento. O verdadeiro herói das sociedades civilizadas passa a ser o cidadão exemplar, que tem família, um lar, filhos para educar. Esse é o desafio maior, nem sequer será a abolição dos preconceitos ou discriminações pois eles são de certo modo, a julgar pelo caminhar histórico, cíclico. O verdadeiro herói é, então, aquele que chega a casa e não bate na mulher nem discute com ela, num mundo onde a violência da rua e dos media (que está já dentro de casa, disposicionalmente, em todos os sentidos e vertentes) não se reflicta na esfera doméstica. Sendo a família a mais antiga instuição conhecida, esta questão faz particularmente sentido, pois é no lar que tudo começa, inclusivé a aventura do Ser social...A questão é, também, que o filósofo já não acredita em Deus, pois de certo modo substituiu-o na sua função social, escavou nas ruas respostas para as suas infindas interrogações e procura de algum modo estar feliz fora da esfera da especulação porque de certo modo precisa de reconhecimento e ainda acredita no amor. O erro da sua vida „desajustada“ pode ser duplo, ou seja, pode ser culpa dele ou da sociedade e aí voltamos à relação pivotal de toda a sociologia, ele precisa de, como um deus grego (que age temporalmente) de ser adorado, faça o que fizer, pense o que pensar, não se contenta então de saber somente filosofia, mas química, engenharia, arquitectura, acústica, direito. No fundo da sua razão ausente, ele procura ser, como todo o ser, resgatado, superar enfim, o humanismo entrar num movimento per-

pétuo de ideias, em escolhos e em circulação, tal como a moeda e o símbolo, mais „sujos“ porque de certo modo arreigados ao que o Mundo É. A resposta para a fama, o sucesso e até a falta de inspiração está do lado de lá do desejo, além dele, só que ele a fraqueou vezes demais, pelo que agora admite quere ficar deste lado, numa nuvem do não-saber (Mattoso, a Nuvem do Não-Saber), ponderando a sua entrega corporal ao Mundo, porque não mais o poderá resgatar e relativizar a sua entregar, pelo que o único caminho é mesmo a especulação e a privação, misturada com dados da ciência social, numa saturação e excesso sem limites, sabendo tudo, vendo e conhecendo tudo. Onde antes havia falta, agora há excesso e a procura do Amor perde em favor da satisfação física, que gera rancor, violência verbal e física, atordoamento do Ser na sua finitude, caminho para a infinitude que a religião promete, quando a felicidade se torna efêmera e apenas o resultado de um trabalho num país com alta taxa de desempregados. Assim também, a luta do filósofo não é com a sociedade, contra a sociedade, mas talvez uma forma de Ser, de aceitação, o seguimento de um caminho que só ele pode trilhar e que tem mais do que o Devir como testemunha ou característica, a saber, a **imprevisibilidade**. Do lado de lá do desejo, sozinho, perdido na noite, o filósofo continua, assim, lutando com o Nada, contra o nada, como se fosse esse Nada uma parede, o que Sartre terá dito e este filósofo prefere uma vida incerta e dolida a uma vida estatutariamente situada, com todos os certames da boa riqueza e concorrência, prefere afinal o risco no infinito a partir de



si mesmo, e ainda que se encontre só e sem a im-possibilidade do corpo do Outro, chega-lhe qualquer coisa à alma, que será o amor por um Mundo, por um Estar, um Estar-Aqui, reiterado pelo aco- metimento do Ser contra o seu corpo, seja ofensa, pecado ou mera transmutação de lugar no espírito mais cuidado e persistente, afinal tudo está presente, até na ausência dos limites e a força do social revela-se, ainda que velada, in-velada, em tectos esconsos escondida. O Estar passa a ser estar aqui e ali, neste lugar e noutro, enquanto o espírito manda manter as estruturas simples do pensamento para se **man-ter** agarrado à materialidade que, nesse sentido, seria uma forma de o sujeito se eternizar na reiteração de algo de Si Mesmo. Assim, quotidianamente, o filósofo não chega nunca à felicidade, a não ser em certos lampejos em que, com brevidade, se apaixona (pelas coisas, pelos símbolos, pelas pessoas, num rasgo, brevemente), mas conhece pela reiteração dos hábitos uma certa felicidade possível, na repetição de certos gestos uma tradição de viver, um tentâme, porque sabe afinal que a felicidade é para poucos e talvez seja assunto perigoso, porque difícil de manter (secretamente, apenas pelo trabalho, como um construção underground ou no cimo de um monte, onde ninguém tope). À instabilidade mental do Estar deste lado, Aqui, ele prefera a insta-bilidade do estar ali, além de Si Mesmo, mesmo que o Si ensaie uma uga constante a referências, memórias e encontros de uma vida romântica e de seus sonhos, porque o filósofo nunca poderá ensinar filosofia nem ser funcionário do Estado, há uma porque a aquela é uma experiência intransmissível,

única, não se destina a ser partilhada, por isso nos faz felizes e sábios, se uma e outra coisa não for o mesmo, depois porque o peso de ser funcionário de Estado apenas é compatível com uma forte dose de puritanismo, coisa à qual o filósofo não pode ceder<sup>54</sup>, porque ele de algum modo persegue o amor, o amor que não existe na sua sociedade, pelo menos a seus olhos, existe sim, o ciclo freudiano da satisfação da libido, encontros, desencontros, equívocos e vozes, então ele está sempre projectado para diante, antropometricamente, enquanto as suas estruturas sociais, românticas, estão às suas costas, o puxam na direcção contrária, para trás, se acaso ser puritano estruturalista for ser conservador, se acaso ser hedonista for ser progressista<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup>. ONFRAY, Miche. A Potência de Existir, a favor de uma nova espiritualidade.

<sup>55</sup>. Como diz a canção, são „coisas do mundo /que se devem ver ao longe“, do grupo dos anos 80 Heróis do Mar.

## ÍNDICE

Capítulo I. . . . .	27
O Homem como Animal Simbólico. Esboço e Fundamentação de uma Antropologia Filosófica a partir de Kant, Cassirer, Plessner e Gehelen	
Capítulo II . . . . .	43
O Dom da Dádiv. Um Paraíso e Paradigma Teórico Perdido Reflexões a Partir do legado de Marcel Maüss. O Amor Humano	
Capítulo III. . . . .	45
A Lógica das Compensações Fortuitas Análise da vida social a partir de uma ciência social de modo a erigir e explicar uma relação entre Filosofia especulativa e Antropologia do Simbólico, com a ajuda da Sociologia	
Capítulo IV . . . . .	48
O Código da Vida: Ensaio sobre a Fundamentação e Análise do Curso da Vida (Humana, Vegetal, Animal e Extra-Humana) enquanto manifestação de uma antropologia em certo sentido filosófica	

Capítulo V . . . . . 49

A Descoberta da Finitude das Coisas e das Ideias como Tomada de Atenção para o Valor da Vida (Humana): Camus, Sartre, Kierkegaard

Capítulo VI. . . . . 63

Do Homem Competente ao Homem Feliz: Destino, Probabilidade, Certeza e Prova ante o Trilho por Caminhos que levam a Lugar Algum

Capítulo VII . . . . . 67

Da Antropologia Social à Etnofilosofia Legitimação de um discurso sobre a alma africana expressa através da arte. Uma Interpretação Filosófica. Algumas Reflexões sobre a figura d' O Pensador enquanto representante da negritude

Capítulo IX . . . . . 117

Rememorando Dune, Blade Runner, Alien e Silêncio Um olhar sobre algumas obras de Ridley Scott, Wim Wenders, David Lynch e Martin Scorsese O papel da Religião enquanto visão unificadora do Real

Capítulo X . . . . . 133

A Explicação-Justificação da Acção de Quase Tudo relativa  
ao Eu na Relação com o Outro: Sartre, Heidegger, Geertz,  
Balandier, Augé, Marcuse, Blanchot, Lévinas

Capítulo XI. . . . . 139

Mitos e Mitemas Filosóficos sobre o Pretenso Racismo  
filosófico do antropólogo e sua Aparente Passividade Trans-  
cendental. . . . . 139

